



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Mestrado em Ciências da Educação – Avaliação Educacional

**A educação ambiental como prática da gestão escolar
no ensino fundamental**

Vanei Mota dos Santos

Orientador: Professor Doutor Vítor José Martins de Oliveira

Évora 2010



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Mestrado em Ciências da Educação – Avaliação Educacional

**A educação ambiental como prática da gestão escolar
no ensino fundamental**

Vanei Mota dos Santos

Dissertação apresentada para obtenção do grau de
Mestre em Ciências da Educação – Área de Especialização em Ciências da
Educação

Orientador: Professor Doutor Vítor José Martins de Oliveira

Évora 2010

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi um percurso árduo e predominantemente individual e, por muitas vezes, solitário. Contudo, quero manifestar a todos que me ajudaram nas diversas dificuldades que surgiram e que de alguma forma me auxiliaram neste trajeto: familiares e amigos, companheiros de trabalho, professores do curso, pessoas que trabalham nas instituições que consultamos informações e, em especial, ao Prof. Doutor Vitor Oliveira, responsável pela orientação desta dissertação, que demonstrou paciência para as minhas dúvidas e hesitações.

A todos os meus agradecimentos, muito obrigada.

TÍTULO: *A educação ambiental como prática da gestão escolar no ensino fundamental*

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Sustentabilidade. Gestão. Interdisciplinaridade.

RESUMO

O presente estudo de caso buscou estabelecer um diálogo no campo da gestão escolar subsidiada por alguns fundamentos da educação ambiental, a fim de investigar e compreender as práticas de Educação Ambiental, suas contradições e suas potencialidades, através da gestão, dentro da estrutura e organização vigente da Escola de Ensino Fundamental. O estudo contou, em concreto, com a participação de diretores, vice-diretores, coordenadores pedagógicos e professores de duas escolas do ensino fundamental. Considerando as respostas coletadas durante as entrevistas semi-estruturadas com a equipe técnica-administrativa e dos questionários aplicados com os professores, podemos concluir que a educação ambiental tem sido tratada como temas transversais isolados, em algumas disciplinas e por alguns professores, sem o resultado de uma construção coletiva em um processo de desenvolvimento do projeto político pedagógico; este por outro lado, pareceu constituir-se como um documento, sobretudo formal, em pouco contribuindo para uma educação ambiental de caráter interdisciplinar.

TITLE: *Environmental education as a practice of school management in elementary school*

KEYWORD: Education. Sustainability. Management. Interdisciplinarity.

ABSTRACT

This case study sought to establish a dialogue in the part of school management aided by some fundamentals of environmental education in order to investigate and understand the practices of Environmental Education, its contradictions and its potential through the management, within the current elementary school structure and organization. The study counted in concrete, with the participation of directors, deputy directors, pedagogical coordinators and teachers from two elementary schools. Considering the responses collected during semi-structured interviews with the technical team and administrative and questionnaires with teachers, we can conclude that environmental education is being treated as transversal themes isolated in some subjects by some teachers, without result of a collective construction in development process of Pedagogical Political Project, the other hand, seemed to constitute itself as a document, especially formal, contributing little to an interdisciplinary environmental education.

ÍNDICE GERAL

Índice de anexos.....	vi
Índice de Tabelas.....	vii
I- FUNDAMENTO TEÓRICO	
INTRODUÇÃO.....	3
1-Estrutura da dissertação.....	4
CAPÍTULO 1- Gestão Democrática: Uma resposta organizacional à emergência da Educação Ambiental	
1-Educação e Gestão Escolar.....	7
1.1 – Administração.....	9
1.2- Democracia.....	11
2 - Da administração escolar até a gestão democrática.....	13
2.1. Gestão Democrática.....	14
2.2 - Breve análise da gestão democrática na LDB.....	15
3-Projeto Político Pedagógico: Importante instrumento da Gestão Democrática.....	17
4-A problemática da gestão na implementação da Educação Ambiental na escola.....	20
CAPÍTULO 2- GRANDES DESAFIOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
1-Ambiente e Meio Ambiente.....	25
2- A Educação Ambiental e o Desenvolvimento Sustentável.....	26
3 - Educação Ambiental.....	28
3.1- Educação Ambiental formal, não formal e informal.....	30
3.2-A transversalidade do tema Meio Ambiente no Ensino Fundamental.....	31
4-Educação Ambiental e interdisciplinaridade.....	32
5-Pensamento da complexidade ambiental.....	36
II- COMPONENTE EMPÍRICO	
CAPÍTULO 3- METODOLOGIA DO ESTUDO	
1- Objetivos do Estudo.....	42
2- Opções Metodológicas.....	42
3- A estratégia do estudo de caso.....	44
4- Caracterização dos participantes.....	45
5- Procedimento de coleta e análise de dados.....	46
5.1- Técnicas e instrumentos de coleta de dados.....	47
5.1.1- A entrevista.....	47

5.1.2-O questionário.....	49
CAPÍTULO 4- RESULTADOS: ANÁLISE E DISCUSSÃO	
Nota introdutória: O perfil dos participantes.....	52
1- Análise e discussão dos dados.....	55
1.1-Análise da categoria de tipo descritivo.....	57
1.1.1- Concepções sobre Educação Ambiental.....	57
1.1.2- As competências e habilidades necessárias à gestão escolar para organização e desenvolvimento de uma educação ambiental.....	64
1.1.3- Contribuição do Projeto Político Pedagógico da escola na implementação de ações para a educação ambiental.....	68
1.1.4- Desafios e limitações vivenciados pelos professores no cotidiano escolar, para práticas de educação ambiental.....	71
1. 2- Análise das categorias de tipo interpretativo.....	74
CAPÍTULO 5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	
1- Principais conclusões.....	82
2- Implicações e linhas para futuras investigações.....	87
BIBLIOGRAFIA.....	90

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I – Protocolo das entrevistas.....	98
Anexo II – Questionário aplicado.....	127

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 01- Perfil dos Participantes: Faixa Etária.....	52
Tabela 02- Perfil dos Participantes: Gênero.....	53
Tabela 03- Perfil dos Participantes: Tempo de serviço.....	53
Tabela 04- Perfil dos Participantes: Área de formação.....	54
Tabela 05- Perfil dos Participantes: Situação Profissional.....	54
Tabela 06- Perfil dos Participantes: Trabalho no último biênio.....	55
Tabela 07- Entendimento sobre “ambiente”.....	58
Tabela 08- Entendimento sobre Educação Ambiental.....	60
Tabela 09- Percepção de Desenvolvimento Sustentável.....	61
Tabela 10- Você trabalha o tema meio ambiente em sala de aula.....	64
Tabela 11- Importância do papel do diretor na escola para organização e desenvolvimento da educação ambiental.....	64
Tabela 12- Competências do diretor de escola para desenvolver a educação ambiental.....	67
Tabela 13- Habilidades/aptidões do diretor de escola para o desenvolvimento da educação ambiental.....	68
Tabela 14- Avaliação do Projeto Político Pedagógico da escola.....	69
Tabela 15- Contribuição do Projeto Político Pedagógico da escola para o desenvolvimento da educação ambiental na escola.....	70
Tabela 16- Mudanças da prática a partir do desenvolvimento do Projeto Político Pedagógico da escola.....	71
Tabela 17- Dificuldades em por em prática o Projeto Político Pedagógico da escola.....	72
Tabela 18- Utilização freqüente de práticas de educação ambiental com os alunos.....	73
Tabela 19- Apoio da Gestão da escola nas atividades de educação ambiental na escola.....	74
Tabela 20- A Educação Ambiental tem sido praticada na escola como tema transversal e interdisciplinar.....	75
Tabela 21- Dificuldades ao desenvolver práticas de educação ambiental na escola.....	78
Tabela 22- Principais desafios a serem superados pela gestão escolar quanto à implementação de práticas de educação ambiental.....	80

I- FUNDAMENTO TEÓRICO

INTRODUÇÃO

Introdução

Este estudo tem como objetivo estabelecer um diálogo no campo da gestão escolar subsidiada por alguns fundamentos da Educação Ambiental, a fim de que a complexidade ambiental se torne viável no cotidiano do espaço escolar, onde evidenciar e compreender os principais problemas ambientais de nossa época tem-se revelado um grande desafio. Não pretendemos apresentar “receitas” prontas ou verdades absolutas como forma de modelo, mas ideias para serem refletidas e reelaboradas, servindo como uma introdução sem pretender esgotar o assunto.

Estamos diante de uma realidade na qual se processam transformações de conhecimentos, valores e atitudes que devem ser incorporadas ao processo educacional. Nesse contexto, a educação ambiental precisa ser incluída, pois traz toda uma recente discussão sobre as questões ambientais e a necessidade de se construir uma nova realidade.

No que tange à gestão escolar, os desafios se intensificam na proporção que crescem os problemas sociais, pois o gestor se depara com a contradição entre o ideal e o real na solução dos problemas vivenciados na escola como, por exemplo, a situação de insegurança, frequentemente considerada por alunos, pais e responsáveis como má gestão da escola. Mas, na realidade, o gestor pode encontrar-se diante de uma complexidade de problemas que envolvem não só a escola, mas a sociedade como um todo.

A gestão escolar deve ser analisada permanentemente e revista com profundidade em uma sociedade de mudanças aceleradas e com contrastes muito marcantes. Por isso, é preciso oportunizar ao gestor reflexões mais profundas, sérias e compromissadas do seu papel social, da sua ação pedagógica. Nesse sentido, a atuação do gestor tem fundamental importância no direcionamento e organização do espaço escolar, principalmente no que se refere à discussão e reflexão sobre a problemática ambiental.

Ainda em construção nas escolas brasileiras, a educação ambiental é um campo de conhecimento que se desenvolve gradualmente no dia-a-dia de educadores que realizam o processo educativo comprometidos com a causa ambiental. Nessa perspectiva, todos os envolvidos no processo educacional devem ter a responsabilidade por uma busca coletiva da emancipação social que possibilite a identidade cultural e provoque o espírito de mudança positiva para reorganização global da humanidade. Isto

implica necessariamente que, como formadores de opinião, analisem e assumam uma formação cidadã que preencha as necessidades e exigências de transformação da sociedade que idealizam.

Existem muitos desafios para adotar tais princípios, principalmente na execução de ações no espaço escolar e, além disso, é preciso comprometimento das pessoas para aprender a cooperar com a mudança, pois a prosperidade da sociedade está diretamente ligada à capacidade de transformação da cultura atual em cultura sustentável, incluindo a ética, o respeito às diferenças nas relações sociais e a reciclagem no uso de materiais.

Neste trabalho procura-se refletir sobre a problemática da gestão democrática da escola em viabilizar uma Educação Ambiental, em seu cotidiano, de forma efetiva e comprometida com a construção de uma nova sociedade ambientalmente sustentável. Globalmente, apresentamos reflexões sobre a referida questão com base na realidade de duas escolas públicas do Ensino Fundamental.

Acreditamos que a educação ambiental deve ser permanente em nosso meio e que sua continuidade depende das respostas dadas aos desafios que surgem na sociedade como um todo, principalmente nas escolas, na qual esperamos que a educação ambiental torne-se componente essencial do nosso cotidiano.

1- Estrutura da dissertação

O presente trabalho encontra-se organizado em cinco capítulos, os dois primeiros referentes ao fundamento teórico, os dois seguintes à metodologia de estudo, apresentação e análise dos resultados, antecedidos pelo módulo da presente introdução e terminando com o capítulo de considerações finais.

A introdução especifica o alvo inicial do estudo, nela apresenta-se também uma análise dos estudos que serviram de base à revisão da literatura, procurando sintetizar as principais contribuições que trouxeram para o estudo em questão.

O primeiro capítulo corresponde à fundamentação teórica da temática em estudo, no qual se apresenta um panorama conceitual, construído a partir da revisão de literatura efetuada sobre a gestão escolar. No segundo capítulo apresentamos alguns dos grandes desafios enfrentados pela educação ambiental e suas principais vertentes.

Enquanto isso, o terceiro capítulo é constituído pela contextualização e descrição metodológica do estudo empírico. Desta forma, começa-se por justificar as opções

metodológicas adotadas, especificamente a coleta de dados através de investigação por entrevistas semi-estruturadas e questionário. Em seguida, apresenta-se a metodologia concreta utilizada no estudo, descrevendo-se os procedimentos considerados concernentes, caracterizando os instrumentos de pesquisa utilizados e no quarto capítulo realiza-se a apresentação, análise e discussão dos resultados derivados a partir da coleta de dados através dos instrumentos utilizados.

Por fim, no capítulo cinco são apresentadas as conclusões mais importantes que nos apareceu fidedigno retirar do estudo realizado, bem como as reflexões que consideramos oportunas e pertinentes.

Para além da bibliografia incluimos ainda como anexos os documentos fundamentais que serviram de suporte ao estudo: protocolo de entrevista (anexo I) e o questionário aplicado (anexo II).

CAPÍTULO 1
GESTÃO DEMOCRÁTICA: UMA RESPOSTA
ORGANIZACIONAL À EMERGÊNCIA DA
EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA

1 - Educação e gestão escolar

A educação ou processo educativo é um processo social que se desenvolve como um sistema, através do qual se busca o ato de provocar ou produzir mudanças comportamentais naqueles indivíduos que se encontram em atividades educativas. Advinda do latim (*educere*) a palavra “educar” significa literalmente conduzir para fora. Nesse sentido, ela pode ser identificada como uma espécie de exteriorização ou formas de conduzir uma exteriorização (movimento de dentro para fora). (Rohden, 1997).

Existem vários conflitos no que se refere ao significado da palavra “educação” como, por exemplo, o questionamento sobre se podemos ou não falar de uma única definição geral de educação. Como aponta Brandão (1995), “não existe uma educação, mas sim educações”. Segundo o autor, “não existe um modelo único de educação, assim como, a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor”. (p. 09).

Ao defender essa idéia, o autor se refere ao fato de que a educação está presente nos mais diferentes âmbitos: na igreja, na escola, em casa, na rua, ou seja, na vida de maneira geral, na qual formal ou informalmente, estamos sempre aprendendo um pouco mais, sob essa ótica, ele dirá que a educação nada mais é do que “uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade”. (Brandão, 1995, p.07).

Para Libâneo (2005), a educação possui grande participação na produção de idéias, crenças, qualificações, bens e poderes. Por isso, segundo o autor, a educação contribui na construção de tipos de sociedades:

A educação, ou seja, a prática educativa é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades. Cada sociedade precisa cuidar da formação dos indivíduos, auxiliarem no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, prepará-los para a participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social. Não há sociedade sem prática educativa não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos de conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-los em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade. (p.p. 16-17).

Nessa perspectiva, educar envolve o momento histórico da sociedade e a ideologia que predomina esse momento. Deste modo, pode-se que apesar das mudanças educacionais, sociais e econômicas acontecidas no decorrer da história, o processo educativo no Brasil está a transitar entre o modelo tradicional e as tendências pedagógicas.

Sendo assim, a escola tem um papel importante, uma vez que detém parte da responsabilidade pela construção do conhecimento, o que deve despertar em todos os envolvidos no processo educacional, a responsabilidade pela busca coletiva da emancipação social que possibilite a identidade cultural e provoque o espírito de mudança para reorganização da sociedade.

No entanto, as mudanças educacionais vislumbram, atualmente, novos horizontes para o desenvolvimento do processo educativo, no qual os currículos educacionais deixam de ser padronizados para serem um leque de mecanismos da prática educativa que consideram tanto o empenho do educando quanto do educador.

Para Luck (2000), no geral, em toda a sociedade, houve uma grande modificação no modo de pensar das pessoas que consideram como ultrapassado o autoritarismo, a centralização, a fragmentação e o conservadorismo por conduzirem ao desperdício, ao imobilismo, à falta de responsabilização por atos e seus resultados e, em última instância, ao fracasso de suas instituições:

Em meio a essa mudança, não apenas a escola desenvolve essa consciência, como a própria sociedade cobra que o faça. Assim é que a escola se encontra, hoje, no centro de atenções da sociedade. Isto porque se reconhece que a educação, na sociedade globalizada e economia centrada no conhecimento, constituem grande valor estratégico para o desenvolvimento de qualquer sociedade, assim como condição importante para a qualidade de vida das pessoas. Embora esse enfoque não seja plenamente adotado e, quando levado em consideração, seja orientado, ainda, por um velho e já enfraquecido paradigma orientador da cobrança, em vez de participação, ele tem grande impacto sobre o que acontece na escola, que é hoje, mais do que nunca, bombardeada por demandas sociais das mais diversas ordens. (Luck, 2000, p.12).

Nessa perspectiva, é de suma importância a existência de um lugar permanente de aplicações – reais simuladas ou mediadas – de todos os conhecimentos que forem constituídos ao longo do curso de formação dos cidadãos, incluindo atividades de elaboração de projetos pedagógicos, de diagnósticos, proposição e execução de

programas, ou iniciativas de integração entre escola e comunidade, trabalhos de equipe envolvendo gestão, planejamento e avaliação.

Todo esse movimento, alterando o sentido e concepção de educação, de escola e da relação escola/sociedade, tem envolvido um esforço especial de gestão, isto é, de organização da escola, assim como de articulação de seu talento, competência e energia humana, de recursos e processos, com vistas à promoção de experiências de formação de seus alunos, capazes de transformá-los em cidadãos participativos da sociedade. Trata-se de uma experiência nova, sem parâmetros anteriores para a qual devemos desenvolver sensibilidade, compreensão e habilidades especiais, novos e abertos. Isso porque tudo que dava certo antes está fadado ao fracasso na nova conjuntura. (Drucker, citado por Luck, 2000, p. 12-13).

1.1 – Administração

Atualmente o processo de administrar tem exigido dos gestores maiores esforços para condução da gestão escolar. A compreensão de disciplinas heterogêneas e um trabalho pedagógico interdisciplinar tornam-se grandes desafios, no contexto escolar, fazendo-se necessária uma visão pautada na participação de todos os envolvidos no trabalho pedagógico e, principalmente, exige um planejamento prévio para se alcançar os objetivos propostos.

As administrações atuais devem procurar cada vez mais buscar sistemas administrativos em sintonia com o mundo pós-industrializado que impõe regras, modismos, informações e tecnologias que se processam em uma velocidade muito grande, exigindo modificações e tomadas de decisões cada vez mais rápidas. (Santos, 2002).

O processo administrativo tornou-se também tão importante quanto o próprio trabalho a ser executado, pois a administração não é um fim por si só, mas um meio para que se possa fazer com que as coisas sejam realizadas da melhor maneira possível, proporcionando um melhor custo e com melhor eficiência e eficácia.

Dessa forma,

Henry Fayol foi o autor responsável pelo desenvolvimento da teoria clássica da administração, onde se preocupava com o aumento da eficiência da empresa através da sua organização e com a utilização de princípios básicos da administração em conhecimentos científicos. (Chiavenato, 1983; p.67).

O norte americano Taylor foi o fundador da administração científica. Primeiramente, ele se deteve a estudar os tempos e os movimentos nas produções industriais e percebeu que os operários produziam bem menos do que poderiam e lhes faltava maior estímulo e competitividade. Assim, percebeu então que os operários baixavam sua produção ao perceber que deixavam de ganhar, mesmo produzindo mais do que outros, pois todos que recebiam os mesmos valores, o que gerava insatisfação e conformismo. (Chiavenato, 1983; p.68).

Tendo em vista as considerações do autor, pode-se perceber que para se gerenciar uma empresa ou qualquer outra atividade organizacional é necessário termos como objeto administrativo o ser humano, pois ele é o foco essencial para o estabelecimento das atividades empresariais, sendo o trabalho social, dentro das organizações, que promoverá os mais variados objetivos, tais como: o lucro, o comércio, a prestação de serviços públicos, o ensino, etc..

Nesse contexto, a gestão escolar envolve tanto o aspecto de racionalização do trabalho envolvido para se alcançar determinados fins, como também, a coordenação do esforço humano coletivo. Segundo Chiavenato, “como unidade social, a organização identifica um empreendimento humano destinado a atingir determinados objetivos, como função administrativa, refere-se ao ato de organizar, estruturar e integrar recursos e órgãos”. (Chiavenato, 1983, p.69).

A organização e o planejamento dentro de uma gestão escolar são de fundamental importância para que se concretizem os objetivos previstos no processo educativo, o que é efetivado com a ação e determinação gerencial dos esforços humanos somando-se à harmonização e coordenação dos trabalhos a fim de garantir o sucesso do processo educacional.

O processo educativo instituído nos grupos escolares baseia-se nas atividades técnicas, administrativas e pedagógicas. Existem também os aspectos gerenciais, pelos quais são organizados os objetivos pedagógicos que se almejam alcançar, como o tipo de educação (tradicional ou participativa) que será implementada na formação dos educandos, quais os conteúdos abordados na formação do ensino, etc.. A concepção técnica-científica que também recebe a denominação de administração clássica ou burocrática é o modelo mais comum de organização escolar que encontramos na realidade educacional brasileira. (Libâneo, 2005).

A administração clássica escolar que, ainda hoje é predominante em nosso país, é extremamente centralizada e fechada e, além disso, a sua estruturação hierarquizada de tomada de decisões é realizada de cima pra baixo, deixando assim de se ouvir os demais componentes do processo educacional (professores, educandos, dentre outros). Nessa abordagem é relevante o cumprimento das ordens e a execução dos objetivos que já foram tomados de antemão. Na sociedade pós-capitalista, predominam as novas tecnologias da informação e do conhecimento, porém nossas escolas, especialmente as públicas, mantêm o mesmo modelo industrial da década de 30, privilegiando a hierarquia e não o trabalho coletivo, participativo e democrático. (Santos, 2002).

O gestor de uma escola deve atuar em buscas constantes de novas estruturas de gerenciamento participativo fulcradas na inclusão dos indivíduos que compõem a coletividade. Para isso, é necessário e essencial abrir canais de participação com a comunidade escolar como um todo, pois a escola requer trazer ou resgatar a participação do coletivo expresso no maior número de indivíduos. Dessa maneira, será dada ênfase a um processo democrático amplo de participação do coletivo em substituição ao processo autoritário que preconiza um excessivo individualismo sobre o coletivo.

A participação do educando é fundamentalmente necessária para que haja a valorização dos seus conhecimentos, ou seja, aqueles conhecimentos que já estejam incluídos na aprendizagem contextual de seu dia-a-dia. Deste modo, é importante prepará-lo para refletir e se integrar formalmente nas discussões de interesse coletivo, através da democracia e do respeito às leis que regem a nossa sociedade.

1.2- Democracia

O processo democrático que se expandiu no mundo moderno é extremamente necessário no meio escolar. A escola possui um papel relevante na prática democrática levando a reflexão sobre a importância do respeito aos diferentes posicionamentos e compreensão dos problemas da educação e do meio ambiente.

Nesse processo democrático o ato educacional deve priorizar a participação. Nesse ponto de vista, é necessário a união de todos na construção de uma sociedade responsável e comunitária, na qual o aluno deve ser crítico para que haja um pensamento livre e uma maior ação autônoma de todos os envolvidos direta ou indiretamente na construção do meio sócio-educativo.

O exercício democrático da gestão depende de uma ação coordenada que implica em deveres e responsabilidades. A participação é o meio essencial para se assegurar a gestão democrática, o que possibilitará o amplo envolvimento dos setores no âmbito escolar e a participação da comunidade na tomada de decisões da escola.

Nessa perspectiva, a participação visa o envolvimento de toda a comunidade escolar desde os educandos até os pais dos alunos. A comunidade tornar-se-á comprometida com as metas e os objetivos que a escola se propõe a atingir, desde os programas curriculares desenvolvidos, a contratação de funcionários, a aplicação dos investimentos que serão realizados na escola. Nesse sentido, o modelo democrático de educação é um processo e encontra-se em transição, pois é especificamente através da experiência que se tenta resgatar o homem como sujeito histórico. (Hoffmann, 1994).

Assim, a escola visa, em parceria com a comunidade, alcançar sucesso em ações como: a execução do Projeto Político Pedagógico, a qualidade da merenda servida aos alunos, a fiscalização e a participação na execução de gastos e controle dos recursos, a escolha de compras de materiais didáticos, etc., e também, a restrição de medidas autoritárias por parte da direção e dos demais funcionários da rede escolar. “A participação fundamenta-se no princípio da autonomia, que significa capacidade das pessoas e dos grupos para livre determinação de si próprios, para a condução da própria vida.” (Libâneo, 2005, p.329).

A complexidade de problemas que o gestor encontra na escola pode, em muitas situações, distanciar o seu discurso das práticas que estabelece em seu dia a dia. Dessa forma, “as atribuições legais, embora exijam do diretor de escola maior ênfase no trabalho pedagógico (atividade-fim), acaba dando margem à predominância do administrativo-burocrático (atividade-meio)”. (Santos, 2002, p.27).

A gestão democrática é dependente da articulação entre os setores político-administrativos que gerenciam os recursos econômicos e que é a base do investimento em salários, estrutura física, na contratação de profissionais, na compra de materiais didáticos, ou seja, a escola depende dos órgãos governamentais superiores, tais como: as Secretarias de Educação dos Municípios, do Estado e do Governo Federal.

Nesse contexto, a autonomia escolar torna-se dependente da articulação administrativa entre esses setores, para que se promova uma democratização com qualidade para respaldar os anseios (contratação de profissionais qualificados, compra de materiais didáticos de qualidade, recursos para melhorar e qualificar a infra-estrutura, dentre outros) da comunidade.

A direção, juntamente com os membros da equipe escolar, deve exercer uma gestão co-participativa e responsável. Tal gestão deve ser um instrumento participativo de todos que assumem a responsabilidade pelas metas e estratégias que serão implementadas na qualificação dos educandos. A presença da comunidade na escola, especialmente dos pais, tem várias implicações. Prioritariamente, eles e outros representantes participam do conselho de escola, da associação de Pais e Mestres, para preparar o projeto pedagógico, acompanham e avaliam a qualidade dos serviços prestados. (Libâneo, 2005).

A escola é um ambiente que resiste a mudanças e que mantém uma estrutura fechada com predominância de trabalhos burocráticos e mecânicos, sendo imprescindível que esta sofra uma verdadeira transformação, necessitando agregar novos valores para que venha alcançar novas realidades como: a presença dos pais no processo educativo da escola e a colaboração de todos que o conduzem. É necessário levar em consideração o “currículo oculto”, isto é, os conhecimentos prévios do aluno, com a finalidade de prepará-lo para pensar e agir democraticamente numa sociedade nem sempre democrática. (Santos, 2002).

Deste modo, a escola possui um sentido maior que o de simplesmente qualificar trabalhadores para o mercado de trabalho, isto é, o processo educacional deve fornecer os instrumentos necessários para que, de fato, estes possam se expressar e participar das decisões coletivas na sociedade, priorizando a reflexão, no que se refere à relação de interdependência existente em todo nosso limitado planeta Terra.

2 - Da administração escolar até a gestão democrática

A escola reflete as modificações da sociedade no decorrer da história, pois esta é o reflexo da formação de hábitos e costumes da cultura de um povo, de uma nação. Em meados do século XVIII, inicia-se, a revolução industrial, período em que foram impulsionadas latentes modificações no êxodo rural, ou seja, intenso deslocamento de trabalhadores da área rural para o meio urbano. Desta maneira, há uma intensa transformação no modo de vida do homem como o crescimento desordenado das cidades, a intensificação da produção, alargamento das relações comerciais entre os povos e dos meios de comunicação mais distantes.

Nesse contexto, a estrutura escolar precisa se modificar e o gestor possui grande contribuição, pois espera-se que ele assuma a direção como um membro ativo da comunidade escolar e não como “funcionário provisório”, destituído de qualquer compromisso com a instituição e seus membros. A administração escolar precisa romper ou atenuar as formas de estruturação ou de função da administração clássica, fundamentadas nos moldes da eficiência técnica-científica, da produção voltada para a obtenção de maior produtividade pautada na racionalização dos recursos humanos e de capital, na repetitividade e excessiva burocratização, nas quais predominam a rigidez e a hierarquização. (Santos, 2002)

2.1- Gestão Democrática

Nas escolas, a realização da gestão democrática dá-se pela participação na escolha de objetivos, na constituição conjunta do ambiente e do trabalho. Práticas como a participação, o diálogo, a discussão coletiva, a autonomia, são indispensáveis na gestão democrática e efetivar as decisões tomadas coletivamente exige que a escola esteja bem coordenada e administrada. (Libâneo, 2005).

Para tanto, faz-se necessário que o gestor assuma o papel de um líder cooperativo que consegue aglomerar aspirações e expectativas da comunidade escolar e articular a participação de todas as categorias da escola na gestão em um projeto com objetivos comuns. (idem). O Projeto Político Pedagógico é, portanto, um instrumento de autonomia da escola, na medida em que ela se mostra com identidade própria. No entanto, mesmo reconhecendo a identidade de uma escola ao permitir que ela apresente o seu Projeto Político Pedagógico, o sistema escolar estabelece condições e limites para a sua execução. (Vieira, 2003).

Nesse sentido, é primordial desenvolver uma cultura de participação e um comprometimento que supõe um redimensionamento dos papéis tradicionalmente executados, bem como a utilização efetiva de órgãos colegiados existentes na escola. Entre esses órgãos de participação mais conhecidos estão os conselhos de classe e os conselhos de escola ou comissões que surgiram no início da década de 80. (idem)

Todo esse trabalho de articulação nem sempre se dá sem problemas. Portanto, “a organização escolar democrática implica não só a participação na gestão, mas a gestão da participação”. Dessa maneira, não pode ficar restrita ao discurso da participação e as

suas formas externas, todas as atividades promovidas pela escola como as eleições, as assembleias e as reuniões devem possibilitar a participação das pessoas. (idem)

O processo de organização escolar em uma gestão democrática deve valorizar a participação da comunidade escolar no processo de tomada de decisões, concebendo o trabalho dos professores como principal no funcionamento da escola, através do diálogo e do consenso. (Libâneo, 2005). Para o autor, a organização geral deve agrupar aspectos como: a organização da vida escolar, dos processos de ensino e aprendizagem, das atividades de apoio técnico-administrativo, das atividades que asseguram o relacionamento entre a escola e comunidade.

É primordial para o sucesso de uma gestão democrática que se efetive a avaliação de cada aspecto citado anteriormente. A avaliação implicará na análise coletiva dos resultados alcançados e na tomada de decisões sobre as medidas necessárias para solucionar as deficiências encontradas. (idem).

2.2- Breve análise da gestão democrática na LDB

A Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) foi formulada logo após a promulgação da Constituição da República Federativa Brasileira. A LDB (lei nº9.394/96) surge como resultado de embates processados entre as diferentes forças políticas representadas no congresso nacional e contempla algumas reivindicações de setores organizados da sociedade civil, principalmente no que se refere à defesa da escola pública. (Dourado, 2003).

A LDB (Lei 9394/96) defende a abertura educacional através da democratização da educação, onde educandos e educadores são valorizados, o exercício da gestão democrática germina alterações positivas no cotidiano escolar e o processo educativo assume um novo papel de incluir e emancipar o educando, levando-o a transpor barreiras para atingir, além de novos conhecimentos, a compreensão de sua realidade e, ao mesmo tempo, inseri-lo como parte integrante da sociedade.

Segundo Dourado (2003), a LDB normatiza a gestão democrática e garante dois instrumentos primordiais da participação que são: a elaboração do Projeto Pedagógico e a participação da comunidade escolar em conselhos escolares. O Projeto Político Pedagógico é proposto com o objetivo de descentralizar e democratizar a tomada de decisões pedagógicas, jurídicas e organizacionais na escola, buscando maior participação dos agentes escolares.

O Projeto Político Pedagógico poderá garantir o caráter dinâmico da vida escolar em todas as dimensões. Para tanto, será necessário que esteja em permanente avaliação, em todas as suas etapas e durante todo o processo de execução. Previsto pela nova LDB/96 como proposta Pedagógica, o Projeto Político Pedagógico proporciona o crescimento e o amadurecimento das escolas na definição coletiva de sua forma de organizar-se autônoma, pedagógica e administrativamente. Nesse sentido, Projeto Político Pedagógico pode significar uma forma de toda a equipe escolar tornar-se co-responsável pelo sucesso do aluno e por sua inserção na cidadania crítica.

Outro importante instrumento para efetivação da gestão democrática é o conselho escolar no qual há uma busca intencional de consenso sobre os problemas e as soluções sem, entretanto, esconder as diferenças, os interesses pessoais, os conflitos e as relações de poder. Nesse contexto, uma equipe madura, na verdade, estimula a divergência de modo que possa ser alcançada a melhor solução cooperativamente. (Libâneo, 2005).

O conselho escolar também pode ser chamado de colegiado e tem como principal função democratizar as relações de poder. Libâneo (2005) afirma que o conselho escolar deve ter atribuições consultivas, deliberativas e fiscais em questões definidas na legislação estadual ou municipal e no regimento escolar. Geralmente, tais atribuições envolvem aspectos pedagógicos, administrativos e financeiros. Inicialmente, a composição do conselho escolar segue a paridade de 50% entre integrantes da escola: funcionários, técnicos em educação, professores, alunos e pais.

De acordo com Dourado (2003) a gestão democrática, no sentido lato, pode ser entendida como espaço de participação, de descentralização do poder e, portanto, de exercício de cidadania. Nessa perspectiva, a LDB aborda aspectos que asseguram tais princípios entre eles a participação política, a descentralização dos processos de decisão e de execução e o fortalecimento das escolas.

A LDB dispõe, ainda, sobre os princípios norteadores da gestão democrática nas instituições públicas de educação básica (compreendendo a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e Médio). Segundo a LDB, no artigo 3º, inciso VII, o ensino será ministrado com base no princípio de gestão democrática do ensino público, na forma da lei e da legislação do sistema de ensino. (Dourado, 2003). A LDB instituiu que a escola é um espaço de formação de cidadãos e difusão de valores. Desta forma, a questão do papel do gestor ganha relevância ainda maior porque será a partir dele, de suas atitudes,

da forma como lida com os seus preconceitos e conceitos que outros valores, vícios e virtudes poderão ser definidos.

Nesse contexto, houve uma profunda ressignificação no processo de ensinar e aprender no qual um novo paradigma curricular surge com conteúdos de ensino que deixam de ter importância em si mesmos e são entendidos como meios para produzir aprendizagem e constituir competências nos alunos.

3 - Projeto Político Pedagógico: Importante instrumento da Gestão Democrática

O Projeto Político Pedagógico tem sido um valioso instrumento para a gestão democrática e, por isso também, é objeto de estudos para professores, pesquisadores e instituições educacionais, em busca da melhoria da qualidade de ensino. No sentido etimológico, o “termo projeto vem do latim *projectu*, particípio passado do verbo *projicere*, que significa lançar para diante”. (Ferreira, 1975, p.1.144).

Segundo Gadotti (1994), o projeto político pedagógico é entendido como a própria organização do trabalho pedagógico da escola como um todo e deve prever um futuro diferente do presente:

Todo o projeto supõe rupturas com o presente e promessas para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma nova estabilidade em função da promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente. Um projeto educativo pode ser tomado como promessa frente a determinadas rupturas. As promessas tornam visíveis os campos de ação possível, comprometendo seus atores e autores. (Gadotti, 1994, p.579).

Em busca de um rumo, uma direção, o projeto político pedagógico passa a ser uma ação com intenção e sentido específico. Nessa perspectiva, a autora Veiga (1995), afirma que o projeto político pedagógico:

Ao se constituir em processo democrático de decisões, preocupa-se em instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico que superem os conflitos, buscando eliminar as relações competitivas, corporativas e autoritárias, rompendo com a rotina do mando impessoal e

racionalizado da burocracia que permeia as relações no interior da escola diminuindo os efeitos fragmentários da divisão do trabalho que reforça as diferenças e hierarquiza os poderes de decisão. (p.14).

Para tanto, faz-se necessário o desenvolvimento de uma cultura de participação e um redimensionamento dos papéis tradicionalmente executados. A escola possui grande importância como espaço de discussão, debate e diálogo estabelecido numa reflexão coletiva. O autor Vasconcelos (2002), confirmou que:

O projeto político pedagógico (ou projeto educativo) é o plano global da instituição. Pode ser entendido como a sistematização, nunca definitiva, de um processo de planejamento participativo, que se aperfeiçoa e se concretiza na caminhada, que define claramente o tipo de ação educativa que se quer realizar. É um instrumento teórico-metodológico para intervenção e mudança da realidade. É um elemento de organização e integração da atividade prática da instituição neste processo de transformação (p. 169).

Nesse sentido, o projeto político pedagógico da escola dará os indicativos necessários à organização do trabalho pedagógico, que inclui o trabalho dos docentes em sala de aula, bem como a utilização efetiva de órgãos colegiados existentes na escola como, por exemplo, o grêmio estudantil, o conselho escolar, o conselho de classe entre outros.

A primeira condição para que o projeto seja reconhecido é que a sua elaboração e produto representem o resultado de um processo amplo de participação de todos os setores da comunidade escolar, o que deverá assegurar que ele seja assumido por todos e não somente pelo diretor. (Vieira, 2003, p.91).

Nesta caminhada é importante ressaltar que o projeto político pedagógico é denominado político por estar intimamente articulado ao compromisso sociopolítico correspondendo aos interesses reais e coletivos da maioria da comunidade escolar. Nas escolas brasileiras a elaboração do projeto político pedagógico se trata de um processo relativamente novo, na qual se faz necessário a formação continuada dos vários agentes (professores, diretores, coordenadores pedagógicos, auxiliares de apoio e os da comunidade), para que possam fazer uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido nas escolas frente às novas demandas educacionais.

São inegáveis que a elaboração e execução do projeto político pedagógico são tarefas nada fáceis e que requerem aprendizagem e amadurecimento por parte da comunidade escolar, uma vez que as escolas ainda vivenciam um modelo de organização e funcionamento de acomodação e reprodução. Nesse contexto, a autora Veiga (1995), defendeu a idéia que:

Para que a construção do projeto político pedagógico seja possível não é necessário convencer os professores, a equipe escolar e os funcionários a trabalhar mais, ou mobilizá-los de forma espontânea, mas propiciar situações que lhes permitam aprender a pensar e a realizar o fazer pedagógico de forma coerente. (p. 15).

Nesse sentido, o projeto político pedagógico surge para favorecer a renovação e a mudança de cultura da escola. Nesse processo, o diretor possui grande responsabilidade, pois cabe a ele conduzir o projeto “articulando as diferentes ações trabalhando com as lideranças de base, acionando novas frentes, acompanhando a sua implementação e promovendo a escola de informações”. (Vieira, 2003, p.95).

Tradicionalmente, a escola é vista sem definições próprias compondo o sistema de ensino sem nenhuma identidade e autonomia como se todas as escolas fossem iguais. Para organização da escola democrática, pública e gratuita são necessários ao projeto político pedagógico os seguintes princípios norteadores: igualdade, qualidade, gestão democrática, liberdade e valorização do magistério.

O envolvimento da comunidade é fundamental nesse processo e, para tanto, o diretor terá que desenvolver uma ação estratégica que se inicia com a sensibilização no sentido de ganhar a confiança das pessoas e torná-las parceiras. Acontece que a participação da comunidade não poderá ocorrer de forma desordenada e acidental. É preciso regular esse processo, definir canais de comunicações adequados e preparar as lideranças. O que ocorre, então, é uma mudança profunda em todas as relações existentes, inclusive nas relações de poder consagradas no modelo organizacional reconhecido. (Vieira, 2003, p. 95).

No entanto, para que a escola adquira identidade e autonomia, ela deve conseguir reconhecimento social pelas ações implementadas e pelas conquistas alcançadas gradativamente diante de sua comunidade e não somente pela homologação

de uma lei ou planejamento, o que exige muito esforço e luta de todos os membros da comunidade escolar, principalmente para quem exerce o cargo de direção.

4 - A problemática da gestão na implementação da Educação Ambiental na escola

Pela gravidade da situação ambiental na maior parte do mundo, destacando o Brasil, se tornou crucial a necessidade de implementar a educação ambiental para as novas gerações em idade de formação de valores e atitudes.

A educação ambiental apresenta-se como construção de um novo paradigma que contemple os anseios populares de melhor qualidade de vida socioeconômica e de um mundo ambientalmente sadio, também, tem como um de seus objetivos gerais uma ampliação da consciência individual para uma consciência coletiva. No entanto, para realização de uma educação popular como indicam os pressupostos da Educação Ambiental faz-se necessário resgatar o planejamento como ação pedagógica essencial no contexto escolar.

Nessa perspectiva, é indispensável para a efetivação da educação ambiental na escola que a gestão viabilize a elaboração e execução do projeto político pedagógico, instrumento importante da gestão democrática, para se alcançar uma postura integrativa e propiciar a participação de todos os envolvidos no processo de educação ambiental. Tal tarefa é nada fácil ao diretor de escola que vivência uma extensa problemática, no que se refere, ao planejamento escolar. Segundo Guimarães (1995),

O planejamento do ensino tem sido na atual prática pedagógica um procedimento desgastado, desvinculado da realidade do processo pedagógico, determinado autoritariamente de cima para baixo resultando em ineficácia e em esvaziamento de seu objetivo. (p.41).

Nesse contexto, cabe ao diretor orientar juntamente com a sua equipe pedagógica todos os envolvidos no processo de construção do Projeto Político Pedagógico para que ele não se desvie para o improvisado sem resultados significativos. Para tanto, entende-se a necessidade de existir uma gestão que se dedique ao projeto já que para alguns professores, devido muito trabalho e desmotivação, seria muito difícil assumirem atribuições além das que realizam.

A maioria das escolas não está estruturada para a realização de atividades de educação ambiental entre diferentes disciplinas e professores. A interdisciplinaridade é uma ação difícil na prática, havendo dificuldades em executar com sucesso planejamentos que visem essa integração, ocorrendo muitas vezes projetos e ações de forma isolada e sem o devido mérito por parte da gestão.

No entanto, apesar das adversidades acreditamos na escola como “lócus” irradiador de novas práticas, valores e relações com o ambiente natural e sócio cultural, iniciativas de conservação, limpeza e manutenção, principalmente no entorno da escola, juntamente com atividades de sensibilização ambiental em férias, praias, manifestações culturais de valorização do folclore regional e conservação do patrimônio entre outras, ainda que surjam de iniciativas pouco expressivas e desacreditadas, são instrumentos valiosos entre a escola e a comunidade, contribuindo para a produção de novos conhecimentos sobre a educação ambiental.

Todavia, muito ainda deve-se percorrer para se alcançar o real sentido da educação ambiental na escola, não bastam apenas atitudes “corretas”, como por exemplo, separar o lixo seletivamente para ser reciclado, senão ocorrerem mudanças também nos valores consumistas responsáveis por um crescente volume de lixo nas sociedades modernas, além do desenvolvimento do sentido crítico e das aptidões necessárias para restabelecer a complexidade dos problemas ambientais.

No trabalho de conscientização é preciso estar claro que conscientizar não é simplesmente transmitir valores “verdes” do educador para o educando; essa é a lógica da educação “tradicional”; é, na verdade, possibilitar ao educando questionar criticamente os valores estabelecidos pela sociedade, assim como os valores do próprio educador que está trabalhando em sua conscientização. (Guimarães, 1995, p.32).

Desta forma, efetivar o projeto político pedagógico no ambiente escolar é uma importante estratégia da gestão democrática para envolver alunos e professores de forma prazerosa no processo de educação ambiental, acreditamos que com “uma educação participativa se possam atingir os mais elevados ideais de uma educação libertadora, transformadora de valores pré-estabelecidos e comprometidos com a formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade em que estamos inseridos”. (Guimarães, 1995).

No que se refere à educação ambiental o diretor terá a função de coordenar o planejamento do roteiro de atividades a serem desenvolvidas promovendo a participação dos demais integrantes da comunidade escolar; apresentar os objetivos gerais de cada tema básico; providenciar material para ser trabalhado por professores e alunos; sugerir e apresentar atividades de educação ambiental; organizar os eventos que envolvam toda a comunidade; ser um elo entre os diferentes professores, entre as atividades desenvolvidas pelo professor e por entidades comunitárias; buscar apoio, divulgação e meios para realização dos projetos de educação ambiental, entre outros.

Geralmente as atividades de educação ambiental favorecem um ambiente lúdico e desenvolvimento prazeroso dos alunos com o processo educativo, além de associar a ação de diferentes professores, o que propicia uma maior integração entre os mesmos, facilitando as ações transdisciplinares na escola. Todas essas características são desejadas pelos princípios da educação ambiental que não se diferem dos princípios da gestão democrática, pelo contrário se complementam.

Para Luck (2006, p. 61), os quatro pilares sobre os quais se assentam a eficácia escolar para realização da democratização da gestão escolar são: a autonomia, a existência de recursos sob controle local, a liderança pelo diretor e a participação da comunidade. Enquanto isso, no Brasil as diretrizes e políticas do programa de educação ambiental possuem como princípios básicos: a participação/integração, descentralização, reconhecimento da pluralidade e diversidade cultural, multi e interdisciplinaridade e a transversalidade. Nessa perspectiva, acreditamos que a educação ambiental possui forte relação para a prática da gestão escolar, no que se refere às bases de transformações nas quais se sustentam.

A educação ambiental é, por definição, apontada como portadora de processos individuais e coletivos que contribuem com: (1) a redefinição do ser humano como ser da natureza, sem que este perca o senso de identidade e pertencimento a uma espécie que possui especificidade histórica; (2) o estabelecimento, pela práxis, de uma ética que repense o sentido da vida e da existência humana; (3) a potencialização das ações que resultem em patamares distintos de consciência e de atuação política, buscando superar e romper com o capitalismo globalizado; (4) a reorganização das estruturas escolares e dos currículos em todos os níveis do ensino formal; e (5) a vinculação das ações educativas formais, não-formais e informais em processos permanentes de aprendizagem, atuação e construção de conhecimentos adequados à compreensão do ambiente e problemas associados. Em síntese, uma práxis educativa que é sim

cultural e informativa, mas fundamentalmente política, formativa e emancipadora, portanto, transformadora das relações sociais existentes. (Loureiro, 2006, p.31).

Nesse processo, é necessário que o diretor exerça sua função com competência e habilidades necessárias para a condução de uma gestão democrática, sustentada por um projeto político pedagógico, elaborado e executado por todos os envolvidos da comunidade escolar. De acordo com Parente (2008), alguns princípios devem ser considerados no trabalho da gestão escolar para o desenvolvimento das pessoas que convivem na escola:

Como a interação, a democracia, a liberdade pessoal e a compreensão prática no dia-a-dia com a equipe de trabalho; deve lembrar que valores não se impõem, e pela sua vivência se transformam em princípios capazes de direcionar a prática da escola. O gestor deve desenvolver uma boa capacidade decisória, percebendo e entendendo as diferentes alternativas, compreendendo a vida como um processo dinâmico, flexível e criativo no qual nossas ações representam não só uma dimensão individual, mas, uma dimensão muito mais ampla__ a do contexto em que vivemos. (p.10).

Portanto, acreditamos que incorporar a dimensão ambiental à gestão escolar é elaborar uma precisa argumentação para que os professores, pais, alunos, enfim, a comunidade como um todo reflitam sobre os motivos que justificam a necessidade da inserção da educação ambiental nas práticas educativas, promovendo o debate sobre a questão ambiental e seus efeitos na transformação do conhecimento, dos valores e das atitudes diante da nova realidade a ser construída na escola.

CAPÍTULO 2
GRANDES DESAFIOS DA EDUCAÇÃO
AMBIENTAL

1- Ambiente e Meio Ambiente

A Educação Ambiental apresenta uma nova dimensão a ser incorporada ao processo educacional e traz uma atual discussão sobre as questões ambientais e as consequências das transformações que ocorrem no conhecimento, valores e atitudes da realidade a ser construída.

Uma dificuldade que se apresenta logo de início é a não familiaridade com as expressões ambiente e meio ambiente, que na verdade são sinônimas. “O termo "ambiente" vem do latim - ambiens, entia ("que rodeia"). Nesse sentido, "meio" e "ambiente" são sinônimos.” Machado (2000, p.120). Enquanto isso, Carvalho (2002), diz que “a palavra meio ambiente tem, neste sentido, uma extraordinária abrangência. Ela abarca absolutamente todos os elementos que compõe a biosfera”. (p. 39)

Ainda vigora a idéia, infelizmente, presente de forma considerável, que pensar o ambiente é reduzi-lo aos aspectos relativos à fauna, flora, ar, solo e água, aos elementos do chamado meio natural, mas de forma alguma corresponde ao todo ambiental. (Munhoz, 2004). Nessa perspectiva, pode-se, ampliar o conceito e adotar o modelo de Dias (2003), abordando os aspectos políticos, éticos, sociais, científicos, econômicos, tecnológicos, culturais e ecológicos.

A Lei brasileira (6.938 de 31.08.81) define meio ambiente “como o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas”. Posteriormente, a Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, dispõe, em seu Artigo 228:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público o dever de defendê-lo e à coletividade de preservá-lo para o presente e futuras gerações.

Dessa forma, o real significado de meio ambiente (ambiente) compõe-se por um conjunto de elementos que podem ser divididos em dois grupos: o meio natural e o meio social. O meio natural é constituído por quatro sistemas inter-relacionados, que são: a atmosfera, a hidrosfera, a litosfera e a biosfera, da qual o homem faz parte.

O meio social é definido pela forma em que as sociedades humanas estão organizadas e funcionam para satisfazer suas necessidades básicas. As necessidades

básicas dividem-se em necessidades físicas (alimentação, saúde, moradia e vestimenta) e necessidades sociais (educação, trabalho e liberdades individuais de participar do sistema político e econômico existente).

A administração do meio ambiente e manutenção do desenvolvimento impõem sérios problemas a todos os países. Meio ambiente e desenvolvimento não constituem desafios separados: estão inevitavelmente interligados [...] a economia e a ecologia devem integrar-se perfeitamente nos processos decisórios e legislativos, não só para proteger o meio ambiente, mas também para promover e proteger o desenvolvimento. A economia não é apenas à produção da riqueza, e a ecologia não é apenas à proteção da natureza ambas, são também muito importantes para que a humanidade viva melhor. (Brundtland, 1997, citado por SILVA, 2005, p.41).

Nesse contexto, muitos governos vêm já há algum tempo estabelecendo restrições para a atividade econômica que tenha algum tipo de impacto sobre o ambiente. Por causa disso, organizações de todos os tipos precisam incluir a proteção ambiental em suas práticas administrativas.

As tentativas atuais apontam que para um “novo mundo, mais equilibrado e justo, tão esperado por todos, requer o engajamento pessoal e coletivo de educadores e educandos”. Dessa forma, para que a proposta de transformação da escola, do mundo, da sociedade e de seus indivíduos possa, de fato, se efetivar como processo de transformação social, na construção de novos paradigmas e de “uma nova sociedade ambientalmente sustentável”. (Guimarães, 2004, p.42).

2- A Educação Ambiental e o Desenvolvimento Sustentável

A partir das últimas décadas a questão ambiental tornou-se uma preocupação mundial, a degradação do meio ambiente compromete a qualidade de vida das sociedades. A utilização descontrolada dos recursos da natureza pela humanidade tem criado um caminho de destruição com consequências muitas vezes irreversíveis, como por exemplo, a perda de milhares de vidas no planeta.

Desde que as questões ambientais passaram a ganhar peso nas preocupações mundiais, as relações entre o modelo de desenvolvimento – o que constituiu a sociedade urbano-industrial contemporânea – e o meio ambiente vêm sendo profundamente questionadas. (Guimarães, 2004, p.49).

Nesse contexto, a questão ambiental deve ser tratada de forma global, pois, não é possível pretender resolver os problemas ambientais de forma isolada. Entretanto, a complexidade dos problemas ambientais exige mais que medidas pontuais que busquem resolver problemas a partir de seus efeitos, ignorando ou desconhecendo suas causas. Nesse sentido, o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, aprovado em plenária de 6 de Junho de 1992, diz:

Consideramos que a Educação Ambiental para uma sustentabilidade equitativa é um processo de aprendizagem permanente, baseado no respeito a todas as formas de vida. Tal educação afirma valores e ações que contribuem para a transformação humana e social e para a preservação ecológica. Ela estimula a formação de sociedades socialmente justas e ecologicamente equilibradas, que conservem entre si relação de interdependência e diversidade. Isso requer responsabilidade individual e coletiva a nível local, nacional e planetário. (p. 193).

De acordo com Silva (2005), para funcionar de forma sustentável a sociedade global precisaria:

Abandonar utilização de fluxos materiais lineares e depender quase completamente de fluxos de recursos renováveis para o grosso de seus frutos de matéria [...] encaminha-se para uma situação de recursos mais equitativa, tanto por razão ética como por razões da estabilidade social. (Erickson, 1999, citado por Silva, 2005, p.17).

As questões ambientais devem ser tratadas de forma interligada e interdependente às variáveis econômicas, sociais e ambientais. Fazem-se necessárias novas formas de relação entre sociedade e natureza, com base na criação de novos valores humanos em relação à utilização dos recursos naturais para satisfação de suas necessidades. Nessa perspectiva, é primordial a introdução de uma nova abordagem decorrente da compreensão de que a existência de uma qualidade ambiental está diretamente condicionada ao processo de desenvolvimento adotado pelas nações.

É certo que a implementação do desenvolvimento sustentável passa necessariamente por um processo de discussão e comprometimento de toda a sociedade

uma vez que implica em mudanças no modo de agir das pessoas. O autor Cavalcanti (2001) afirmou que:

Sustentabilidade significa a possibilidade de se obterem continuamente condições iguais ou superiores de vida para um grupo de pessoas e seus sucessores em dado ecossistema [...] Equivale à idéia de manutenção do sistema de suporte da vida [...] Significa comportamento que procura obedecer às leis da natureza. (p. 165).

Nesse contexto, faz-se necessário que as escolas assumam como metas, em suas propostas educativas, contribuir para a manutenção do estoque de recursos naturais através de suas atividades. A falta de informação e conhecimento dos problemas ambientais pelas pessoas, ainda afetam o envolvimento das pessoas nas questões ambientais.

Uma das formas de contribuição da escola é levar Educação Ambiental à comunidade pela ação dos professores em sala de aula e em atividades extracurriculares, pois através de atividades como leitura, trabalhos escolares, pesquisas e debates, os alunos poderão entender os problemas que afetam a comunidade onde vivem; a refletir e criticar as opções que desrespeitam e, muitas vezes, destroem um patrimônio que é de todos. No processo de Desenvolvimento Sustentável a Educação Ambiental torna-se um instrumento indispensável.

3 - Educação Ambiental

A tarefa de educar para o meio ambiente e a preocupação de intelectuais e profissionais das mais variadas áreas com a questão ambiental não é recente.

Esta cultura de valorização da natureza nasce ligada ao ambiente social do século XVIII, quando se evidenciavam os efeitos e a percepção da deterioração do meio ambiente e da vida das cidades, causada pela revolução industrial, tempo de afirmação de uma nova ordem burguesa e mercantil. Tal cultura vai se afirmar com o movimento romântico do século XIX, permanecendo presente até os dias atuais. Educar para o meio foi outro passo dessa nova abordagem educacional iniciada quando o filósofo Rousseau (1712-1778) e, mais tarde, o educador Freinet (1896-1966), no início do século XX, insistiram na eficácia do meio como estratégia de aprendizagem. (Carvalho, 2002).

Nos anos 60, os movimentos sociais de época surgiram com uma crítica mais severa quanto ao estilo de vida, valores e comportamentos de uma sociedade consumista e depredadora. Também foi nos anos 60 que se iniciou a preocupação com educação ambiental no currículo escolar. Nesse mesmo período a UNESCO recomendava inserir os aspectos sociais e econômicos no estudo biofísico do meio ambiente.

Enquanto isso, nos anos 70, passou a ser usado na agenda mundial o termo “ambiente” causa principal da crise econômica instalada nas nações, devido às péssimas condições de vida da grande parte da população mundial. A realização da Conferência das Nações Unidas sobre o ambiente humano (1972) deliberou a criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (RIO-92). (Leonardi, 1999).

A educação ambiental apareceu como tema em muitos documentos, relatórios e programas internacionais dedicados ao meio ambiente, com formas e ênfases distintas.

Foi lançado o Programa Internacional de Educação Ambiental (1975) em Belgrado, realizou-se a Conferência Intergovernamental de educação Ambiental (1977) em Tbilissi (Geórgia, ex-União Soviética) e posteriormente Moscou (1987), nas quais se estabeleceram as ações e metas concebidas para efetivação da Educação Ambiental em todas as sociedades do planeta (Leonardi, 1999, p. 111).

Atualmente, a Educação Ambiental é consumida pelas políticas públicas de governo e diversas entidades, empresas e organizações da esfera não governamental. No Brasil, a Constituição de 1988 determinou a prática da educação ambiental tanto no nível Federal quanto Estadual e Municipal, porém, na prática, pouco se fez.

Visando avançar na política efetiva da Educação Ambiental no país,

Em 1994 tivemos aprovação do Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA), (...) além da criação, em 1996, da Câmara Técnica de Educação Ambiental do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) e dos Parâmetros Curriculares do MEC- os quais incluem a EA como tema transversal no currículo escolar- e da criação da Comissão Interministerial de Educação Ambiental do MMA (Ministério do Meio Ambiente). (Semma, 2004, p.19).

A Educação Ambiental deve estar presente em todos os espaços que educam os cidadãos, de modo que cada contexto possa contribuir na busca de soluções possíveis para a problemática do meio ambiente. Entretanto, a busca de soluções de problemas ambientais necessita de uma maior integração interdisciplinar para a busca do conhecimento. O que se espera é a produção de um conhecimento que não esteja fragmentado e que contribua para a solução da problemática ambiental e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida.

3.1- Educação Ambiental formal, não formal e informal

A educação ambiental pode ser classificada, dependendo do espaço que é exercida e às vezes, é difícil identificar se certa atividade ou projeto enquadra-se na categoria formal, não- formal ou informal. Tais classificações tratam-se, apenas, de um esquema didático que, como qualquer outro, é frequentemente negado pela prática. (Leonardi, 1999).

A educação ambiental realiza-se através de três tipos de processo:

Educação formal ou escolar: Envolve regularmente a rede de ensino seja da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. Ela possui conteúdos, metodologia, meios de avaliação claramente definidos e planejamentos. (Idem). Nesse sentido, a Educação Ambiental deve desenvolver hábitos, atitudes e comportamentos que propiciem a formação dos alunos na defesa de um meio ambiental saudável ou no uso dos recursos naturais não-renováveis.

Dentro desse contexto, foram elaborados no Brasil os Parâmetros Curriculares Nacionais procurando, primeiramente, “respeitar diversidades regionais, culturais e políticas existentes no país” e, também, considerar a necessidade de “construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras.” O PCN serve de apoio para o “projeto da escola na elaboração do seu programa curricular e trazem orientações para o ensino das disciplinas que formam a base nacional”, e mais cinco temas transversais, incluindo o Meio Ambiente, que “permeiam todas as disciplinas”. (MEC, 2007)

Educação não- formal: Realiza-se fora do ambiente escolar, é exercida em outros variados espaços da vida social, com metodologias, componentes e formas de ação diferentes do formal. Seu caráter não-formal coloca-a em contato com outros

atores sociais que também atuam com a questão ambiental, tanto no espaço público, quanto privado.

Geralmente, a educação não-formal é pouco registrada, sendo abordada, principalmente, por igrejas, sindicatos, ONGs, empresas, secretarias de governo e outras. O fato de ser realizada fora da sala de aula e da escola, não impede que a educação não-formal tenha objetivos, metodologias e periodicidade claramente definidos. (Idem).

Educação informal: É realizada em outros e variados espaços da vida social, através de campanhas populares que visem à formação de atos e atitudes que possibilitem a preservação dos recursos naturais e a correção de processos degenerativos da qualidade de vida na terra. A educação informal não possui compromisso com a continuidade, todavia, se bem utilizada pode ser parceira complementar dos trabalhos de educadores. (Idem).

3.2-A transversalidade do tema Meio Ambiente no Ensino Fundamental

Nas escolas brasileiras o “meio ambiente” deve ser trabalhado como tema transversal desde 1997 com a elaboração dos Parâmetros Curriculares pela Secretaria de Ensino Fundamental do MEC (Ministério de Educação e Cultura). De acordo com Loureiro:

Os Parâmetros Curriculares nacionais, produzidos com base na LDB e lançados oficialmente em 15 de Outubro em 1997, documento que definiu como temas transversais, em função da relevância social urgência e universalidade: saúde, ética, pluralidade cultural, orientação sexual e meio ambiente. Apesar das críticas pelo modo que pensou a transversalidade em educação (mantendo como eixos principais as disciplinas de conteúdos formais- português, matemática, ciências e história e geografia) e pela baixa operacionalização da proposta, teve o mérito de inserir a temática ambiental não como disciplina e de abordá-la articulada às diversas áreas de conhecimento. (Loureiro, 2006, p.83).

A proposta dos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) é que o meio ambiente seja um tema transversal na educação formal e que transpasse todas as disciplinas em seus objetivos, conteúdos e orientações didáticas.

Cada professor, dentro da especificidade de sua área, deve adequar o tratamento dos conteúdos para contemplar o Tema Meio Ambiente, assim como os demais Temas Transversais. Essa adequação pressupõe um compromisso com as relações interpessoais no âmbito da escola, para haver explicitação dos valores que se quer transmitir e coerência entre estes e os experimentados na vivência escolar, buscando desenvolver a capacidade de todos para intervir na realidade e transformá-la, tendo essa capacidade relação direta com o acesso ao conhecimento acumulado pela humanidade. (PCN, 1997, pp. 193-194).

Nessa perspectiva, as disciplinas devem trabalhar a educação ambiental de forma integrada em parceria com a comunidade escolar e com o apoio incondicional da gestão da escola de modo que “impregne toda a prática educativa e, ao mesmo tempo, crie uma visão global e abrangente da questão ambiental, visualizando os aspectos físicos e histórico-sociais, assim como as articulações entre a escala local e planetária desses problemas.” (PCN, 1997, p.193).

Todavia, os desafios de se desenvolver questões ambientais no espaço escolar se intensificam com o aumento de temas urgentes e complexos com as quais a escola e os professores têm de lidar cotidianamente:

Vemos que a inserção da dimensão ambiental é obrigatória e considerada crucial, mas a escola, o currículo e o modo de ensinar pouco mudaram; os cursos de formação profissional mudam timidamente, e as políticas públicas visando a inserção da educação ambiental são ainda limitadas diante da dificuldade de atingir a enorme diversidade de contextos da escola brasileira. (Ministério da Educação e Cultura, 2007, pp. 110-111).

4-Educação Ambiental e interdisciplinaridade

A educação ambiental deve estar presente em todos os espaços que educam os cidadãos. Desta forma, ela pode estar presente nas escolas, nas associações de bairro, nas universidades, nos sindicatos, nos meios de comunicação de massa, reservas ecológicas, enfim, em todos os espaços que possam contribuir na busca de soluções para a problemática ambiental.

Uma das propostas em educação ambiental que se solidificou como princípio foi a abordagem interdisciplinar: “se há algo indiscutivelmente consensual e que dá

identidade aos educadores ambientais, pelo menos entre os que atuam nesse campo há algum tempo, é a defesa da interdisciplinaridade como uma premissa.” (Loureiro, 2006, p. 126).

Guimarães (2004, p. 36) constatou que na maioria das escolas brasileiras a interdisciplinaridade adquiriu grande repercussão apoiada pelas políticas públicas e documentada oficialmente na proposta de transversalidade do tema meio ambiente apresentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Logo, faz-se necessário uma ampliação nos debates sobre esta nova visão do processo educativo, que para muitos educadores ainda é pouco difundido. No entanto, Luck (1994) afirmou que:

Interdisciplinaridade é o processo que envolve a integração e engajamento de educadores, num trabalho conjunto, de interação das disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que possam exercer criticamente a cidadania, mediante uma visão global de mundo e serem capazes de enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade atual. (p. 19).

Nesse sentido, é de suma importância, a contextualização da educação ambiental como perspectiva de educação, que deve estar presente em todas as disciplinas e dialogar com os conceitos mais utilizados para sua fundamentação seja em caráter formal ou informal. O processo sócio-educativo vem avançando para uma visão mais complexa e também de maior integração das práticas pedagógicas. Segundo Luck (1994):

A construção do conhecimento interdisciplinar se processa por estágios ou etapas de maturação de consciência. Em vista disso, o esforço de construção do conhecimento interdisciplinar constitui um trabalho de construção da consciência pessoal globalizadora, capaz de compreender complexidades cada vez mais amplas. (p.65)

A interdisciplinaridade no processo sócio-educativo visa romper com a filosofia ecologista pura, protecionista e reducionista que torna mais fácil a defesa dos recursos naturais vegetais e animais do que de uma visão mais global de se pensar as relações humanas que são estabelecidas no decorrer da história do homem com a natureza, nesse sentido, Zarts (2004) afirmou:

A filosofia ecologista pura tornava mais fácil a defesa incondicional de qualquer espécie vegetal e/ou animal do que pensar sobre as relações que se estabelecem na própria natureza e na história. É uma postura que eleva o homem para fora das relações, ou dito de outra forma, o homem não faz parte da natureza, mais é o seu algoz, por isso deve ser controlado e combatido. (p.47).

O trabalho interdisciplinar no espaço escolar busca desfazer-se do modelo tradicional e estabelecer um trabalho integrado, reflexivo das ações e de suas conseqüências para o meio ambiente, assim como, da racionalização dos recursos naturais explorados economicamente.

Por sua característica interdisciplinar, a educação ambiental não é facilmente entendida pelos educadores que tendem a relacioná-la a práticas específicas (como a coleta de lixo ou a organização de hortas) ou a considerar que qualquer observação do cotidiano ou regra da civilidade é o desenvolvimento da educação ambiental. (Pedrini, 1997, p.269).

Para um trabalho interdisciplinar é sem dúvida necessária que se possa formar equipes, que ultrapassem o modelo cartesiano de separação estanque do conhecimento, para um modelo mais complexo, mais unificador, com uma visão holística, em que se possa interagir não apenas no isolamento de uma realidade, mas de questioná-la, para que assim se possa entendê-las e interagir com os demais profissionais de outras ciências do conhecimento.

Acreditamos que, para mudar algo, é preciso um conhecimento do fenômeno que se quer mudar. Ao mesmo tempo: subjetivo, por isso interno ao sujeito que conhece, e objetivo, para que possa ser socializado. A consciência do problema que impede a qualidade de vida desejada pelo grupo que desenvolve seu processo de educação ambiental é favorecida pelo conhecimento da realidade, local e global, do contexto em que tal problema se situa conhecimento esse produzido nos próprios caminhos teóricos e práticos seguidos para a solução do problema. (Pedrini, 1997, p.270).

De acordo com Morin (2009) cada vez mais as disciplinas se fecham anulando a comunicação umas com as outras. Os fenômenos são cada vez mais fragmentados, e não se consegue conceber a sua unidade. É por isso que se diz cada vez mais “façamos interdisciplinaridade”. (p. 52).

Entretanto, apesar dos avanços o que se percebe são práticas pouco efetivas na área da educação em relação à interdisciplinaridade, pois as disciplinas apresentam uma grande preocupação em garantir o seu espaço, delimitando as trocas de conhecimentos com as outras disciplinas. Nesse sentido, surgem novos questionamentos e percepções quanto à efetividade dessa concepção para a educação ambiental.

Uma nova concepção começa a ser defendida como eficaz, ampliando a visão que se tinha sobre a interdisciplinaridade. Nesse contexto, um novo termo passa a ser objeto de estudo e discussão entre os autores: a transdisciplinaridade que Leff (2007) definiu como:

Um processo de intercâmbio entre diversos campos e ramos do conhecimento científico, nos quais uns transferem métodos, conceitos, termos e inclusive corpos teóricos inteiros para outros, que são incorporados e assimilados pela disciplina importadora, induzindo um processo contraditório de avanço/retrocesso do conhecimento, característico do desenvolvimento das ciências. (p.84).

Para Morin (2009), a transdisciplinaridade necessita de um paradigma de complexidade que, “ao mesmo tempo disjunte e associe que, conceba os níveis de emergência da realidade sem reduzi-los às unidades elementares e às leis gerais.” (p. 55). Nas escolas, cada disciplina tem sua contribuição a dar nas atividades de educação ambiental, envolvendo professores de todas as áreas de conhecimento.

A busca de soluções de problemas ambientais exige não somente uma maior integração interdisciplinar para a construção do conhecimento ou como compreendido por muitos, simplesmente “a troca e cooperação entre as mesmas, desse modo, transformando-se em algo orgânico”. (p.50). Nessa perspectiva, a transdisciplinaridade permite:

Dar conta da articulação de processos que confluem na dinâmica de sistemas socioambientais complexos. Ao mesmo tempo, sentam as bases teóricas para a produção de conceitos práticos interdisciplinares e de indicadores interprocessuais, capazes de servir a construção e avaliação de um paradigma ambiental de desenvolvimento. (Leff, 2007, p. 88).

Percebe-se, então, que esta concepção pedagógica de “transdisciplinaridade” ainda necessita de um maior entendimento para ser efetivada e produzir a realização dos

objetivos de Educação Ambiental. Desse modo, o que se espera é a produção de um conhecimento que contribua na busca de soluções para a questão ambiental.

Nesse contexto, enfatizamos a importância do trabalho do gestor na escola, pois administrar uma escola é enfrentar constantes desafios, é se relacionar bem com as pessoas, interagir e respeitar as diferenças, além de conduzir o processo educacional para um novo horizonte, ainda em construção, para uma escola da integração, da socialização, da participação, do poder de decisões compartilhado, do conhecimento em constante transformação, e principalmente, com práticas de educação ambiental efetivas. Para tanto, é de fundamental importância a liderança do gestor educacional e as informações e conhecimentos que ele possui sobre a Educação Ambiental.

5-Pensamento da complexidade ambiental

A tentativa de domínio do homem sobre a natureza, a sua ação de exploração dos recursos naturais impõe uma dominação humana centrada na ótica capitalista e em uma visão fragmentada do conhecimento. Leff (2007), afirmou:

A crise ambiental nos leva a interrogar o conhecimento do mundo, a questionar esse projeto epistemológico que buscou a unidade, a uniformidade e a homogeneidade; esse projeto que anuncia um futuro comum, negando o limite, o tempo, a história; a diferença, a diversidade, a outriedade [...] (pp.19-20).

Nesse sentido, novas percepções surgem em contraposição a essa abordagem sistêmica em que o ser humano pode se compreender como parte integrante da natureza, abrindo portas para a democratização do conhecimento e para um entendimento mais amplo e diversificado da ação do homem sobre ela, adquirindo-se a percepção de um mundo mais complexo e integrado, se contrapondo ao modelo dominador capitalista.

Uma mudança paradigmática é necessária para que novas ações possam ser pensadas e que mudanças de valores aconteçam. O paradigma da complexidade surge e coloca:

O grande desafio do diálogo entre certeza e incerteza, propiciando aos indivíduos que vivenciem uma realidade marcada pela indeterminação, a interdependência e a causalidade entre os diferentes processos. Entretanto, isso não deve se transformar em uma camisa de força conceitual e metodológica, mas numa articulação entre os processos subjetivos e objetivos que estão presentes na produção de conhecimento e de sentidos. (Loureiro & Cossío, 2006, p.9)

Desse modo, pensar a complexidade ambiental é contrapor-se ao modelo dominante de fragmentação do conhecimento, do sistema capitalista, de análises superficiais e discursivas sobre a educação ambiental, pois a complexidade dos problemas ambientais “cria a necessidade de integrar o seu estudo um conjunto de conhecimentos derivados de diversos campos do saber.” (Loureiro, 2006 & Cossío, p.83).

O pensamento da complexidade ambiental defende a idéia de que se possa consumir apenas o necessário para satisfazer as necessidades básicas, essenciais de consumo, de forma equilibrada e racional, evitando assim, o excesso e o desperdício. Segundo Layrargues,

Pensar de forma complexa implica fazer com que o agir seja consciente, no sentido de se saber qual o terreno em que nos movemos o alcance de determinada ação, apresentando coerência entre o que se quer a base teórica da qual se parte, aonde se quer chegar e quem se beneficia com o processo. Qual enquadramento, pano de fundo ou leitura da realidade há. (Layrargues, 2004, p.12).

Nesse contexto, o modelo caótico de dominação que vivenciamos atualmente precisa ser superado através de uma visão holística, centrada na compreensão das diversidades culturais, de conhecimentos e de fazer científico.

Percebe-se então, que a excessiva exploração dos recursos naturais voltadas para uma produção em larga escala, o desejo consumista desenfreado com o objetivo de lucro, a venda ao mercado fez com que ocorresse uma enorme degradação do meio ambiente como nunca havia ocorrido antes na história geológica. Dessa forma, faz-se necessária a superação para um novo modelo de integração do fazer científico com a natureza, não mais pensando em dominá-la, mas pensando no homem como parte indissociável dela.

As mudanças ambientais globais causaram uma revolução nos métodos de pesquisa e nas teorias científicas, todo este processo de mudanças ocorreu para apreensão de uma realidade em vias de complexização que ultrapassa a capacidade de compreensão e explicação dos paradigmas teóricos já estabelecidos. (Loureiro & Cossío, 2006, p.109).

Daí veio surgindo um pensamento da complexidade e uma metodologia de pesquisa interdisciplinar, bem como uma epistemologia capaz de fundamentar as transformações do conhecimento induzida pela questão ambiental. Esta estratégia epistemológica parte de um enfoque prospectivo orientado à construção de uma racionalidade social, aberta à diversidade, às interdependências e à complexidade, e oposto à racionalidade dominante, com tendência à unidade da ciência e homogeneidade da realidade. (Idem, 2006, pp.109-110).

Nessa perspectiva, o processo sócio-educativo escolar amplia seus horizontes em busca da multiplicidade cultural, da complexidade do conhecimento, da sociabilidade frente ao individualismo e na busca incessante de uma integração entre homem e natureza. Nesse sentido, o pensamento complexo está apto a reunir, contextualizar, globalizar, mas ao mesmo tempo reconhece o singular, o individual e o concreto de cada realidade. (Morin, 2002).

Ainda segundo Morin (2009, p. 70-71), o pensamento da complexidade deve partir da diversidade e da sua compreensão, devemos tentar integrar nosso saber na vida o que não é a resposta para todos os problemas já que estamos inseridos na incerteza e por mais que existam estratégias contra a incerteza precisamos confiar em nossas crenças na fraternidade e na liberdade, uma vez que o pensamento tradicional enraizado em nossa cultura:

Nos estimula a reduzir o complexo ao simples, a separar o que está ligado, a unificar o que é múltiplo, a eliminar tudo o que traga desordens ou contradições para o nosso entendimento. O problema crucial de nosso tempo é o da necessidade de um pensamento apto a enfrentar o desafio da complexidade do real, isto é, de perceber as ligações, interações e implicações mutuas, os fenômenos multidimensionais, as realidades que são, simultaneamente, solidárias e conflituosas (como a própria democracia que é o sistema que se nutre de antagonismos regulando-os). (p. 74).

Nessa perspectiva, Diaz (2002) esclareceu que:

A Educação é a chave, em qualquer caso, para renovar os valores e a percepção do problema, desenvolvendo uma consciência e um compromisso que possibilitem a mudança, desde as pequenas atitudes individuais e, desde a participação e o envolvimento com a resolução dos problemas. (p. 44).

II- COMPONENTE EMPÍRICO

CAPÍTULO 3
METODOLOGIA DO ESTUDO

1- Objetivos do Estudo

Para o presente estudo, propusemo- nos como objetivo central investigar as práticas frente à Educação Ambiental através da gestão, dentro da estrutura e organização vigente da Escola de Ensino Fundamental.

Na operacionalização do objetivo central da investigação, foram definidos como objetivos mais específicos os seguintes:

- Analisar as concepções de Educação Ambiental do (a) diretor (a), dos administradores, coordenadores e professores da escola;
- Observar as ações implementadas pelo (a) gestor (a), as competências e habilidade necessárias para organização e desenvolvimento de uma educação ambiental na escola;
- Conhecer os desafios e limitações vivenciados por administradores, supervisores e professores no cotidiano escolar, para implementar a educação ambiental.
- Verificar a contribuição do projeto político pedagógico da escola na implementação de ações para a educação ambiental.

O que, em suma, se esperava deste estudo era que ele constituísse mais uma contribuição para a reflexão sobre as práticas da gestão escolar, subsidiada por alguns fundamentos da Educação Ambiental. Essa reflexão é uma condição necessária ao aperfeiçoamento do exercício da gestão escolar, fundamental quer para o normal funcionamento da escola, quer para a promoção da educação ambiental, a fim de que a complexidade ambiental se torne viável no cotidiano educativo e na vida dos educandos.

2- Opções Metodológicas

Em busca de compreendermos os processos de transformação, suas contradições e suas potencialidades, sob a temática em questão, desenvolvemos um estudo com embasamento na afirmação de Gamboa (1999), que o conhecimento crítico do mundo e da sociedade e a compreensão de sua dinâmica transformadora propiciam ações (práxis) emancipadoras.

Nessa perspectiva, utilizamos nesta pesquisa o enfoque crítico-dialético que “privilegia estudos sobre experiências, práticas pedagógicas, processos históricos, discussões filosóficas ou análises contextualizadas, a partir de um prévio referencial teórico” (Teixeira, 2002, p.132). Para o desenvolvimento deste trabalho foi realizado um estudo de caso por meio de pesquisa exploratória, bibliográfica e de campo através do método quali-quantitativa, recolhendo-se dados de natureza quantitativa e qualitativa, através de questionários e entrevistas. Segundo May (2004), que defende a importância dos dois enfoques, ao avaliar esses diferentes métodos:

[...] deveríamos prestar atenção, [...], não tanto aos métodos relativos a uma divisão quantitativa-qualitativa da pesquisa social – como se uma destas produzisse automaticamente uma verdade melhor do que a outra -, mas aos seus pontos fortes e fragilidades na produção do conhecimento social. Para tanto é necessário um entendimento de seus objetivos e da prática. (p. 146)

Diante dos objetivos de investigação antes explicitados, optamos por uma abordagem que privilegiasse a compreensão do estudo realizado. De acordo com Silva (2001) “a Pesquisa Qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”. Nesse sentido, “a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa”, na qual se afirma que “o ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave.”

Dessa maneira, a pesquisa é descritiva, pois “os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.” (p.20).

Para Flick (2004) “a pesquisa qualitativa é orientada para a análise de casos concretos em sua particularidade temporal e local, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais” (p.28), sendo o nosso desejo empreender um estudo de uma estrutura específica – a gestão escolar – integrada às práticas de educação ambiental da escola, adotamos uma abordagem caracterizada por uma focalização em duas escolas concretas.

A natureza centralizada da organização escolar estadual fazia-nos pensar que as conclusões obtidas poderiam ser, com as necessárias precauções, genericamente

estendidas a outras escolas similares. Dessa forma se poderiam conhecer as práticas, percepções e limites à função de gestão escolar na implementação da educação ambiental, justificando-se, por isso, dentro deste paradigma, a opção pela estratégia de estudo de caso. (Yin, 2005)

3- A estratégia do estudo de caso

A escolha desta estratégia deveu-se à complexidade do estudo que pretendíamos efetuar e à impossibilidade de identificar e controlar os inúmeros fatores que contribuem para essa natureza complexa. Para Yin (2005), é essa “capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências” que constitui “o poder diferenciador do estudo de caso”. (p. 26,27). Enquanto isso, na opinião de Gil (1991), o estudo de caso proporciona vantagens e desvantagens, entre as vantagens podemos citar:

- a) O estímulo a novas descobertas. Em virtude de flexibilidade do planejamento do estudo de caso, o pesquisador, ao longo de seu processo, mantém-se atento a novas descobertas. É freqüente o pesquisador dispor de um plano inicial e, ao longo da pesquisa, ter o seu interesse despertado por outros aspectos não previsto. E, muitas vezes, o estudo desses aspectos torna-se mais relevante para a solução do problema do que os considerados inicialmente. Daí por que o estudo de caso é altamente recomendado para a realização de estudos exploratórios.
- b) A ênfase na totalidade. No estudo de caso, o caso, o pesquisador volta-se para a multiplicidade de dimensões de um problema, focalizando-o como um todo.
- c) A simplicidade dos procedimentos. Os procedimentos de coleta e análise de dados adotados no estudo de caso, quando comparados com os exigidos por outros tipos de delineamento, são bastante simples. Da mesma forma, os relatórios dos estudos de caso caracterizam-se pela utilização de uma linguagem e de uma forma mais acessível do que outros relatórios de pesquisa. (p.60).

Dessa maneira, o estudo de caso também apresenta limitações, entre elas, Gil (1991) cita “a dificuldade de generalização dos resultados obtidos”, que exige do pesquisador bastante habilidade para não divulgar dados equivocados. Para tentarmos evitar este problema e conferirmos validade à informação recolhida nesta pesquisa

recorreu-se a “triangulação metodológica”, aqui entendida “como cruzamento entre diferentes fontes de dados” (Sousa, 2005, p.173).

Para Golafshani (2002, citado por Patton, 2003) o uso da triangulação indica “um estudo de combinação de métodos. Isso pode significar estudo de vários tipos de métodos ou dados, incluindo o uso tanto de uma abordagem quantitativa quanto qualitativa”. (p. 603). Assim, adotamos esta perspectiva de análise, pois, segundo Triviños (2009), ela “tem por objetivo básico abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo.” (p.138). Neste estudo procuramos corresponder:

Aos processos e produtos centrados no sujeito; em seguida, aos elementos produzidos pelo meio do sujeito e que têm incumbência em seu desempenho na comunidade e, por último, aos processos e produtos originados pela estrutura sócio-econômica e cultural do macro-organismo social no qual está inserido o sujeito. (Triviños, 2009, p.139).

Desta maneira, utilizamos entrevistas e questionários para investigarmos as percepções dos sujeitos (formas verbais) e os comportamentos e ações dos mesmos, por meio da observação livre.

Como afirma Flick (2005), numa investigação como a que nos propusemos realizar, os objetos não são reduzidos a simples variáveis, são antes estudados na sua complexidade e inteireza, integrados no seu cotidiano. Os campos de estudo não são, nesse sentido, situações artificiais de laboratório, mas interações e práticas dos sujeitos na vida cotidiana. (p. 5).

4 - Caracterização dos participantes

O processo de seleção dos participantes seguiu critérios de intencionalidade (Sousa, 2005) e de conveniência (Flick, 2005). A preferência pela escolha das duas escolas deveu-se, na realidade, sobretudo à receptividade demonstrada pela gestão escolar das duas unidades de ensino em participar na investigação.

Os participantes do estudo consistiram na equipe técnica-administrativa e em grupos de professores das escolas em referência; as duas escolas são de Ensino Fundamental do município de Ananindeua, cidade localizada no estado do Pará, Brasil.

As escolas estudadas estavam inseridas em diferentes conjuntos residenciais, mas com realidades sociais similares e condições sócio-econômicas médio-baixa.

5 - Procedimento de coleta e análise de dados

Para analisarmos como a Educação Ambiental é percebida e praticada pela gestão escolar, contamos neste estudo, com a participação de 44 informantes e o procedimento de coleta de dados foi realizado em duas partes. A primeira etapa contém informações coletadas através de 10 entrevistas semi-estruturadas realizadas com a equipe técnica-administrativa. Tanto na escola-1 como na escola-2 obtivemos a participação de 5 membros da equipe técnica-administrativa: diretor, vice-diretor e duas coordenadoras.

A segunda parte da pesquisa corresponde à aplicação de 34 questionários, em cada escola participam 17 professores de diferentes disciplinas, para a investigação de opinião sobre o processo de gestão e educação ambiental na escola. O procedimento e instrumentos utilizados possibilitaram o aprofundamento do estudo e coleta de informações em um curto período de tempo, numa análise de confrontação que permitiram a complementaridade desejada.

A opção em coletar os dados da pesquisa em duas etapas, a primeira através de entrevista com a equipe técnica-administrativa e a segunda através de questionários com os professores, pressupõe a realização de nossa intenção na qual os pesquisados possam expor as suas idéias, opiniões e propostas que proporcionem fundamentação às questões e aos objetivos estabelecidos. A entrevista possibilitou à equipe técnica-administrativa maior detalhamento sobre as ações da gestão escolar em educação ambiental enquanto a utilização dos questionários facilitou a coleta de dados com um maior número de professores.

É importante ressaltar que buscamos respeitar os procedimentos éticos de que se deverá revestir qualquer investigação que envolva relações humanas (Sousa, 2005). O primeiro passo foi solicitar às escolas autorização para realização do trabalho de campo, seguiu-se a averiguação da disponibilidade e do interesse dos administradores, técnicos e professores de cada escola na investigação, garantindo-lhes sempre a confidencialidade da informação coletada.

5.1- Técnicas e instrumentos de coleta de dados

5.1.1- A entrevista

A entrevista é um dos principais instrumentos de coleta de dados qualitativos. De acordo com Gil (1991) a entrevista pode ser “entendida como a técnica que envolve duas pessoas numa situação “face a face” (p. 90). Dessa maneira, permite uma conversação entre o entrevistador e o entrevistado, com a finalidade de obter certas informações subjetivas, ampliando as possibilidades de compreensão da realidade do entrevistado.

De acordo com Cruz (1994), existem diversas formas de se elaborar uma entrevista. Segundo o autor,

Em geral, as entrevistas podem ser estruturadas e não-estruturadas, correspondendo ao fato de serem mais ou menos dirigidas. Assim, torna-se possível trabalhar com a entrevista aberta ou não estruturada, onde o informante aborda livremente o tema proposto; bem como com as estruturas que pressupõem perguntas previamente formuladas. Há formas, no entanto, que articulam essas duas modalidades, caracterizando-se como entrevistas semi-estruturadas. (Cruz, 1994, p.58).

Desse modo, o tipo de entrevista que optamos foi a entrevista semi-estruturada, modelo de entrevista que pressupõe a realização de nossa intenção na qual os entrevistados possam expor as suas idéias e opiniões acerca das questões colocadas.

As entrevistas semi-estruturadas, em particular, têm atraído interesse, sendo amplamente utilizadas. Tal interesse está vinculado à expectativa de que é mais provável que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos em uma situação de entrevista com planejamento relativamente aberto do que em uma entrevista padronizada. (Flick, 2004, p. 89).

Entre as técnicas de interrogação utilizadas, a entrevista possui maior flexibilidade. No entanto, muitos dos cuidados a serem tomados na elaboração do questionário também devem ser considerados na elaboração da entrevista. Uma das considerações a ser observada é a postura do pesquisador na entrevista que, da mesma forma que sua presença pode ajudar o pesquisado, também pode inibi-lo, prejudicando-o nas respostas das questões. Para que os objetivos da entrevista sejam alcançados o entrevistador deve evitar durante a entrevista: “problemas de dicção, opinião

apaixonada sobre o problema da pesquisa, timidez, apresentação deficiente, etc”. (Gil, 1991, p. 94).

Outro cuidado a ser observado durante a entrevista é a “aplicação muito burocrática do guia de entrevista, que pode restringir os benefícios da abertura e das informações contextuais pelo excesso de rigidez do entrevistador ao fixar-se nesse guia”. Todavia, “a vantagem desse método é que o uso consistente de um guia da entrevista aumenta a comparabilidade dos dados, e sua estruturação é intensificada como resultado das questões do guia”. (Flick, 2004, pp.106-107).

Portanto, as respostas dos entrevistados podem coincidir ou não com as questões previstas no guia, “tentar mencionar certos tópicos apresentados no guia da entrevista estando, ao mesmo tempo, aberto ao modo individual do entrevistado de falar sobre esses tópicos e outros de relevância para ele” exige do entrevistador “um alto grau de sensibilidade” na qual se faz “necessária uma mediação permanente entre o curso da entrevista e o guia da entrevista”. (Flick, 2004, pp.106-107).

A amostra concreta de entrevistados foi selecionada procurando-se a representatividade do universo dos participantes no estudo. Assim, selecionaram-se 5 participantes, entre eles o diretor, vice-diretor e técnicos pedagógicos de cada escola. A validação do guia da entrevista ocorreu através de um estudo-piloto, que se revestiu de grande importância, visto que permitiu complementar o instrumento.

O guia de entrevista parte de um roteiro previamente elaborado que tem como objetivos:

- Conhecer as concepções de Educação Ambiental dos gestores;
- Investigar as ações da gestão escolar em educação ambiental;
- Conhecer as competências e habilidades necessárias dos diretores para organização e desenvolvimento de uma educação ambiental na escola;
- Conhecer a contribuição do projeto político pedagógico da escola na implementação de ações para a educação ambiental;
- Identificar os desafios e limitações vivenciados pelos diretores e coordenação pedagógica no cotidiano escolar, para práticas de educação ambiental.

As entrevistas foram realizadas na escola, pela investigadora, em ambiente tranquilo, e gravadas em áudio. Após a realização das entrevistas, os relatos foram transcritos na íntegra, visando atenuar distorções intrínsecas ao processo. Logo em

seguida, procedeu-se à leitura do conteúdo das entrevistas e, após análise e triagem desse conteúdo, à sua categorização.

Segundo as orientações apontadas por Bruce (1992, citado por Flick, 2004, pp.184-185), as transcrições das entrevistas podem seguir os seguintes critérios:

Podem ser empregados como ponto de partida na avaliação de um sistema de transcrição para o discurso oral: a controlabilidade (para o transcritor), as possibilidades abertas para a sua leitura, assimilação e interpretação (para o analista e para o computador). É razoável pensar que o sistema de transcrição deve ser fácil de escrever, fácil de ler, fácil de aprender e fácil de pesquisar.

Nessa perspectiva, a transcrição segundo Flick (2004), deve adotar:

Além das regras claras que estabelecem como transcrever enunciados, revesamentos, intervalos, finais de frase, e etc; conferir uma segunda vez a transcrição comparada à gravação, e a anonimidade dos dados (nomes, referencias espaciais e temporais) são aspectos centrais do procedimento de transcrição. (p.185)

5.1.2-O questionário

Uma das técnicas de coleta de dados que escolhemos foi o questionário, sabemos que (como todos os instrumentos de coleta de dados) apresenta facilidades e dificuldades. No entanto, o questionário atende aos interesses desta pesquisa por permitir coletar informações, num intervalo de tempo relativamente curto, de todos os professores participantes no estudo. (Sousa, 2005)

De acordo com Gil (1991), o questionário constitui o meio mais rápido e barato de obtenção de informações. Acrescente-se ainda que permite maior tempo de reflexão para que os pesquisados possam responder livremente as questões.

Para que os objetivos da pesquisa sejam atingidos, o questionário deve ser elaborado criteriosamente, pois pode orientar ou levar o pesquisado a um determinado tipo de resposta, induzindo os resultados e distorcendo as conclusões deles provenientes. Segundo Gil (1991) “não existem normas a respeito da elaboração do questionário. Todavia, é possível, com base na experiência dos pesquisadores, definirem algumas regras práticas a esse respeito.” Desse modo, a elaboração do questionário deve

consistir fundamentalmente em manifestar os objetivos da pesquisa em questões bem formulados de maneira clara, sólida e concisa.

O questionário pode conter questões fechadas, questões abertas ou mistas. “No primeiro caso, as respostas serão escolhidas dentre as opções pré-definidas pelo pesquisador; no segundo, o sujeito pode elaborar as respostas, com suas próprias palavras, a partir de sua elaboração pessoal”. (Severino, 2007, pp.125-126). No terceiro, a combinação de perguntas fechadas e abertas pode ser utilizada quando se deseja obter uma justificativa, contribuição ou parecer do sujeito/informante, além da resposta fechada padrão. (Gil, 1991)

O questionário deste estudo foi elaborado com a combinação de perguntas abertas e fechadas e almeja os seguintes objetivos:

- Conhecer as concepções de Educação Ambiental dos professores da escola;
- Conhecer as opiniões dos professores sobre as ações implementadas pelo gestor e as competências e habilidade necessárias para organização e desenvolvimento de uma educação ambiental na escola;
- Conhecer a contribuição do projeto político pedagógico da escola na implementação de ações para a educação ambiental.
- Identificar os desafios e limitações vivenciados pelos professores no cotidiano escolar, para práticas de educação ambiental.

De acordo com os objetivos, o questionário segue a seguinte estrutura:

Parte I: Trata da coleta de dados profissionais e busca identificar as características dos pesquisados.

Parte II: Aborda as concepções dos professores sobre educação ambiental.

Parte III: Está relacionada com a imagem do diretor da escola, principalmente as ações por ele implementadas, e as competências e habilidade necessárias para organização e desenvolvimento de uma educação ambiental na escola.

Parte IV: Aborda a contribuição do Projeto Político Pedagógico da escola na implementação de ações para a educação ambiental.

Parte V: Constituída por um conjunto de questões que buscam identificar os desafios e limitações vivenciados pelos professores no cotidiano escolar, para práticas de educação ambiental.

CAPÍTULO 4
RESULTADOS: ANÁLISE E DISCUSSÃO

Nota introdutória: O perfil dos participantes

Temos como fonte de informações as equipes de gestão administrativas, pedagógicas e professores de duas escolas de Ensino Fundamental. Em relação ao perfil dos participantes, somente os docentes responderam as questões embora algumas considerações relacionadas ao gênero e faixa etária da equipe técnica-administrativa tenham sido consideradas. Com base em nos dados obtidos, foram encontradas diferenças significativas entre as características dos professores das escolas em estudo, no que se refere à faixa etária e tempo de serviço.

Observamos que a faixa etária da equipe técnica-administrativa corresponde a um grupo de pessoas com mais de trinta anos, diferentemente dos professores da escola-1 que se trata de um grupo jovem de 40% na variável até 29 anos. Na escola-2 foi observada a mesma percentagem na variável até 29 anos, porém na variável acima de 45 anos obteve-se uma porcentagem significativa equivalente a 35%. Conforme descrito na tabela abaixo:

Tabela 01- Perfil dos participantes: Faixa etária

Variável: Faixa Etária	Escola-1		Escola-2		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Até 29 anos	07	40	06	35	13	38
De 30 a 34 anos	01	06	01	06	02	06
De 35 a 39 anos	03	18	03	18	06	18
De 40 a 44 anos	02	12	01	06	03	09
Acima de 45 anos	04	24	06	35	10	29
Total:	17	100	17	100	34	100

Outra característica do perfil dos inquiridos é que o universo das escolas participantes refletia o domínio do sexo feminino, fato observado tanto na classe da equipe técnica-administrativa como na classe dos docentes descrito na tabela-2. Nesta tabela percebemos que 65% dos participantes da escola-1 e 53% da escola-2 são do sexo feminino, sendo um reflexo do quadro dos profissionais da educação no Brasil.

Tabela 02- Perfil dos participantes: Gênero

Variável: Sexo	Escola-1		Escola-2		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Masculino	06	35	08	47	14	41
Feminino	11	65	09	53	20	59
Total:	17	100	17	100	34	100

Com relação a variável Tempo de Serviço, pode-se notar que na escola-1 a maioria dos participantes compunha um perfil jovem como profissional, com uma variável de 01 a 04 anos de serviço, equivalente a 35% dos participantes. Enquanto isso, na escola-2 a variável sofre alterações apresentando um grupo majoritário de profissionais com 11 a 20 anos de tempo de serviço, equivalente a 41%, o que indica um bom grau de conhecimento sobre a realidade profissional, podendo indicar melhores condições para a resolução dos problemas relacionados a tema ambiental vivenciados na escola.

Tabela 03- Perfil dos participantes: Tempo de serviço

Variável: Tempo de Serviço	Escola 1		Escola 2		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
De 01 a 04 anos	06	35	03	18	09	27
De 05 a 10 anos	05	29	06	35	11	32
De 11 a 20 anos	04	24	07	41	11	32
Acima de 20 anos	02	12	01	06	03	09
Total:	17	100	17	100	34	100

No que se refere à área de formação, as variáveis História e Biologia se repetem como as mais representadas nas duas escolas com 18% de participantes, o que equivale em número a 03 profissionais por escola cada uma.

Na escola-1 há repetições nas variáveis Letras com 03 representantes (18%), Matemática com 02 (12%) e Pedagogia também com 02 representantes (12%). Enquanto isso, na escola-2 as variáveis que mais se repetem são Letras, Geografia,

Educação Artística e Estudos Amazônicos, todas com a mesma proporção de 02 representantes ou 12% cada uma, como pode-se verificar na tabela 4.

Tabela 04 – Perfil dos participantes: Área de formação

Variável: Formação	Escola-1		Escola-2		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Letras	03	18	02	12	05	15
Matemática	02	12	01	06	03	09
Pedagogia	02	12	00	00	02	06
Geografia	01	06	02	12	03	09
História	03	18	03	18	06	18
Biologia	03	18	03	18	06	18
Ed. Física	01	06	01	06	02	06
Ed. Artística	01	06	02	12	03	09
Est. Amazônicos	01	06	02	12	03	09
Religião	00	00	01	06	01	03
Total:	17	100	17	100	34	100

Na variável Situação Profissional, nota-se uma percentagem de 76% na escola-1 e 88% da escola-2 de professores pertencentes ao quadro da carreira do Ministério da Educação, o que pode significar um quadro de estabilidade profissional das escolas em estudo.

Tabela 05 – Perfil dos participantes: Situação Profissional

Variável: Sit. Profissional	Escola-1		Escola-2		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Concursado	13	76	15	88	28	82
Contratado	04	24	02	12	06	18
Total:	17	100	17	100	34	100

Verificamos entre os docentes pesquisados que a variável “sim” de último biênio trabalhado na escola, apresentou tanto na escola-1 quanto na escola-2 um efetivo maior,

com de 88% e 65% respectivamente, em relação à variável “não” nas mesmas escolas. Este fato nos possibilita destacar a partir dos dados apresentados na Tabela 6 que, a experiência dos inquiridos nas escolas pode contribuir para o desenvolvimento da temática ambiental.

Tabela 06 – Perfil dos participantes: Trabalho no último biênio

Variável: Trabalhou na escola no último biênio	Escola-1		Escola-2		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sim	15	88	11	65	26	76
Não	02	12	06	35	08	24
Total:	17	100	17	100	34	100

1- Análise e discussão dos dados

De posse de todo o material utilizado na coleta dos dados, primeiramente foi feita a análise dos dados obtidos, levando em conta cada questão, que

Apoiar-se-á em três aspectos fundamentais: a) nos resultados alcançados no estudo (respostas aos instrumentos, idéias dos documentos etc.); b) na fundamentação teórica (manejo dos conceitos-chaves das teorias e de outros pontos de vista); c) na experiência pessoal do investigador. (Triviños, 2009, p.173).

A categorização dos dados nesta análise foi baseada, basicamente, no guião das entrevistas (Anexo I). Os dados foram categorizados de acordo com os níveis de caráter Descritivo (D) e Interpretativo (I). Para os níveis descritivos atribuímos seis questões retratadas no Guião das Entrevistas, nas quais os inquiridos expressam sentimentos, atitudes e representações relacionados, de um modo mais ou menos geral, sobre o processo de educação ambiental na escola; ao passo que para o nível interpretativo selecionamos três questões, que estão diretamente dirigidas para o núcleo da investigação, também detectadas no Guião.

Em relação aos dados coletados entre os professores através de questionários, foram utilizadas tabelas, sintetizando e agrupando as falas, conceitos e ações básicas dos inquiridos. O procedimento é comparativo entre diretores, vice-diretores, coordenadores pedagógicos e os professores investigados.

As categorias presentes constam no quadro abaixo e os resultados serão expostos e discutidos a seguir:

Categorias		Tipo
Perguntas	Descrição	Descritivo – D Interpretativo - I
1 ^a	Entendimento sobre “ambiente”	D
2 ^a	Entendimento sobre Educação Ambiental	D
3 ^a	Percepção de Desenvolvimento Sustentável	D
4 ^a	Ações de Educação Ambiental implementadas no exercício do cargo	D
5 ^a	Dinamização de ações de Educação Ambiental na escola	I
6 ^a	Competências e habilidades do gestor escolar para desenvolver a educação ambiental	D
7 ^a	Contribuição do Projeto Político Pedagógico para a educação ambiental na escola	D
8 ^a	Dificuldades ao desenvolver práticas de educação ambiental na escola	I
9 ^a	Principais desafios a serem superados pela gestão escolar quanto à implementação de práticas de educação ambiental	I

1.1-Análise das categorias de tipo descritivo

1.1.1- Concepções sobre Educação Ambiental

Com base nas entrevistas realizadas na escola-1, foco de nosso estudo, pode-se perceber que com relação ao entendimento sobre “ambiente” a maioria dos entrevistados concebem a ideia da descrição do ambiente como uma definição generalizada, afirmando que meio ambiente é “todo aquele espaço utilizado pelo homem”. Conforme as falas coletadas dos entrevistados:

- Para mim é todo aquele espaço utilizado pelo homem onde ele se organiza para desenvolver suas atividades de uma forma bem organizada. (Protocolo de entrevista. Diretora-Escola 1)

- Bom, ambiente para mim, ele é todo o espaço onde convives, onde nasce, onde cresce, onde desenvolves. O meio ambiente é o espaço onde estás (...). Ambiente, para mim, é todo espaço onde convives, é o local onde estás, é o teu ambiente. (Protocolo de entrevista. Vice-diretora-Escola 1)

- Para mim ambiente é todo o espaço, e o que tem dentro desse espaço, que está ao redor do ser humano. É o que está dentro de um ambiente sempre seja na rua, na escola. Ambiente é todo o espaço e o que contém esse espaço, qualquer animal, qualquer espaço e o que está entorno. (Protocolo de entrevista. Coordenadora Pedagógica- Escola 1)

Observamos que na escola-2 a maioria dos entrevistados apresenta uma visão de “ambiente” também de forma espacial, porém reconhecendo a interdependência entre o homem e o “ambiente”.

- Ambiente são todos os elementos que se encontram ao redor do ser humano e com os quais este interage para garantir sua sobrevivência. Nem esta relação ocorre de forma pacífica. (Protocolo de entrevista. Vice-diretora- Escola 2)

-Em relação à escola, é o espaço onde você se sinta bem, por exemplo, aqui na escola a gente tem um espaço muito bom e não é aproveitado da maneira como poderia ser, um lugar onde você possa desenvolver suas atividades da melhor forma e se sentir bem naquele lugar, penso no ambiente não só o externo como o interno, e não só o ambiente como natureza, mas um ambiente como um todo. (Protocolo de entrevista. Coordenadora-pedagógica- Escola 2)

-Como é que eu vou responder é um espaço, qualquer espaço de convivência é um ambiente. (Protocolo de entrevista. Coordenadora-pedagógica- Escola 2)

Através das respostas apresentadas, podemos inferir que a compreensão de meio ambiente exposta pelos entrevistados ainda está arraigada no pensamento geral, embora já se tenha avançado daquela noção de meio ambiente apenas como natureza, ainda é necessário uma visão de meio ambiente na sua totalidade e complexidade.

Esta situação é confirmada também pela maioria dos professores da escola-1 e da escola-2 que apresentaram uma visão generalizada sobre o “ambiente”. Eles reconhecem a interdependência entre o homem e o “ambiente”, de certa forma, conforme os dados da tabela-7, ainda correspondendo a uma visão naturalista de “ambiente”, desconexa da realidade que presente, sem as reflexões e tomada de atitudes essenciais às questões ambientais da atualidade.

Ainda com relação ao entendimento sobre o “ambiente”, 18% dos representantes da escola-1, seguidos de 24% da escola-2, consideram-no segundo os aspectos sociais, culturais, políticos e familiares, aproximando-se do que afirma Díaz (2002), o meio ambiente “abrange, ao mesmo tempo os aspectos naturais e aqueles decorrentes das atividades humanas” (p. 53). Como apresentado na tabela-7 a seguir:

Tabela 7- Entendimento sobre “ambiente”

Respostas- Escola 1	Nº	%	Respostas- Escola 2	Nº	%
-Todo o espaço que nos cerca é o ambiente. (Profª- Geografia)	12	70	- Entendo que meio ambiente está relacionado com o espaço onde as pessoas vivem. (Profª- Estudos Amazônicos)	8	47
- Entendo como o espaço físico e social onde cada ser está inserido e com o qual interage e no qual busca os recursos para sua sobrevivência. (Profª- Matemática)	2	12	- Ambiente é o conjunto de qualidades físicas e biológicas que abriga e rege a vida em todas as suas formas. (Profª- Estudos Amazônicos)	5	29
- Envolve todas as relações de convivência seja no âmbito social, cultural, político ou familiar. (Profª- Estudos Amazônicos)	3	18	- O conceito de ambiente é bastante amplo o ambiente não envolve só os elementos naturais, físicos e biológicos, mas, todos os aspectos sociais dos seres humanos nesse ambiente. (Profª- Biologia)	4	24
TOTAL	17	100	TOTAL	17	100

No que se refere à segunda questão sobre o entendimento da educação ambiental, percebemos que as respostas estabelecem um paralelo na relação com a

concepção de “ambiente”. Na maioria das vezes, tanto na escola-1 como na escola-2, a educação ambiental foi descrita segundo os aspectos biológicos, ressaltando a formação de valores para a preservação do meio como elemento fundamental para a vida humana. O que foi possível comprovar com os seguintes excertos:

- É uma formação de valores que sensibilizam o ser humano no respeito à preservação do meio ambiente, é uma vivência na sustentabilidade. (Protocolo de entrevista. Coordenadora Pedagógica-Escola 1)

- Para mim envolve tudo do teu dia-a-dia familiar, profissional, de lazer, porque se deve estar bem no ambiente. Depende da consciência, você deve cuidar do ambiente em que vive, com seus amigos, familiares. Também é importante reverter o lixo como algo bom para a natureza. Daí, o ambiente já se torna bem melhor para viver. Penso assim: “Até onde vamos com tanto lixo que a gente produz?”. (Protocolo de entrevista. Vice-diretora-Escola 1)

- É a preservação da natureza, da água e de tudo que está a sua volta. (Protocolo de entrevista. Diretora-Escola 2)

Eu acho que é a educação voltada para a preservação desse ambiente que a gente vive, desses vários ambientes que a gente vive. (Protocolo de entrevista. Coordenadora Pedagógica-Escola 2)

Considerando as respostas coletadas na escola-1, com a equipe técnica-administrativa, foi confirmado entre os professores, que a maioria (53%), também descreve a educação ambiental apenas em seu aspecto físico e biológico, enquanto apenas 18% deles relaciona a educação ambiental à qualidade de vida, levando em consideração seus aspectos sócio-culturais e econômicos, não mencionando a importância política do processo educacional. E, (29%) a entendem numa percepção de conscientização e mudança de comportamentos e valores.

Na escola-2 os dados se repetem com 18% dos professores, no que se refere ao entendimento da educação ambiental, segundo os aspectos sócio-culturais e econômicos, mas sofre alterações significativas quando apresenta 59% de professores que percebem a educação ambiental como uma educação voltada para a conscientização e sensibilização das pessoas sem fazer relação com os demais aspectos e 23% que entendem-na a partir da necessidade de preservação do meio para sobrevivência da vida humana. Porém, não deixam claro essa relação homem-natureza.

Tabela 8- Entendimento sobre Educação Ambiental

Respostas: Escola-1	Nº	%	Respostas: Escola-2	Nº	%
- Entendo que educação ambiental é a ciência que estuda os fenômenos relacionados ao meio ambiente e como preservá-lo. (Profª- Matemática)	9	53	- Entendo educação ambiental como um processo educativo, que através de diversas metodologias, busca soluções que permitam ao homem coexistir de forma harmoniosa com a natureza. (Profª- História)	4	23
- A educação ambiental está relacionada com a prática de tomadas de decisões que conduzem para a melhora da qualidade de vida. (Profª-Educação Física)	3	18	- A educação ambiental se caracteriza por incorporar as dimensões sócio-econômica, política, cultural e histórica na busca de soluções quanto aos problemas ambientais que as sociedades enfrentam atualmente. (Profª-Biologia)	3	18
- São as informações sobre o meio ambiente em que vivemos. São informações imprescindíveis para a conscientização ambiental. (Profª- Geografia)	5	29	- Para mim educação ambiental é para formar uma população consciente e preocupada com a problemática do meio ambiente. (Profª-Artes)	10	59
TOTAL	17	100	TOTAL	17	100

Na terceira questão sobre a percepção de como viver de forma sustentável a equipe técnica-administrativa das escolas-1 e 2 apresentam uma visão de desenvolvimento sustentável a partir do desenvolvimento econômico, desenvolvimento social e proteção ambiental, levando em consideração alguns aspectos como a preservação do meio ambiente para as próximas gerações, a conscientização da população para que se preserve os recursos naturais com melhorias ao meio ambiente e à qualidade de vida das pessoas.

- Desenvolvimento sustentável é dar condições de qualidade de vida as pessoas no espaço onde elas estão pensando em saúde, lazer, produção, economia e etc. (Protocolo de entrevista. Coordenadora Pedagógica-Escola 1)

- O conceito de desenvolvimento sustentável é muito amplo, e por vezes, ainda vago. Viver de forma sustentável é ter uma sociedade capaz de satisfazer as necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade e as oportunidades das gerações futuras. (Protocolo de entrevista. Vice-diretora-Escola 1)

- É a exploração dos recursos naturais para fins econômicos tendo a preocupação de não causar destruição e mantendo a natureza em equilíbrio. (Protocolo de entrevista. Coordenadora Pedagógica-Escola 2)

Entre os professores das escolas-1 e da escola-2 verificamos que a maioria demonstra uma percepção de desenvolvimento sustentável com 53% e 65% de representantes, respectivamente, que consideram a preservação e conservação do meio ambiente como essenciais. Do mesmo modo, 47% dos representantes da escola-1 e 35% da escola-2, assim como a equipe técnica-administrativa, também ressaltam o desenvolvimento sustentável como uma forma de desenvolvimento que não agrida o meio ambiente e não prejudique o desenvolvimento das gerações futuras.

Tabela 9- Percepção de Desenvolvimento Sustentável

Respostas: Escola-1	Nº	%	Respostas: Escola-2	Nº	%
- Explorar os recursos naturais com responsabilidade; respeitando a natureza. (Profª- Língua Portuguesa)	8	47	- Desenvolver atividades produtivas que não prejudiquem o meio ambiente. (Profª- História)	6	35
- Viver de forma sustentável requer que a economia cresça de forma integrada à preservação do ambiente, assim como, os indivíduos tenham direito à cidadania e à qualidade de vida. (Profª- História)	9	53	- O desenvolvimento sustentável se constitui de compatibilidade do setor econômico, com o desenvolvimento humano e qualidade ambiental. (Profª- Educação Física)	11	65
TOTAL	17	100	TOTAL	17	100

No que se refere às ações implementadas no exercício do cargo, os entrevistados da escola-1, concedem detalhes de algumas práticas para clarificar o que foi questionado. Os entrevistados, novamente ressaltam a importância da educação ambiental para preservação do meio ambiente. Foi esse, precisamente, o caso dos inquiridos a que se referem os seguintes excertos:

- Já tive uma experiência muito boa numa gincana que participávamos, nós fizemos num ano e recolhemos três toneladas de garrafas pets e foi muito válido. Outra foi uma parceria com a coca-cola em que recolhemos todo mês grande quantidade de garrafas pets. O que foi válido nas ações foi o envolvimento dos professores, pais e alunos na escola. Embora tenham sido atividades soltas. (Protocolo de entrevista. Vice-diretora-Escola 1).

- Partindo do conceito de educação ambiental, a gente já trabalha, já desenvolvemos alguns projetos dentro da maturidade deles, no nível de informação que elas têm de ambiente de educação ambiental. Agora assim, colocando para eles a importância de preservar o ambiente, de ser estar num ambiente limpo, um ambiente de qualidade (...). Então nós fizemos uma ação sobre educação ambiental que se tratava da preservação do meio ambiente, nós já chegamos a fazer uma caminhada, onde as crianças fizeram faixas, construíram placas e foram para as ruas mostrar às pessoas. A gente bateu nas casas e eles mesmos falaram qual a importância de se estar cuidando do meio ambiente de estar limpando, preservando, inclusive eles chegaram a usar mascarar sacos de lixo, as luvas, eles foram todos bem equipados. (...). (Protocolo de entrevista. Diretora-Escola 1).

A partir daí, pode-se perceber que trabalhar com projetos é uma boa estratégia, a questão é que dificilmente são trabalhados de forma integrada na escola. Geralmente, o projeto ambiental é planejado à parte das aulas e quando finalizado não deixa resquícios de seus resultados entre os alunos. No entanto, na escola-2 observamos a ausência de práticas voltadas para a educação ambiental e até mesmo desânimo em realizá-las.

- Eu tentei aqui na escola trabalhar com educação ambiental, mas eu fiquei tão desmotivada com os professores, com a resistência que eu fiquei parada eu nem toquei mais no assunto. (...), comecei divulgar minhas idéias com os alunos, com os professores, com os pais, a gente fez uma reunião e conseguimos até participações muito legais (...). Eu fiquei muito feliz com a reunião, com o resultado, em relação aos pais que poderiam está participando do projeto. Depois, ficou naquilo inviabilizou (...), e acabou que com os problemas do dia a dia a gente não colocou em prática a idéia do projeto de educação ambiental que era melhorar o espaço da escola, o ambiente, deixar mais bonito. (...) a idéia era muito boa, mas não foi viabilizada. (Protocolo de entrevista. Coordenadora Pedagógica-Escola 2).

- Aqui um projeto ambiental não tem. Agora, a gente trabalha no cotidiano a preservação do patrimônio que não deixa de ser uma questão ambiental porque se hoje chegam às carteiras na sala de aula o aluno vai e quebra são mais arvores que serão cortadas para fazer novas cadeiras,

se o aluno brinca com o papel, tira o papel do caderno e jogar, lixo, lixo. Então tem que ter essa consciência de onde vem esse papel? Então dentro dessa perspectiva de preservação do patrimônio é que tem se trabalhado, porque projeto de Educação Ambiental não temos. (Protocolo de entrevista. Coordenadora Pedagógica-Escola 2).

- Nenhuma. Acredito que esta questão virou modismo e escola realiza um trabalho na superficialidade e não incorpora práticas ambientalmente corretas no seu dia-a-dia. Um exemplo disso é a utilização de copos descartáveis. (Protocolo de entrevista. Vice-diretora-Escola 2).

Quanto aos professores, tanto da escola-1 como da escola-2, são enfáticos em afirmar que trabalham o tema meio ambiente em sala de aula. Dessa forma, houve 82% de afirmativas na escola-1, ou seja, 14 professores asseguraram em suas respostas que trabalham o tema em períodos de eventos, através de textos, pesquisas, filmes, murais e alguns também citaram que adéquam ao conteúdo, quando possível. Da mesma forma, 16 dos 17 professores da escola-2 responderam que utilizam o tema meio ambiente em seus trabalhos de sala de aula, recorrendo-se das mesmas estratégias citadas pelos professores da escola-1.

Levando em consideração tais afirmativas, observamos que as estratégias citadas pelos professores ajudam, mas, são insuficientes para que a educação ambiental se efetive no cotidiano escolar. Faz-se necessário, então, um trabalho organizado e um processo contínuo de formação permanente para todos os educadores.

Como negativa apresentaram-se nas respostas coletadas 18% e 6% nas escolas-1 e escola-2, respectivamente, citando-se como justificativa a falta de preparo, a ausência de cursos de capacitação e a necessidade de uma disciplina específica que trate sobre as questões ambientais. A proposta de tornar a educação ambiental uma disciplina específica é contrária a Política Nacional de Educação Ambiental, segundo a qual a educação ambiental deve ser promovida através da interdisciplinaridade e transversalidade.

Apesar dos avanços na questão da interdisciplinaridade, ainda encontramos argumentos como o de implantar a educação ambiental como uma disciplina específica no currículo de ensino. No entanto, para a construção de práticas educativas e encaminhamentos metodológicos voltados para a educação ambiental são necessárias reflexões socioambientais que busquem a transversalidade em seu dia- a- dia.

Tabela 10- Você trabalha o tema meio ambiente em sua sala de aula?

Respostas: Escola-1	Nº	%	Respostas: Escola-2	Nº	%
- Sim. Na medida do possível trabalho com textos que sensibilizem os alunos sobre a necessidade de conhecer e preservar o meio em que vivem. (Profª- Língua Portuguesa)	14	82	- Sim. Sempre que possível converso com os alunos da importância de mantermos o ambiente em boas condições de higiene e os cuidados que devemos ter com a natureza. (Profª- Artes)	16	94
Não. Ainda não me sinto preparado para fazer este tipo de abordagem. Na verdade meu conhecimento sobre educação ambiental é mínimo. (Profª- Matemática)	3	18	- Não. Acho que deveria ter uma disciplina específica para o tema meio ambiente (Profª- Matemática)	1	6
TOTAL	17	100	TOTAL	17	100

1.1.2- As competências e habilidades necessárias à gestão escolar para organização e desenvolvimento de uma educação ambiental.

Questionamos os professores das duas escolas em estudo sobre a importância do papel do diretor da instituição para organização e desenvolvimento da educação ambiental. O discurso verificado entre os professores foi marcado pelo consenso, conforme indicam os seguintes resultados: 59% dos professores da escola-1 consideram muito importante e 41% importante. Em relação à escola-2 o resultado foi de 100% que consideram muito importante o papel do diretor no processo de educação ambiental na escola. É importante ressaltar que nenhum professor de ambas as escolas, referiu-se ao papel do diretor escolar como “pouco importante” ou “sem importância”.

Tabela 11 – Importância do papel do diretor na escola para organização e desenvolvimento da educação ambiental

Respostas: Escola-1	Nº	%	Respostas: Escola-2	Nº	%
- Muito Importante.	10	59	- Muito Importante	17	100
- Importante.	7	41	-----	-	-
TOTAL	17	100	TOTAL	17	100

Tratando-se das competências e habilidades do gestor escolar para implementar a educação ambiental, os entrevistados da escola-1 destacam, inicialmente, que o gestor deve reconhecer a importância da educação ambiental para a sociedade, viabilizando e gerenciando projetos de forma dinâmica, além de articular ações entre escola e comunidade, abordando temas como lixo, higiene e o tratamento da água.

- Ter consciência do jeito que está o nosso planeta hoje, porque se não tiver, não conseguimos fazer algo efetivo na escola senão tiver isso, não vai passar de eventos periódicos. (Protocolo de entrevista. Vice-diretora-Escola 1).

- É o reconhecimento da importância da educação ambiental (...). Ele [o gestor] precisa viabilizar ser um agente, gerenciar, gestar projetos (...), articular ações junto com a comunidade que atenda as necessidades da comunidade em relação ao meio que vivem (...) a comunidade não sabe como lidar com o lixo, a higiene (...) o tratamento de água. (Protocolo de entrevista. Coordenadora pedagógica-Escola 1).

Outro destaque dado nessa questão ainda na escola-1 foi em relação aos recursos financeiros. Como demonstrado abaixo:

- Bem, primeiramente a direção, digo assim, diretor e vice-diretor eles são membros natos do conselho escolar, essa dinamização depende muito do conselho escolar. Acho que a função da direção da escola é primeiramente essa, estar vendo com o conselho escolar como disponibilizar, o que disponibilizar de acordo com as possibilidades na questão financeira, na questão de espaço, estar vendo de acordo com a realidade. É um trabalho em equipe e acho, eu acho não, eu tenho certeza, que toda equipe tem um líder não uma hierarquia. Então para qualquer ação passa pela direção. (Protocolo de entrevista. Coordenadora pedagógica-Escola 1)

Na escola-2 também foram referidas a liderança, a conscientização e, principalmente, o envolvimento do gestor e da comunidade escolar em práticas de educação ambiental.

- Realizar um planejamento interdisciplinar. Ter uma forte liderança para envolver todos os segmentos da escola nessas ações. (Protocolo de entrevista. Vice-diretora-Escola 2)

- Primeiro é apoiar os projetos, incentivar. E o apoio é tanto financeiro como estar ali na frente com a gente. Então da gestão eu sinto falta desse apoio. Mas, as idéias são muito boas, as

reuniões são muito boas. Mas, eu penso que tem que colocar no papel mesmo e colocar em prática e concretizar. (Protocolo de entrevista. Coordenadora Pedagógica-Escola 2)

- Isso é fundamental, sobre um dos grandes problemas que eu estou enfrentando na coordenação é que está muito departamentalizado, o coordenador (o técnico não é coordenador, a gente é chamada de técnico). Então o coordenador se envolve com o pedagógico, o diretor não sei com o que se envolve. Mas, o diretor aqui ele deixa bem claro, cuida do pedagógico que eu não entendo. Como é diretor de uma escola se não entende do pedagógico como vamos conseguir desenvolver um projeto que é um projeto ambiental. Então isso é fundamental, esse envolvimento, ele tem que se envolver com a prática. Então a função dele não é gestar todo o processo de educação na escola? Ou ele é um mero burocrata de assinar papéis?(...), ele que tem que está direcionando, vamos lá, incentivando, olhar o que a gente pode fazer porque ele é que sabe até onde a escola pode ir (...). Senão está aqui para discutir, se exclui desse processo de discussão as coisas não saem. (Protocolo de entrevista. Coordenadora Pedagógica-Escola 2)

Em relação às competências do gestor para desenvolver a educação ambiental, os professores citam em 59% das respostas da escola-1 e 88% da escola-2, a articulação, a liderança, a ética e o incentivo para envolver a comunidade escolar como fatores indispensáveis na realização de ações voltadas para a educação ambiental. Os outros 23% e 6% das respectivas escolas, referem-se ao conhecimento e reconhecimento do gestor sobre a importância do tema para as ações da escola. E, 18% dos entrevistados da escola-1 e 6% da escola-2 descrevem o provimento dos recursos necessários às atividades de educação ambiental como principal competência do gestor escolar.

Nesse contexto, é possível concluir que as competências descritas resultam, na perspectiva dos participantes, essencialmente do fato de o gestor escolar se constituir como a ponte de ligação entre a escola e a comunidade. A maioria das respostas dos inquiridos relaciona as competências do gestor à participação e envolvimento da comunidade escolar, o que foi evidenciado também pelos estudos de Demo (1996), Luck (1996), e Libâneo (2005).

Tabela 12 - Competências do gestor escolar para desenvolver a educação ambiental

Respostas- Escola 1	Nº	%	Respostas- Escola 2	Nº	%
- Conhecer a realidade da comunidade em que a escola está inserida e as problemáticas ambientais vivenciadas por esta comunidade para então desenvolver um plano de ação com a participação de pais, alunos e professores. (Prof ^o - Historia)	10	59	- Ser menos burocrático e mais articulador, proporcionar o envolvimento da comunidade nas ações da escola. (Prof ^o - Historia)	15	88
- Conhecer o tema educação ambiental para envolver as categorias da escola em projetos que ajudem a solucionar problemáticas ambientais da comunidade ou até mesmo para prevenção das mesmas. (Prof ^o - Estudos Amazônicos)	4	23	- Conhecer o tema meio ambiente e sua importância para o desenvolvimento do educando enquanto ser humano consciente de suas ações. O gestor deve participar da elaboração de todas as ações referentes ao tema.	1	6
-Viabilizar na medida do possível, todos os recursos necessários para a implantação de uma educação ambiental. (Prof ^o - Matematica)	3	18	- Articular e motivar atividades interdisciplinares na escola, prover recursos didáticos. (Prof ^o - Historia)	1	6
TOTAL	17	100	TOTAL	17	100

Do mesmo modo, questionamos os professores sobre as habilidades/aptidões necessárias ao gestor escolar para desenvolver a educação ambiental. Obtivemos como respostas dos professores da escola-1 o equivalente a 18% que apontam a ousadia, criatividade e o partilhar decisões como habilidades importantes, enquanto 35% descrevem como habilidades o incentivo e a gestão de recursos financeiros para a escola, na sua maioria (47%), afirmam que promover a participação e união da comunidade escolar são habilidades necessárias para um gestor escolar. Conforme a tabela abaixo:

Tabela 13- Habilidades/aptidões do diretor de escola no desenvolvimento da educação ambiental

Respostas- Escola 1	Nº	%	Respostas- Escola 2	Nº	%
- O diretor deve ter ousadia para inovar em suas ações administrativas, deve agir como líder e compartilhar as decisões com os demais da escola. (Profª- Biologia)	3	18	- Valorizar os profissionais propiciando um espaço de relacionamento amigável, e dando autonomia para que desenvolvam ações com temas ambientais. (Profª-Artes)	2	12
- O Diretor incentivar projetos voltados para a problemática ambiental e gestar os recursos financeiros da escola que viabilize meios para isso. (Profª- Biologia)	6	35	- Viabilizar os recursos financeiros e pedagógicos, procurando desenvolver junto aos professores a criatividade para desenvolverem seus trabalhos. (Profª- Matemática)	2	12
- O diretor deve tentar unir a escola e trabalhar em prol de um desenvolvimento sustentável. (Profª- Língua Portuguesa)	8	47	- Proporcionar maior participação e união da escola para que trabalhos de educação ambiental, ou qualquer outra atividade, sejam desenvolvidos. (Profª- Biologia)	13	76
TOTAL	17	100	TOTAL	17	100

1.1.3- Contribuição do Projeto Político Pedagógico da escola na implementação de ações para a educação ambiental.

Considerando o Projeto Político Pedagógico como instrumento da gestão escolar, interrogamos os professores sobre a importância dele para a escola. Dessa forma, na escola-1 53% dos professores o consideram muito importante e na escola-2 a percentagem é superior a 76%. Constatou-se, então, que 47% e 24% dos professores avaliam o projeto como importante, tanto na escola-1 como na escola-2, respectivamente. O valor sobe para os 100% quando somamos os valores representativos que se referem aos critérios “importante” e “muito importante”, já que nenhum professor mencionou o Projeto Político Pedagógico como “pouco importante” ou “sem importância”. O que podemos verificar na tabela abaixo descrita:

Tabela 14- Avaliação do Projeto Político Pedagógico da escola

Respostas- Escola 1	Nº	%	Respostas- Escola 2	Nº	%
- Muito Importante.	9	53	- Muito Importante	13	76
- Importante.	8	47	. - Importante.	4	24
TOTAL	17	100	TOTAL	17	100

Quanto à contribuição do Projeto Político Pedagógico os entrevistados da escola-1, consideram que ele só é válido quando é colocado em prática com envolvimento de toda a comunidade escolar. Eles afirmam que deve haver a participação de todos para que ocorra o desenvolvimento positivo do projeto. Também ressaltaram um planejamento do Projeto Político Pedagógico da escola visando ações de educação ambiental:

- Ele é válido sim, quando é colocado em prática juntamente com as propostas de educação ambiental (...) com a participação de toda a comunidade escolar, que eles se sintam responsáveis na implementação de melhorias na relação do ser humano com a natureza. (Protocolo de entrevista. Coordenadora Pedagógica-Escola 1)

- O atual (Projeto Político Pedagógico) que nós temos, ele nem fala na educação ambiental, em nenhum momento, agora no nosso planejamento (anual) a gente está renovando esse projeto, visto que hoje já temos outra concepção, uma nova concepção de educação que está possibilitando a educação ambiental como uma necessidade. No anterior que nós tínhamos dentro da escola nem se falava em educação ambiental. (Protocolo de entrevista. Vice-diretora-Escola 1)

Na questão referente às contribuições do Projeto Político Pedagógico da escola-2 foram destacados pelos entrevistados a ausência de discussão e avaliação do projeto pelo coletivo da escola, sendo inclusive negado a sua contribuição ao processo de educação ambiental:

- Não. (Protocolo de entrevista. Vice-diretora-Escola 1)

- Na verdade a gente ainda não discuti sobre isso, não teve uma reunião pra falar sobre o PPP [Projeto Político Pedagógico]. Conversamos muito sobre projetos, muitas ações. Mas, não teve nada sobre a questão do PPP. Infelizmente o PPP é algo engavetado na escola. (Protocolo de entrevista. Coordenadora Pedagógica-Escola 2)

- Traz, mas, aqui ainda não trouxe, o Projeto Político Pedagógico ele precisa do todo coletivo, trabalhando em prol de uma causa única na escola. Ficou apenas o projeto como um documento que a escola tem que ter para a eleição, é apenas um documento que ninguém consulta que ninguém avalia, apenas existe. (Protocolo de entrevista. Coordenadora Pedagógica-Escola 2)

Em relação às respostas dos professores sobre a contribuição do Projeto Político Pedagógico para a educação ambiental na escola, 82% dos representantes da escola-1 afirmaram que o projeto trouxe contribuições, através de propostas de projetos pedagógicos voltados para o meio ambiente. Embora a maioria dos inquiridos tenha afirmado que o Projeto Político Pedagógico trouxe contribuições à educação ambiental da escola, esta inclusão parece acontecer de forma menos aprofundada do que o pretendido, pelo fato de a educação ambiental estar ainda muito vinculada a iniciativas isoladas de alguns professores.

Em contrapartida, 18% negaram essa contribuição, afirmando que ele não é colocado em prática, constando apenas como documento escolar. Surpreendentemente, na escola-2, 65% dos professores afirmam que o Projeto Político Pedagógico não efetivou suas propostas de educação ambiental, confirmando as falas descritas anteriormente pela equipe técnica-administrativa. Os demais 35% dos professores consideraram positiva a contribuição do projeto, principalmente no que se refere ao trabalho coletivo e interdisciplinar. Porém, os dados mostraram que o trabalho desenvolvido depende bastante de um professor ou grupo de professores.

Tabela 15-Contribuição do Projeto Político Pedagógico para a educação ambiental na escola

Respostas: Escola-1	Nº	%	Respostas: Escola-2	Nº	%
- Não. Geralmente o que é colocado no Projeto Político Pedagógico não é colocado em prática. (Profª- Educação Artística)	3	18	- Não. Na prática dificilmente acontece, o Projeto continua só nos discursos, as propostas de educação ambiental não saíram do papel. (Profª- Artes)	11	65
- Sim. O Projeto Político Pedagógico propõe projetos voltados para a questão ambiental contribuindo para a inserção de atividades sobre o meio ambiente.	14	82	-Sim. Existe a proposta de trabalhar de forma interdisciplinar, principalmente as atividades de educação ambiental.	6	35
TOTAL	17	100	TOTAL	17	100

1.1.4- Desafios e limitações vivenciados pelos professores no cotidiano escolar, para práticas de educação ambiental.

Para analisarmos os desafios e limitações vivenciadas pelos professores no cotidiano escolar para efetivar as práticas de educação ambiental com alunos, adicionamos questões inerentes a sua prática educativa. Neste tópico, utilizaremos unicamente as informações dos questionários realizadas com os professores.

Quando questionados sobre possíveis mudanças em sua prática a partir do Projeto Político Pedagógico, 18% dos professores da escola-1 responderam que isso não seria possível; entre as justificativas apontadas estão, principalmente, a falta de acesso e socialização do projeto com todos da escola. Enquanto isso, na escola-2 há uma porcentagem significativa de respostas negativas 71%, confirmando as mesmas justificativas da escola-1, com acréscimo de desmotivação em participar, temas pouco interessantes e o envolvimento apenas de alguns professores pela direção da escola.

Na escola-1, os professores, em sua maioria, confirmaram mudanças a partir do Projeto Político Pedagógico, através de planejamentos, reflexões e resgates de antigos projetos sobre meio ambiente, antes inviabilizados. Diferentemente, na escola-2, apenas 29% afirmaram mudanças em suas práticas, reconhecendo que as mudanças são lentas e estão apenas se iniciando na escola.

Tabela 16 – Mudanças da prática a partir do desenvolvimento do Projeto Político Pedagógico da escola

Respostas- Escola 1	Nº	%	Respostas- Escola 2	Nº	%
- Não. Ainda não tive acesso ao Projeto Político Pedagógico. (Profª- Educação Artística)	3	18	- Não. O Projeto Político Pedagógico ainda apresenta temas que não envolvem a escola de modo geral, apenas grupos de professores. (Profª- Artes)	12	71
- Sim. Com o planejamento a partir do Projeto Político Pedagógico resgatei projetos antes planejados para desenvolver com as minhas turmas deste ano. (Profª- Biologia)	14	82	- Sim. Essa é uma discussão que a gente está iniciando os coordenadores estão meio que convencendo outros professores a fazerem parte do PPP. Eu participo e acredito na mudança. (Profª- Biologia)	5	29
TOTAL	17	100	TOTAL	17	100

Outra questão levantada entre os professores foi em relação às dificuldades em por em prática o Projeto Político Pedagógico da escola. Na escola-1, a maioria dos entrevistados (71%) declararam que sim, enfrentam dificuldades relacionadas com a falta de socialização e participação da comunidade escolar. Enquanto isso, os 29% restantes não declararam haver dificuldades; entre as razões apontadas estão a experiência em desenvolver outros projetos de mesma grandeza.

Em contrapartida, a escola-2 tem como maiores dificuldades (82%), principalmente as que envolvem a falta de recursos; também são citados a ausência de compromisso de alguns colegas de trabalho e pouco interesse da comunidade pela escola. Vejamos a tabela 17:

Tabela 17 – Dificuldades em pôr em prática o Projeto Político Pedagógico da escola

Respostas- Escola 1	Nº	%	Respostas- Escola 2	Nº	%
- Não. Porque já participei da elaboração de muitos projetos com essa envergadura. (Profª-História)	5	29	- Não. Precisamos trabalhar e tomar decisões coletivamente para que todos se sintam co-responsáveis pelas ações. (Profª- Religião)	3	18
-Sim. A dificuldade que percebo é quando o trabalho a ser desenvolvido não é socializado com todos os professores, o que acaba gerando conflitos e insatisfação. (Profª- Biologia)	12	71	-Sim. É muito difícil você com pouco material fazer um trabalho, diversificado um trabalho eficiente, esta é uma dificuldade muito grande, principalmente com as turmas de 8ª série que eu estou trabalhando mais este ano. (Profª- Biologia)	14	82
TOTAL	17	100	TOTAL	17	100

Com relação à utilização de práticas que envolvem a educação ambiental com os alunos, 35% dos professores da escola-1 apresentaram “não” como resposta e 65% afirmaram que praticam a educação ambiental com frequência em suas aulas através de atividades diversas: filmes educativos, pesquisas, murais, cartazes e eventos como feiras culturais e de ciências. Em conformidade, mas com respostas variantes, a escola-2 apresenta 47% de respostas negativas enquanto 53% de professores confirmam suas práticas de educação ambiental, principalmente através de diálogos e orientações aos alunos de como preservar o meio ambiente.

Tabela 18 – Utilização frequente de práticas de educação ambiental com os alunos

Respostas- Escola 1	Nº	%	Respostas- Escola 2	Nº	%
-Não.	6	35	-Não.	8	47
- Sim. Porém, o trabalho acontece com recursos didáticos limitados, recorro a atividades em sala de aula que envolva dialogo e pesquisas.	11	65	-Sim. Orientar os alunos a não jogar lixo no chão, fechar bem as torneiras e reaproveitar folhas de papel. (ProfªLíngua Portuguesa)	9	53
TOTAL	17	100	TOTAL	17	100

Tais dados nos mostram que, aparentemente, não é fácil trabalhar a Educação Ambiental nas escolas públicas pesquisadas, principalmente, no que se refere ao apoio dado aos professores pela gestão escolar. Na escola-1, 18% das respostas dos professores afirmaram que a direção não os apoia como deveria, sendo citada a falta de conhecimento sobre o tema e o distanciamento da gestão das atividades pedagógicas. Em contrapartida, 82% das respostas dadas nessa escola pelos professores consideraram positivo o apoio recebido pela gestão escolar, embora reconheçam que o processo de mudanças ocorra de forma gradativa.

Na escola-2, diferentemente da escola-1, 65% dos professores não se consideram apoiados pela direção escolar em suas atividades de educação ambiental, veiculando essa falta de apoio à SEDUC (Secretaria Estadual de Educação), órgão mantenedor da escola. Em contraposição, 35% dos professores confirmam o apoio da direção em suas práticas de educação ambiental e enfatizam as limitações enfrentadas pela escola em proporcionar o apoio necessário de forma constante.

Tabela 19 - Apoio da gestão da escola nas atividades de educação ambiental

Respostas- Escola 1	Nº	%	Respostas- Escola 2	Nº	%
- Não. A direção ainda está mobilizada em questões burocráticas e administrativas e dificilmente acompanha todas as atividades planejadas. (Profª- Educação Artística)	3	18	- Não. O apoio da direção sempre é vinculado às condições oferecidas pela seduc que é bastante negligente em suas responsabilidades. (ProfªLíngua Portuguesa)	11	65
- Sim. A direção tem se esforçado em provocar mudanças na organização da escola, embora o processo aconteça lentamente.(Profª- Biologia)	14	82	Sim. A direção se coloca como colaboradora, mas também encontra limitações com baixos recursos e uma grande demanda de alunos. (Profª- Biologia)	6	35
TOTAL	17	100	TOTAL	17	100

1. 2- Análise das categorias de tipo interpretativo

Quando questionados se conseguem dinamizar ações de Educação Ambiental na escola-1, os entrevistados enfatizaram a sensibilização das pessoas como essencial no desenvolvimento das práticas ambientais na escola. O que também é verificado em uma das respostas da escola-2:

- Sim,... Elas podem ser implementadas. Mas, elas [as pessoas], precisam ser sensibilizadas. (...). Por isso, que as políticas ambientais não são efetivas, porque a sociedade não tem consciência. (...) para mim tudo começa através da sensibilização que desperta a consciência das pessoas quanto a uma atuação de boa convivência com o meio ambiente homem/natureza. (Protocolo de entrevista. Coordenadora Pedagógica-Escola 1)

- É possível sim, agora é possível quando todos tiverem consciência do seu papel enquanto ser humano no meio social onde vivem. (...) Enquanto ninguém tiver essa consciência não vai, se só um tiver vai continuar a depredação, a falta mesmo de vontade. É preciso que cada um tome consciência do seu papel de educador, de responsabilidade com o ambiente porque nós fazemos parte dele se a gente não começar melhoras quem vai buscar?(...) (Protocolo de entrevista. Vice-diretora-Escola 1)

- É possível sim, se todos colaborarem. Porque é uma coisa muito difícil de trabalhar, principalmente, com os funcionários, alunos até que a gente conscientiza. Mas, tem que ter a professora ao lado. (...) É falta de conscientização e aceitação de todos da comunidade escolar.

(...) Os professores também têm que trabalhar isso para melhorar, para ser uma coisa mais eficaz é preciso conscientizar, responsabilizar cada um. A gente conscientiza, mas não há êxito, porque não há uma integração de todo mundo toda comunidade desde o diretor, vigia, porteiro, servente e merendeira. Para falar da direção é rápido que aparece, mas para a gente pegar essas pessoas para trabalhar é difícil. Aqui não deu certo por causa disso, porque nem todos se responsabilizaram em ajudar e quando a gente chegava aqui via lá, tudo seco porque o funcionário da manhã não fez e o da tarde também não fazia então pra falar conversar convencer. É difícil incluir todos. (Protocolo de entrevista. Vice-diretora-Escola 2)

Os entrevistados ressaltaram a conscientização como base para a harmonia entre homem e natureza. Dessa maneira, pode-se perceber que sua concepção de consciência se baseia no que diz Paulo Freire (1987), mostrando “a consciência como se fosse alguma seção dentro dos homens, mecanicistamente compartimentada, passivamente aberta ao mundo que irá enchendo de realidade.” (p. 63).

Nesse contexto, perguntamos aos professores se a educação ambiental tem sido praticada na escola como tema transversal e interdisciplinar. Tanto na escola-1 como na escola-2, 12% responderam não saber das práticas de educação ambiental realizadas na escola. Quanto às respostas negativas, 18% dos professores da escola-1 e 29% da escola-2 afirmaram que não estão sendo realizadas e, em sua maior parte da escola-1 (70%) e da escola-2 (59%) afirmaram que a educação ambiental é praticada como tema transversal e interdisciplinar na escola.

Nesse contexto, acreditamos que uma investigação mais aprofundada sobre a natureza dessas práticas interdisciplinares seja necessária, devido à palavra interdisciplinar ser usada frequentemente como jargão no meio educacional, relacionando-se, majoritariamente, a projetos desenvolvidos em datas comemorativas ou eventos periódicos.

Tabela 20 - A Educação Ambiental tem sido praticada na escola como tema transversal e interdisciplinar

Respostas- Escola 1	Nº	%	Respostas- Escola 2	Nº	%
-Não sei.	2	12	-Não sei.	2	12
-Não.	3	18	-Não.	5	29
-Sim.	12	70	-Sim.	10	59
TOTAL	17	100	TOTAL	17	100

Com base nos dados, pudemos evidenciar qualitativamente que as principais dificuldades descritas pelos entrevistados da escola-1 e 2 na oitava questão do guião de entrevistas, foram a falta de reconhecimento das pessoas quanto a importância do meio ambiente, ou seja, a falta de conscientização, a resistência e a acomodação destas em modificar o seu modo de vida para um modelo sustentável e não apenas consumista. O que verificamos com as seguintes respostas:

- Só vejo dois, que é a questão da conscientização e compromisso. Pois, a partir daí arranja-se tempo, condições para fazer alguma coisa. A educação ambiental depende muito do coletivo. (Protocolo de entrevista. Vice-diretora-Escola 1)

- A falta de reconhecimento das pessoas (...) não reconhece que o meio ambiente faz parte de sua vida que ele precisa para viver. A resistência das pessoas quanto à mudança de comportamento (...). A comodidade das pessoas quanto a um modelo de vida não sustentável, incentivado pelo modo de produção capitalista, que incentiva uma sociedade de consumo. (Protocolo de entrevista. Coordenadora Pedagógica-Escola 1)

- Eu acho que é à disposição de educadores muito embora se fale eles não têm muita disposição porque na verdade estão preocupados em trabalhar cada um a sua disciplina. E, a disciplina deles é aquele mundo, como se meio ambiente tivesse lá e a disciplina deles estivesse aqui. Então, uma das dificuldades é a consciência do educador. Eles precisam entender que a educação ambiental abrange todos os aspectos do ambiente, tanto os aspectos políticos, social, econômico, cultural. A educação ambiental repercute em todos os setores da vida do ser humano é preciso que os educadores também tenham essa consciência. (...) Eles querem trabalhar o meio ambiente, querem trabalhar a educação ambiental, mas ainda não têm a consciência do que é educação ambiental, não tem. É preciso trabalhar. (Protocolo de entrevista. Coordenadora Pedagógica-Escola 1)

- Na escola, dentro da escola, a gente tem que trabalhar a educação ambiental. Mas, é complicado, é muito complicado aqui, porque eu tenho observado que em relação aos professores, é muito complicado. Está havendo uma resistência. A gente tenta trabalhar desde que eu entrei aqui tentamos fazer um projeto, mas há muita resistência e eu fiquei muito desmotivada.(...) Também o trabalho em equipe, aqui eu acho que fala muito as idéias, mas, acho que está faltando aquele trabalho de equipe, falta na escola. Está muito fragmentado. Cada um no seu mundinho muito individualizado acho que isso dificulta muito. (Protocolo de entrevista. Coordenadora Pedagógica-Escola 2)

- A participação da comunidade escolar. A comunidade lá fora, de fora da escola que a gente convida e não aparece ninguém e alguns pais. Tem pais que vem para as organizações escolares que tem manifestações, os esclarecimentos. Então às vezes isso dificulta, não vem e não traz nem as crianças, então essa falta de engajamento por parte de todos é que dificultam o traçar, o delimitar de alguns planejamentos pedagógicos, principalmente, os voltados para o meio ambiente. (Protocolo de entrevista. Diretor-Escola 2)

Em comparação ao descrito pela equipe técnica-administrativa nas entrevistas, as dificuldades dos professores não sofrem muitas modificações, desse modo 23% da escola-1 e 59% dos entrevistados da escola-2 responsabilizaram a falta de participação e união entre as pessoas da escola como principais dificuldades na implementação da educação ambiental. Todavia, de acordo com Guimarães (2006) tal afirmativa pode ser considerada uma visão ingênua:

Por ser reduzida, não percebendo os conflitos e as relações de poder que engedram a realidade socioambiental, e simplista por estabelecer relações lineares (não complexas) de causa e efeito dos fatos sociais moldadas por esse referencial paradigmático, como por exemplo, a que relaciona as causas dos problemas ambientais ao comportamento incorreto dos indivíduos que formam essa sociedade. (p. 25)

Com relação a natureza das dificuldades vivenciadas, 59% dos entrevistados da escola-1 e 18% da escola-2 encontraram dificuldades pela ausência de recursos suficientes que atendam as necessidades vivenciadas na escola. No entanto, a falta de recursos para as atividades não deveria ser fator determinante de desestímulo para a realização dos projetos de Educação Ambiental, pois usar de criatividade para vencer os desafios e dificuldades é uma das funções da educação e dos educadores, sejam eles gestores, coordenadores ou professores.

Para 18% dos professores da escola-1 e 23% da escola-2, as dificuldades referem-se à ausência de programas e cursos de formação continuada para o conhecimento sobre o tema. A partir das respostas fornecidas, podemos inferir que um maior investimento em formações e cursos para os professores poderiam contribuir para o avanço das práticas de educação ambiental na escola.

Tabela 21 - Dificuldades ao desenvolver práticas de educação ambiental na escola

Respostas- Escola 1	Nº	%	Respostas- Escola 2	Nº	%
- Como em qualquer projeto sempre haverá dificuldades, mas, com união se consegue suprir as mesmas. (Profª- História)	4	23	- O envolvimento de todos, começar um trabalho em equipe. O trabalho é muito isolado, cada um por si e os resultados poderiam ser melhores se houvesse mais união. (Profª- Biologia)	10	59
- Nas escolas onde atuo, percebo que as grandes dificuldades encontradas são estruturais e financeiras. Essa falta de espaços adequados impossibilita uma ação mais efetiva com o alunado. (Profª- Matemática)	10	59	- A dificuldade da prática de atividades de educação ambiental está relacionada, a meu ver, ao não reconhecimento da direção ao trabalho realizado, pelos professores, muitas vezes, com recursos e motivações próprias. (Profª- Artes)	3	18
- As dificuldades para a concretização da educação ambiental residem na ausência de um processo de formação continuada na escola que estimule a interação das diferentes disciplinas ganhando novas práticas de educação ambiental. (Profª- História)	3	18	- Necessidade de vivenciar programas e cursos voltados para os professores do ensino fundamental, pois muitos desconhecem as leis que regulamentam a educação ambiental e sua prática. (Profª- Religião)	4	23
TOTAL	17	100	TOTAL	17	100

No que se refere aos desafios da gestão para efetivar práticas de educação ambiental, os entrevistados de ambas as escolas descrevem a articulação, a participação de todos e a sensibilização da comunidade como principais desafios a serem enfrentados pelo gestor no contexto escolar:

- Articulação com a comunidade escolar na elaboração de projetos (...). Sensibilização da comunidade quanto à importância da educação ambiental na sua vida prática. (Protocolo de entrevista. Coordenadora Pedagógica-Escola 1)

- Na escola, o desafio é convencer as pessoas a se envolver na educação ambiental. E a partir daí desenvolver estratégias. Também conseguir parcerias, não é difícil, mas, é um desafio conseguir parceiros na escola. (Protocolo de entrevista. Vice-diretora-Escola 1)

- Eu acho que o maior desafio mesmo é trazer essas pessoas porque se nós conseguirmos conscientizar, esclarecer as pessoas da importância de sua participação para preservação do meio ambiente, nós estaremos conseguindo superar esses problemas que nós estamos presenciando de lixo na rua, pessoas que jogam latinha pelo ônibus. Então eu acho que esse é o maior problema nós ainda não conseguimos esclarecer, conscientizar as pessoas trazer essas pessoas para dentro da escola pra que elas possam se engajar, juntamente conosco na preservação do meio ambiente. (Protocolo de entrevista. Diretor-Escola 2)

- O desafio é o envolvimento de todos. Como lhe falei, nem todos estão envolvidos quando a gente marca uma reunião para tratar de assunto da escola geral eles não vêm porque tem outras escolas, outros assuntos, então isso é uma dificuldade, o envolvimento de todos. E o projeto não é só o professor, diretor, técnico, projeto também é funcionário e eles não participam porque não gostam de participar ou eu não sei qual é a situação. Não sei se sentem inferiorizados ou sentem que não capazes, não sei. Não quero generalizar. Porque todas as vezes que marcamos uma reunião, eles inventam uma desculpa, diz que tem que ir embora, acho que não é isso, a gente trabalha com todas as instruções, com todos, eles acham, o pessoal de apoio, que por não terem estudo não são capazes de criar, de participar, eu acho que é isso. (Protocolo de entrevista. Vice-diretora-Escola 2)

Os professores de ambas as escolas não apresentam disparidades aos dados demonstrados pela equipe técnica-administrativa das escolas em questão no que diz respeito aos desafios a serem superados pelas mesmas. Dessa forma, 48% e 64% dos professores das referidas escolas compartilham da mesma opinião de que a conscientização e o compromisso de todos da escola são primordiais para que as práticas de educação ambiental aconteçam; e 23% dos professores da escola-1 e 18% dos professores da escola-2 acreditam que a organização de práticas interdisciplinares e a responsabilização dos envolvidos no processo de educação ambiental e aprendizagem dos alunos ainda é um dos grandes desafios a serem superados pela escola.

Nesse contexto, a educação ambiental propõe que as pessoas sigam posturas e valores diferentes do que a sociedade pratica e propaga. Uma reflexão ética deve ser permanente na escola, assim como a atuação em equipe, a cooperação, para que as pessoas aprendam a adotar posturas diferentes do que as estabelecidas em sociedade.

Ainda com relação aos desafios encontrados pela implementação da educação ambiental, 29% dos professores da escola-1 e 18% da escola-2 citaram como principal ponto a ser superado, a ausência do poder público em responsabilizar-se pela falta de recursos e infra-estrutura da escola, para que esta possa desenvolver suas atividades pedagógicas, inclusive de educação ambiental. Aparentemente, o que se percebe é que o estado não mantém políticas de educação ambiental sistemáticas e permanentes voltadas para a rede escolar.

Nessa perspectiva, a educação ambiental deve ser pensada desde a manutenção das escolas até a questão dos currículos, o que de acordo com os dados coletados ainda é reivindicado pelas escolas estudadas.

Tabela 22 - Principais desafios a serem superados pela gestão escolar quanto à implementação de práticas de educação ambiental

Respostas: Escola-1	Nº	%	Respostas: Escola-2	Nº	%
- O compromisso e a conscientização das pessoas que compõe o quadro da escola na execução dos projetos ambientais. (Profª- Biologia)	8	48	A conscientização das pessoas da escola em torno da temática ambiental e o compromisso que as mesmas devem ter com o planeta. (Profª-Biologia)	11	64
- Um dos grandes desafios da escola é o de efetivar um dialogo interdisciplinar que possibilite o aprimoramento das praticas de educação ambiental no cotidiano da escola. (Profª- História)	4	23	-Infelizmente, a educação ambiental ainda não é efetiva e muitas escolas concentram-se a sua prática em uma disciplina. Essa questão é muito debatida entre os professores em dias de planejamento e a educação ambiental termina por ser de responsabilidade de todos e de ninguém ao mesmo tempo. (Profª- História)	3	18
- Viabilizar recursos financeiros, materiais e estruturais para educação ambiental. Promover estímulos que concretize a implantação de uma educação ambiental que envolva a comunidade escolar. Conseguir apoio do poder público para se efetivar uma educação ambiental de qualidade. (Profª-Matemática)	5	29	- A educação nesse Estado precisa se preocupar mais com as escolas, existe hoje um grande descaso com a educação, as escolas estão muito sucateadas e por si só não conseguem resolver os problemas que a acometem. A problemática ambiental é apenas uma delas, mas existe a violência, a indisciplina, a desestruturação familiar, enfim, problemas de todas as ordens. Percebo que o desafio de um trabalho integrado não é apenas nesta escola, também acontece em outras escolas nas quais eu trabalho. (Profª-Biologia)	3	18
TOTAL	17	100	TOTAL	17	100

Podemos perceber durante a análise dos dados que a gestão escolar, no que se refere a educação ambiental, revela uma realidade preocupante e desafiadora que demonstra um distanciamento da comunidade. A educação ambiental é uma temática que gera contradições, entretanto, a escola precisa avançar em sua percepção de educação ambiental; de acordo com Loureiro (2004) “educar é negar o senso comum de que temos “uma minoria consciente”, secundarizando o outro, sua história, cultura e consciência.” (p. 28).

CAPÍTULO 5
CONSIDERAÇÕES FINAIS

1- Principais conclusões

Este trabalho buscou estabelecer um diálogo no campo da gestão escolar subsidiada por alguns fundamentos da educação ambiental a fim de investigar e compreender os seus processos de transformação, suas contradições e suas potencialidades. Nessa perspectiva, investigamos por meio de estudo de caso as práticas de educação ambiental implementadas, através da gestão, dentro da estrutura e organização vigentes de duas escolas de ensino fundamental.

Desse modo, considerando as respostas coletadas durante as entrevistas semi-estruturadas realizadas com os diretores de escola, vice-diretores e coordenadores pedagógicos e dos questionários aplicados com os professores, podemos concluir que os gestores escolares das escolas públicas pesquisadas desempenham um papel considerado muito importante para o bom funcionamento da escola. De acordo com Paro (1995) “entendemos que a participação do gestor é fundamental em todas as áreas: administrativa, financeira e principalmente pedagógica. O diretor é, sem dúvida, a ‘autoridade máxima na escola e o responsável último por ela’” (p. 89).

Nesse contexto, percebe-se que o diretor precisa enfrentar muitos desafios e dificuldades no exercício de seu cargo, questões teóricas e práticas precisam ser postas em causa para que uma gestão democrática e participativa possa ser construída. Segundo Santos (2002), “a administração científica (Taylor e seus seguidores) não tem mais vez em organizações em que ocorrem processos sociais caracterizados pela diversificação e pluralidade de interesses” (p.35).

Enquanto isso, para Perrenoud (2005), “a escola não é um mundo social separado do restante do sistema; nela se observam mais ou menos os mesmos conflitos, as mesmas diferenças, as mesmas apostas que na sociedade global ou em outras instituições”. (p. 67)

A análise dos dados demonstrou que as realidades das duas escolas pesquisadas não são tão distantes. Os diretores, vice-diretores, coordenadores pedagógicos e professores possuem certo conhecimento conceitual, sobre “ambiente”, “educação ambiental” e “desenvolvimento sustentável”, embora muito superficialmente.

Os dados apresentados permitem concluir que em relação à percepção de “ambiente” a maioria dos inquiridos apresentou uma visão ecológico-preservacionista, considerando o termo “ambiente” de forma generalizada como “todo o espaço que nos

cerca”. Embora a base conceitual do termo ainda esteja em construção no Brasil, percebemos que o sentido de “ambiente” é compreendido de maneira abrangente, semelhante ao conceito de meio ambiente, compondo um único significado.

Para o PRONEA, essa concepção de ambiente em sua totalidade é considerada como: “A interdependência entre o meio natural e o construído, o socioeconômico e o cultural, o físico e o espiritual, sob o enfoque da sustentabilidade”. (BRASIL, 2005, p. 37)

No que se refere à concepção de educação ambiental é muito presente a ocorrência das palavras “preservação do meio ambiente” e “conscientização” como princípios fundamentais da educação ambiental, relacionando os problemas ambientais a temáticas tradicionais como o lixo, o desmatamento e a poluição das águas. É coerente a significação dada a essa questão, quando vivenciamos esses problemas, ainda sem solução, com graves consequências para a população.

No entanto, pensar a educação ambiental apenas em seu aspecto físico e biológico é manter uma visão reducionista da problemática ambiental, pois segundo Loureiro & Cossío (2005):

Conscientizar e sensibilizar são conceitos que remetem, normalmente, a uma visão unidirecional do professor para o aluno, da escola para a comunidade desconsiderando os processos dialógicos educador-educando e os complexos problemas envolvidos na realidade de cada grupo social e “comunidade de aprendizagem. (p. 60).

Como mostra Dias (2003) a educação ambiental deveria:

Suscitar uma vinculação mais estreita entre os processos educativos e a realidade, estruturando suas atividades em torno dos problemas concretos que se impõem à comunidade; enfocar a análise de tais problemas, através de uma perspectiva interdisciplinar e globalizadora, que permita uma compreensão adequada dos problemas ambientais. (p.44)

Em relação ao entendimento de desenvolvimento sustentável, as respostas dadas enfatizaram a preservação do meio ambiente para as próximas gerações, além da conscientização da população para que se preservem os recursos naturais com melhorias ao meio ambiente e à qualidade de vida das pessoas compõem um cenário possível para construção de uma sociedade sustentável.

Deve ser considerado o crescimento econômico contínuo e ao mesmo tempo as dimensões culturais e sociais. Segundo Guimarães (2004)

Para uma visão mais radical de sustentabilidade das relações entre ser humano, sociedade e natureza, reconhecer o movimento do todo e das partes em suas múltiplas determinações e interações constitutivas de uma realidade complexa requer uma outra estrutura de pensamento (paradigmática). (67)

Analisamos que as ações implementadas pelos diretores, vice-diretores e coordenadores pedagógicos ressaltam a educação ambiental como uma preocupação em ensinar a preservar ou a recuperar área degradada e se limitam a descrever práticas pontuais de organização de projetos escolares. Outra situação de destaque foi o desânimo e o ceticismo da coordenação pedagógica diante da indiferença dos professores em desenvolver projetos voltados para a educação ambiental. Compreendemos que a mobilização não é tarefa fácil, nas palavras de Guimarães (2004):

A participação só se dará de fato com a mobilização, com a motivação (ação em movimento) dos atores sociais em atuar, criando um comprometimento com o processo; ou seja, o espaço da participação é imbricado ao da mobilização e esse se realiza no espaço público. (p. 73)

De forma contraditória, no que se refere à utilização do tema meio ambiente em suas atividades de sala de aula, os professores enfatizaram que “na medida do possível”, trabalham o tema, numa perspectiva de ensinar comportamentos aos alunos, “mantermos o ambiente em boas condições de higiene”, “preservar o meio em que vivem” através de textos, pesquisas, filmes, murais e etc. Também foi enfatizado pelos docentes que a educação ambiental tem sido praticada na escola como tema transversal e interdisciplinar, de forma freqüente.

Nesse contexto, entendemos que a compreensão dos professores quanto à educação ambiental como tema transversal e interdisciplinar apresenta uma ambigüidade, pois quando confrontamos as respostas dos questionários, percebemos uma discrepância entre as atividades individualizadas dos docentes e as afirmativas de

práticas interdisciplinares de educação ambiental com os alunos, o que suscita a possibilidade de futuras investigações sobre a questão. Morin (1997) nos diz que:

(...) nossa educação nos ensinou a separar e a isolar as coisas. Separamos os objetos de seus contextos, separamos a realidade em disciplinas compartimentadas uma das outras. Mas, como a realidade é feita de laços e interações, nosso conhecimento é incapaz de perceber o *complexus*-o tecido que junta o todo. (p.15).

Em relação às competências e habilidades necessárias à gestão escolar para organização e desenvolvimento de uma educação ambiental foi unânime as respostas que colocam o gestor como principal articulador da relação escola-comunidade, devendo incentivar a participação, a ética, no que é definida por Libâneo (2005), como gestão democrática. De forma consensual, os inquiridos atribuíram aos gestores escolares competências e habilidades que abrangem os aspectos pedagógicos, administrativos, financeiros e culturais.

No que tange as contribuições do projeto político pedagógico da escola na implementação de ações para a educação ambiental, ele foi considerado muito importante pelos docentes das escolas analisadas. Porém, apenas uma delas confirma de forma positiva essa contribuição, enquanto a outra nega a praticidade do projeto no cotidiano da escola. Da mesma forma, demonstraram-se os resultados em que apenas uma escola considera que o projeto político pedagógico trouxe mudanças para as práticas de educação ambiental, ao passo que a outra não registrou mudanças advindas do projeto em questão.

Considerando que o projeto político pedagógico é um dos principais eixos que norteiam as atividades pedagógicas, ele não deveria ser visto apenas como um documento escolar para satisfazer uma exigência legal, mas como proposição de uma educação de qualidade, aperfeiçoando a avaliação escolar, o desempenho dos alunos, o currículo, estabelecendo metas de trabalhos para todas as situações pedagógicas, principalmente no que se refere à educação ambiental, pois segundo Guimarães (2004), “a educação, e particularmente a ambiental, é potencialmente um instrumento de gestão, por sua capacidade intrínseca de intervir no processo de construção social da realidade, ou para conservá-la ou para transformá-la”. (p.74)

Todos os segmentos foram unânimes em relatar como dificuldades para pôr em prática o projeto político pedagógico a falta de participação, de socialização e de recursos didáticos para viabilizar as ações planejadas. Detectamos que as escolas não apresentam em seus projetos políticos pedagógicos uma intencionalidade educativa relacionada à Educação Ambiental. No entanto, verificou-se contradição nas respostas dadas pelos mesmos segmentos, quando afirmaram que o projeto político pedagógico não é socializado e que não há participação dos envolvidos nas propostas, ao mesmo tempo que garantem que realizam trabalhos de educação ambiental de forma transversal e interdisciplinar.

Layrargues (2008) afirma que a participação é uma estratégia metodológica privilegiada:

à prática da educação ambiental, porque foge da tendência desmobilizadora da percepção dos problemas globais, distante da realidade local, e parte do princípio de que é indispensável que o cidadão participe da organização e gestão do seu ambiente de vida cotidiano. (p. 02).

Analizamos que a educação ambiental tem sido tratada como temas transversais isolados, em algumas disciplinas, por alguns professores, sem o resultado de uma construção coletiva em um processo de desenvolvimento do projeto político pedagógico. Nessa perspectiva, a articulação e a sensibilização das pessoas à problemática ambiental são citadas como principais dificuldades e também desafios a serem superados na efetivação de práticas ambientais pela gestão escolar. Como afirma Leff, (2002) “o saber ambiental deve orientar-se como um fim prático para a resolução de problemas concretos” (p. 127).

Contudo, Guimarães (2006) afirma:

A visão ingênua, presa à armadilha paradigmática, tende à reprodução de práticas educativas consolidadas; como por exemplo, a da educação comportamentalista que acredita que dando (transmitindo) ao indivíduo (educando) os conhecimentos (aspecto cognitivo) necessários e ainda provocando nele uma sensibilização (aspecto afetivo) pela questão ambiental, o indivíduo pode transformar seu comportamento incorreto e que, se assim for, ao final teremos como resultado a soma destes indivíduos transformados numa sociedade transformada. (p. 25).

Podemos perceber durante todo o estudo que a gestão escolar, no que se refere à educação ambiental, revela uma realidade de distanciamento da comunidade, na qual a educação ambiental ainda gera muitas contradições e dúvidas entre os educadores. Como ressalta Cartea (2005), a “influência social da EA é difusa e difícil de calibrar sua própria natureza e porque sob este rótulo agrupam-se ações e práticas educativas em distintos âmbitos e considerando concepções e paradigmas ambientais e educacionais muitas vezes divergentes” (p. 172).

No entanto, é nesta realidade preocupante e desafiadora que a escola precisa avançar em sua percepção de educação ambiental e “entender que não podemos pensar pelo outro, para o outro e sem o outro”. A escola necessita ultrapassar o senso comum e perceber que a “educação é feita com o outro que também é sujeito, que tem sua identidade e individualidade, a serem respeitadas no processo de questionamento dos comportamentos e da realidade”. (Loureiro, 2004, p.28).

2- Implicações e linhas para futuras investigações

É nossa convicção que o cargo de gestor escolar é um dos mais importantes para viabilizar o pensamento da complexidade ambiental na escola atual, pela posição que ocupa enquanto articulador entre alunos, professores, coordenadores pedagógicos e pais. Dele se espera a capacidade de responder a inúmeras solicitações e a ele se atribui forte responsabilidade no sucesso educativo dos alunos. Para Morin (1997), “se tivermos força suficiente, força de participação, de solidariedade e de comunidade, corrigiremos a própria ação, mas sem medo de nos lançarmos nela” (p. 24).

Essa expectativa só será possível mediante a afirmação de um gestor com poder reconhecido pela comunidade, que lhe permita assumir uma posição de liderança na definição do projeto político pedagógico da escola, o que implica em um perfil exigente a nível pessoal e profissional, com capacidade de gestão e liderança desenvolvidas com base numa formação específica para o exercício dessas funções.

Temos a noção da dificuldade em conseguir validar todas as suposições inicialmente estabelecidas sem ter grandes comparações com estudos semelhantes, realizados anteriormente. Também, ressaltamos algumas limitações metodológicas e processuais encontradas ao longo da efetivação deste estudo como:

- O número reduzido de inquiridos envolvidos no estudo pode ter influenciado a validade das conclusões;

- O estudo possui inúmeras variáveis que envolvem a análise de uma gestão escolar pela complexidade e abrangência das atividades de educação ambiental ali desenvolvidas;

- O período de realização do estudo foi, também, um fator a ter em conta; devido à longa greve dos professores tivemos dificuldades em realizar os questionários e entrevistas;

- A capacidade interpretativa dos resultados da pesquisadora.

O presente estudo sobre as práticas de educação ambiental, através da gestão escolar constituiu-se apenas em um estudo de caso, que tomou como objeto de estudo duas escolas de ensino fundamental concretas, com condicionantes próprios decorrentes da sua constituição e organização específica, tornando pertinente a realização de investigações envolvendo escolas de outras regiões numa mesma metodologia de estudo de caso, ou constituindo-se como parte de uma amostra de maiores dimensões, representativa do universo das escolas estaduais.

Assim, a possibilidade de estabelecer a generalização dos dados, ampliando e certamente corrigindo alguns dos resultados obtidos, daria um melhor suporte aos gestores para a definição de alterações que conduzam à maior eficácia das ações da gestão escolar para a educação ambiental.

BIBLIOGRAFIA

- Bardin, L. (2000). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Brandão, C. R. (1995). *O que é Educação*. (33 ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: DF.
- Brasil. (1996). Lei 9.394. *Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. *Diário Oficial da União*. Brasília: DF.
- Brasil. (1997). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente e saúde*. Secretaria de Educação Fundamental- Brasília.
- Brasil. (2005) *Ministério da Educação e Ministério do Meio Ambiente. Programa Nacional de Educação Ambiental- ProNEA*. Brasília.
- Capra, F. (1996). Ecologia Profunda um novo Paradigma. In: *A Teia da Vida*. São Paulo: Cultrix.
- Cartea, P. A. M. (2005). A catástrofe do prestígio: leituras para a educação ambiental na sociedade global. In: *Sato, Michèle; Carvalho, Isabel Cristina Moura (Orgs.). Educação ambiental: pesquisas e desafios*. Porto Alegre: Artmed.
- Carvalho, I. C. M. (2002). A questão ambiental e a emergência de um campo de ação político-pedagógica. In: *Sociedade e Meio Ambiente: a Educação Ambiental em debate*. São Paulo: Cortez.
- Castro, R. V. (1995). *Para análise do discurso pedagógico. Constituição e transmissão da gramática escolar*. Braga: Universidade do Minho.
- Cavalcanti, C. (2001). Sustentabilidade da economia: paradigmas alternativos de realização econômica. In: *Cavalcanti, C. (org.) Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. SP: Cortez: Recife: PE: Fundação Joaquim Nabuco.
- Chiavenato, I. (1983). *Introdução à teoria geral da administração*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.
- Cruz, N. O. (1994). O trabalho de campo como descoberta e criação. In: *Minayo, M. C. S. (Org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.
- Demo, P. (1996). *Pesquisa: Princípio científico e educativo*. 4 ed. Cortez

- Diaz, P.A. (2002). *Educação Ambiental como projeto*. Porto Alegre: Artmed.
- Dias, G. F. (2003). *Educação Ambiental: princípios e práticas*. SP: Gaia.
- Diretrizes e Políticas do Programa de Educação Ambiental do Estado do Pará (PEAM/2000). In: *Programa Estadual de Educação Ambiental*. (2005). Belém.
- Dourado, L. F. (2003). *A gestão democrática e a construção de processos coletivos de participação e decisão na escola*. Campinas-SP: Papirus. p. 123-148.
- Ferreira, A. B. H. (1975). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. Sandra Netiz. Porto Alegre: Bookman.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor.
- Gadotti, M. (1994). Pressupostos do Projeto Político Pedagógico. In: *MEC, Anais da Conferência Nacional de Educação para Todos*. Brasília.
- Gamboa, S. A. S. (1999). A dialética na Pesquisa em educação: elementos de contexto. In: *Fazenda. I. (org.). Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez.
- Gil, A. C. (1991). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Guimarães, M. (1995). *A Dimensão ambiental na educação*. Campinas: Papirus.
- Guimarães, M. (2004). *A formação de educadores ambientais*. SP: Papirus.
- Guimarães, M. (2006). Armadilha paradigmática na educação ambiental. In: *Loureiro, C. F. B.; Layrargues, P. P.; Castro, R. S. (orgs.). Pensamento complexo, dialética e educação ambiental*. São Paulo: Cortez.
- Gurvitch, G., (1955). *Determinismos Sociais e Liberdade Humana*. Rio de Janeiro: Forense.
- Hoffman, J. (1994). *A avaliação mediadora. Uma prática em construção da pré-escola a universidade*. Porto Alegre: Educação e realidade.

- Layrargues, P. P. (1999). A resolução de problemas ambientais locais deve ser um tema gerador ou a atividade fim de educação ambiental? *In: Reigota, M (Org). Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão.* Rio de Janeiro:DP&A Editora.
- Layrargues, P. P. (2004). *Para que a Educação Ambiental encontre a educação.* In: Loureiro, Carlos Frederico B. *Trajetória e Fundamentos da educação ambiental.* São Paulo: Cortez.
- Leff, E. (2000). *Complexidade Ambiental.* México: Siglo XXI.
- Leff, E. (2002). *Epistemologia Ambiental.* São Paulo: Cortez.
- Leonardi, M. L. A. (1999). Educação Ambiental como um dos instrumentos de superação da insustentabilidade da sociedade atual. *In: Meio Ambiente desenvolvimento sustentável e políticas.* São Paulo: Cortez.
- Libâneo, J. C. (1994). *Didática.* São Paulo: Cortez,
- Libâneo, J. C. (2005). Organização e gestão, objetivos de ensino e trabalho dos professores. *In: Educação escolar: políticas, estruturas e organização.* São Paulo: Cortez.
- Loureiro, C. F. B. (2004). Educação ambiental transformadora. *In: Layrargues P. P. Identidades da educação ambiental brasileira.* Brasília: Ministério do Meio Ambiente
- Loureiro, C. F. B. , & Cosío M. F. B. (2005). Um olhar sobre a educação ambiental nas escolas: Considerações iniciais sobre os resultados do Projeto “O que fazem as escolas que dizem que fazem educação ambiental. *In: Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola.* Brasília: UNESCO.
- Loureiro, C. F. B. (2006). *Trajetória e fundamentos da educação ambiental.* São Paulo: Cortez.
- Loureiro, C. F. B., Layrargues P. P. & Castro, R. S. (orgs.). (2006). *Pensamento Complexo, dialética e educação ambiental.* São Paulo: Cortez.
- Luck, H. (1994). *Pedagogia Interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos.* Petrópolis: Vozes.
- Luck, H. (2000). Perspectivas da Gestão Escolar e Implicações quanto a Formação de seus Gestores. *In: Em Aberto.* Brasília, v. 17, nº 72, fevereiro-junho.

- Luck, H. (2006). *A gestão participativa na escola*. Série: Cadernos de gestão, vol. III, Petrópolis, RJ: Vozes.
- Machado, P. A. L.(2000). *Direito Ambiental Brasileiro*. São Paulo: Malheiros.
- May, T. (2004). *Pesquisa social: questões, métodos e processos*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Minayo. M. C. S. (1996). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo- Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco.
- Ministério da Educação. (2007). *Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola*. Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental. Brasília: UNESCO.
- Morin, E. (1997). Complexidade e ética da solidariedade. *In: Castro, G. C. , & Almeida, M. C. (Coord.). Ensaios de Complexidade*. Sulina: Porto Alegre.
- Morin, E. (2002). O Pensamento Complexo: um pensamento que pensa. *In: A inteligência da complexidade*. São Paulo: Cortez.
- Morin, E. (2009). *Educação e complexidade: os setes saberes e outros ensaios*. 5ª Ed. São Paulo: Cortez.
- Munhoz, D. (2004). Alfabetização ecológica: de indivíduos as empresas do século XXI. *In: Identidade da educação ambiental*. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria da Educação Ambiental. Brasília.
- Parente, F. F. T. (2008). *Uma atividade que requer ética e competência*. Revista Gestão em rede. Nº 90. Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED): Novembro.
- Paro, V. H. *Por dentro da escola pública*. São Paulo: Xamã, 1995.
- Patton, M. Q. (2002). *Qualitative evaluation and research methods*. Thousand Oaks(CA): Sage Publications.
- Pedrini, A. G. (1997). *Educação Ambiental: reflexões e práticas contemporâneas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Perrenoud, P. (2005) *Escola e cidadania – O papel da escola na formação para a democracia*/Philippe Perrenoud. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed.

- Rohden, H.(1997). *Novos rumos para a educação*. São Paulo: EPU/EDUSP.
- Santos, E. P.(2002). Educação Ambiental no âmbito do curso de Pedagogia: uma experiência singular. *In: PEDRINI, Alexandre de Gusmão (org.). O contrato social da ciência: unindo saberes em educação ambiental*. Petrópolis: Vozes.
- Santos, C. R. (2002). *O Gestor Educacional de uma escola em Mudanças*. São Paulo: Pioneira. Thomson Learning.
- Semma, B.(2004) *Programa de Educação Ambiental para Belém*. Belém, PA: Semma.
- Severino, A. J. (2007). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez.
- Silva, M. L.(2005). A globalização como radicalização da modernidade e a construção de um novo lugar para as políticas de educação. *In: Múltiplas falas, saberes e olhares: os encontros de Educação Ambiental no Estado do Pará*. Belém: SECTAM. (Secretaria Executiva de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente).
- Silva, E. L. da. (2001). *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*/Edna Lúcia da Silva, Eстера Muszkat Menezes. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC.
- Sousa, A. B. (2005). *Investigação em Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Teixeira, E. (2007). *As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa*. Petrópolis, Rj: Vozes.
- Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global*. (1992) Rio de Janeiro: Fórum das ONGs.
- Triviños, A. N. (1987) *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Editora Atlas.
- Vasconcelos, E. M. (2002). *Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa*. Petrópolis: Vozes.
- Veiga, I. P. (1995). *Projeto Político Pedagógico da escola: Uma construção Possível*. Campinas- SP: Papirus.
- Vieira, A. T.(2003). Organização e gestão escolar: evolução dos conceitos. *In: _____*. *Gestão educacional e tecnologia*. São Paulo: Avercamp.

Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso. Planejamento e método*. Porto Alegre: Bookman.

Zarts, L. L. (2204). *Educação Ambiental crítica: o encontro dialético da realidade vivida e da utopia imaginada*. Carceres-MT: Unemat.

ANEXOS

ANEXO I



GUIÃO DAS ENTREVISTAS

Aos: Diretores e Coordenadores Pedagógicos

1. Inicialmente gostaria de saber o que você entende por “ambiente”?
2. Nessa perspectiva, qual o seu entendimento de Educação Ambiental?
3. Em relação ao Desenvolvimento Sustentável qual a sua percepção? Em que consiste viver de forma sustentável?
4. Quais foram as principais ações implementadas, no que se refere, a educação ambiental no exercício de seu cargo?
5. Considera que consegue dinamizar ações de Educação Ambiental na escola?
6. Quais as competências e habilidades indispensáveis aos diretores para organização e desenvolvimento de uma educação ambiental nas escolas?
7. Para você o Projeto Político Pedagógico trouxe mais valias ao processo de Educação Ambiental?
8. Quais os aspectos que sente mais dificuldades ao desenvolver práticas de educação ambiental na escola?
9. Para você quais os principais desafios a serem superados pela gestão escolar quanto à implementação de práticas de educação ambiental?

EXEMPLO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS- ESCOLA 1

ENTREVISTADA-1

Entrevistadora: Inicialmente gostaria de saber o que você entende por “ambiente”?

Entrevistada 1 (diretora): Pra mim é todo aquele espaço utilizado pelo homem onde ele se organiza para desenvolver suas atividades de uma forma bem organizada.

Entrevistadora: Nessa perspectiva, qual o seu entendimento de Educação Ambiental?

Entrevistada 1 (diretora): Eu acho que como se trata de educação e educação também é um conceito amplo. Ela [educação ambiental] não pode só apenas começar na escola, ela pode continuar na escola, ela pode passar pela escola. Também ela [educação ambiental] deve estar em outros setores da sociedade isto não quer dizer que as escolas não possam trabalhar desenvolver projetos ou até pensar na criação de uma disciplina específica, mas partindo do conceito de educação que é um conceito também bastante amplo, assim como, o conceito de meio ambiente, eu acredito que as escolas possam dar uma ênfase, mas que elas não sejam totais responsáveis pela educação ambiental como já falei. Os outros setores da sociedade, as outras secretarias, os outros órgãos públicos, todas as instituições públicas. Eu acho que é por aí.

Entrevistadora: - Em relação ao Desenvolvimento Sustentável qual a sua percepção? Em que consiste viver de forma sustentável?

Entrevistada 1 (diretora): - Também, considerando um conceito amplo de Desenvolvimento Sustentável eu penso que seja assim, hoje a sociedade pelo fato de viver e de estar num sistema capitalista, todos os setores da sociedade são explorados. O próprio regime capitalista faz com que a sociedade não se desenvolva de forma sustentável, apesar de que hoje a gente já vê muitas iniciativas, muitas empresas que dizem que possuem desenvolvimento sustentável, mas que não tem mostrado muito resultado. Hoje a gente já vê uma preocupação da sociedade com o que produz, ter cuidado para que o que ele produza não se acabe nunca e prepare o ambiente ou meio ambiente para que ele possa sempre produzir aquilo que ele já produz, mas produza com qualidade e garantindo o futuro dessa produção. Hoje a gente já vê a questão do replantio algumas empresas que já trabalham diretamente com a madeira, diretamente com o petróleo, com o alumínio, já perceberam que eles caminham nessa linha, embora

seja ainda muito numa visão capitalista ainda tem a visão de exploração mesmo, nós ainda passamos por um sistema muito selvagem.

Entrevistadora: Quais foram as principais ações implementadas, no que se refere, a educação ambiental no exercício de seu cargo?

Entrevistada 1 (diretora): - Partindo do conceito de educação ambiental, a gente já trabalha. Já desenvolvemos alguns projetos dentro da maturidade deles, no nível de informação que elas têm de ambiente de educação ambiental. Agora assim, colocando pra eles a importância de preservar o ambiente, de ser estar num ambiente limpo, um ambiente de qualidade, e o que precisa fazer para que se tenha isso, embora as próprias escolas não dêem condições para isso. Nós não temos condições suficientes para estar implementando esses projetos. Então, a gente implementa com os poucos recursos que a gente tem. Então nós fizemos uma ação sobre educação ambiental que se tratava da preservação do meio ambiente, nós já chegamos a fazer uma caminhada, onde as crianças fizeram faixas, construíram placas e foi para as ruas mostrar as pessoas. A gente bateu nas casas e eles mesmos falaram qual a importância de se estar cuidando do meio ambiente de estar limpando, preservando. Inclusive eles chegaram a usar máscaras sacos de lixo, as luvas, eles foram todos bem equipados. Foi assim, um trabalho excelente e que surtiu um grande efeito na própria escola, por exemplo, aqui é muito limpo eles não costumam jogar lixo no chão, o próprio papel de bombom que eles jogam, eles tem um lixo próprio para estar colocando. Agora é claro que está muito longe de uma perspectiva de educação ambiental, é uma perspectiva de conservação que a escola pode dar um início, ela pode estar trabalhando inicialmente com isso, mas resolver o problema não; porque isso é uma questão social grave. A gente vê o que acontece na sociedade os grandes desastres ecológicos que acontecem muitos deles em função do próprio lixo, do acúmulo de lixo, porque nós não sabemos preservar o nosso meio ambiente, jogando lixo no espaço adequado, fazendo a seleção. Eu acho que esse sim é um trabalho da escola, pode começar pela escola, a escola pode colaborar, mas ela como eu já falei, ela não pode se responsabilizar sozinha por um problema que é social e é grave.

Entrevistadora: No seu dia-a-dia na escola considera que consegue dinamizar ações de Educação Ambiental?

Entrevistada 1 (diretora): - Com certeza, independente da faixa etária, independente do nível de ensino, você pode trabalhar na educação infantil, desde casa com o bebê; ele

passa para a escola com três anos que são as creches, aliás, com o ensino fundamental, no ensino médio, nas universidades, porque é um problema social não é um problema da educação e nem um problema só da saúde. É um problema que gera tudo isso, mas que precisa ser trabalhado também, mas, não só pela escola eu insisto muito nessa questão.

Entrevistadora: Realmente e para você quais as competências e habilidades indispensáveis aos diretores para organização e desenvolvimento de uma educação ambiental nas escolas?

Entrevistada 1 (diretora): - A primeira coisa que o gestor deve estar fazendo se ele tiver interesse, porque passa muito pela questão da compreensão que se tem do que é ambiente do que é meio ambiente, porque hoje a gente vê que poucas pessoas compreendem isso, só sabem dizer que alagou tal lugar. O Rio de Janeiro está alagado, São Paulo está não sei o que mais. A gente não sabe as razões disso, porque acontece tudo isso. Qual é a primeira coisa que um gestor e um coordenador devem fazer, em minha opinião, devem ser os primeiros a sensibilizarem todas as categorias da escola. Precisam chamar a atenção para o problema. Eu acho que isso a televisão faz até de forma muito forte (...) então a primeira coisa que o gestor deve fazer é sensibilizar as pessoas para o problema e depois elaborar projetos é até mesmo dar sugestões de leis para o governo, para as instituições públicas que a meu ver são as maiores responsáveis, são as únicas que tem condições de implementar esses projetos e mandarem os recursos para que as escolas possam implementar. Então, sensibilizar esse outro setor e elaborar projetos, projetos de leis, projetos para serem desenvolvidos na própria escola, pelo menos para começar um trabalho sobre educação ambiental.

Entrevistadora: Quanto ao Projeto Político Pedagógico, para você trouxe mais valias ao processo de Educação Ambiental?

Entrevistada 1 (diretora): - Quando a gente pensa em Projeto Político Pedagógico pensa na organização geral da escola, em tudo que a gente pensa que vai realizar em determinado período. Quando a gente senta pra elaborar esse projeto é muito raro ouvirmos falar que você possa desenvolver um trabalho desse jeito principalmente as escolas que trabalham por disciplina. Trabalhamos com projetos e trabalhamos com temas, ainda trabalhamos o meio ambiente como um tema solto, como se ele não fizesse parte da matemática, como se ele não fizesse parte da Ciência, como se ele não fizesse parte da nossa vida, então trabalhamos de forma muito rudimentar o meio ambiente. E esta proposta, eu acredito para que ela seja mais eficiente, precisa realmente estar

planejada e estar dentro, constar dentro da proposta, dentro do Projeto Político Pedagógico da escola.

Entrevistadora: Concordo. E em relação às dificuldades, quais os aspectos que sente mais dificuldades ao desenvolver práticas de educação ambiental na escola?

Entrevistada 1 (diretora): - Primeiro é a questão de sensibilizar as pessoas para o problema, a segunda questão é a questão dos recursos, porque para desenvolvermos um projeto precisamos de recursos e nem sempre temos esses recursos disponíveis na escola. São os fatores que mais impedem que a gente possa desenvolver projetos, não só projetos sobre o meio ambiente, mas todos os outros projetos a serem desenvolvidos na escola.

Entrevistadora: Para concluir, para você quais os principais desafios a serem superados pela gestão escolar quanto à implementação de práticas de educação ambiental?

Entrevistada 1 (diretora): - Eu que sou gestora sempre que vou discutir com alguém puxo uma base legal. Então seria interessante que a Educação Ambiental entrasse e tivesse uma lei não só no papel, mas que a regularizasse. Porque é a partir dessas regulamentações que o governo libera alguma verba, não adianta você estar trabalhando com alguns projetos isolados, sem que a sociedade civil não saiba, sem que você não coloque uma proposta a um nível maior para que ela possa ser visualizada. Porque vemos que algumas coisas a gente já conseguiu na área de educação através de seminários, através de conferências, temos algumas conquistas. Eu acho que a questão do meio ambiente é muito séria. E, se alguém, se nós professores, nós educadores começássemos a nos mobilizarmos que, acredito já existe algumas mobilizações a respeito disso, inclusive está em discussão essa questão da educação ambiental virar mesmo uma disciplina do currículo nas escolas. Então, eu acho que quando você implementa, quando você legaliza, as pessoas passam a acreditar mais e a gente também passa a se preocupar mais e começa a buscar, a pesquisar, a buscar conteúdo. Você não tem saída, vai ter que trabalhar buscar as saídas como em todas as disciplinas, vai ter que ter conteúdo e a partir daí começar a desenvolver as propostas.

ENTREVISTADA-2

Entrevistadora: Para darmos início, gostaria de saber o que você entende por “ambiente”?

Entrevistada 2 (vice-diretora): - O termo ambiente deve estabelecer vínculos naturais do homem não somente com a natureza, mas com todos os espaços que ele ocupa para a sua sobrevivência.

Entrevistadora: Nesse sentido, qual o seu entendimento de Educação Ambiental?

Entrevistada 2 (vice-diretora): - Para mim envolve tudo do teu dia-a-dia familiar, profissional, de lazer, porque se deve estar bem no ambiente. Depende da consciência, você deve cuidar do ambiente em que vive, com seus amigos, familiares. Também é importante reverter o lixo como algo bom para a natureza. Daí, o ambiente já se torna bem melhor para viver. Penso assim: -“Até onde vamos com tanto lixo que a gente produz?”.

Entrevistadora: - No que se refere ao Desenvolvimento Sustentável qual a sua percepção? De que maneira podemos viver em um desenvolvimento sustentável?

Entrevistada 2 (vice-diretora): - Desenvolvimento sustentável é dar condições de qualidade de vida as pessoas no espaço onde elas estão pensando em saúde, lazer, produção, economia e etc.

Entrevistadora: Em relação ao exercício de seu cargo, quais foram as principais ações implementadas no que se refere a educação ambiental?

Entrevistada 2 (vice-diretora): - Já tive uma experiência muito boa numa gincana que participávamos, nós fizemos num ano e recolhemos três toneladas de garrafas pets e foi muito válido. Outra foi uma parceria com a coca-cola em que recolhemos todo mês grande quantidade de garrafas pets. O que foi válido nas ações foi o envolvimento dos professores, pais e alunos na escola. Embora tenham sido atividades soltas.

Entrevistadora: No cotidiano de seu trabalho na escola considera que consegue dinamizar ações de Educação Ambiental?

Entrevistada 2 (vice-diretora): - Ações não, algumas atitudes no dia-a-dia.

Entrevistadora: Tudo bem. Mas, para você quais as competências e habilidades indispensáveis aos diretores para organização e desenvolvimento de uma educação ambiental nas escolas?

Entrevistada 2 (vice-diretora): - Ter consciência do jeito que está o nosso planeta hoje, porque se não tiver, não conseguimos fazer algo efetivo na escola senão tiver isso, não vai passar de eventos periódicos.

Entrevistadora: O que me diz sobre o Projeto Político Pedagógico, para você trouxe mais valias ao processo de Educação Ambiental?

Entrevistada 2 (vice-diretora): - Deve trazer, esse é o ideal.

Entrevistadora: E em relação às dificuldades ao desenvolver práticas de educação ambiental, quais os aspectos que sente mais dificuldades?

Entrevistada 2 (vice-diretora): - Só vejo dois, que é a questão da conscientização e compromisso. Pois, a partir daí arranja-se tempo, condições para fazer alguma coisa. A educação ambiental depende muito do coletivo.

Entrevistadora: Para completar a entrevista, para você quais os principais desafios a serem superados pela gestão escolar quanto à implementação de práticas de educação ambiental?

Entrevistada 2 (vice-diretora): - Na escola, o desafio é convencer as pessoas a se envolver na educação ambiental. E a partir daí desenvolver estratégias. Também conseguir parcerias, não é difícil, mas, é um desafio conseguir parceiros na escola.

ENTREVISTADA-3

Entrevistadora: Obrigada pela sua colaboração. Bem, gostaria de saber o que você entende por “ambiente”?

Entrevistada 3 (Vice-diretora): - Bom ambiente para mim ele é todo o espaço onde convives, onde nasces, onde cresces, onde desenvolves. O meio ambiente é o espaço onde estás (...). Ambiente para mim é todo espaço onde convives, é o local onde estás, é o teu ambiente.

Entrevistadora: Entendo. Dessa maneira, qual o seu entendimento de Educação Ambiental?

Entrevistada 3 (Vice-diretora): - A maioria das pessoas pensa que a educação ambiental é uma horta, uma plantação e sabemos que a educação ambiental é todo um contexto que está entorno do ser humano. Para mim, se estás muito bem educado no que se refere à educação ambiental, se te dás bem onde estás se consegues dinamizar o teu trabalho, no teu ambiente, onde estás saudável, para mim é educação ambiental. É o teu estar bem porque quando estás bem, consegues conservar, proteger o verde da escola, o verde da tua casa, do ambiente onde estás. Então, ela ultrapassa não está só na educação da escola, mas é uma educação de todo espaço, de todo o contexto, onde estás precisas estar bem para que a educação ambiental realmente possa se desenvolver. Primeiro lugar é o ser humano se estás bem naquele espaço vais conservar tudo o que está ao seu redor, o verde, os rios, as arvores, se não estás bem como é que vais conservar?

Entrevistadora: - Realmente. E em relação ao Desenvolvimento Sustentável. Em que consiste viver de forma sustentável?

Entrevistada 3 (Vice-diretora): - Para mim é conseguir condições de sobreviver naquele local onde estás. Muito embora não estejas trabalhando direto com plantações, mas esteja trabalhando com outros setores. Mas, está conseguindo sobreviver para se manter, estás sobrevivendo daquele ambiente, daquele local onde estás e está contribuindo para que aquilo possa sempre te dar sustentabilidade. Naquele local que estás tirando o teu sustento, estás contribuindo para que este sustento possa dar cada vez mais não só para ti, mas também para outro que convives. Não pode ser sustentável só para ti, mas tem que atender o outro também porque precisas do outro para se manter. Ninguém vive só ninguém é uma ilha. Então, para mim desenvolvimento sustentável está ali naquele local onde você é capaz de tirar para ti, mas também tirar para o outro e conviver bem.

Entrevistadora: Quais foram as principais ações de educação ambiental implementadas no exercício de seu cargo?

Entrevistada 3 (Vice-diretora): No início do ano fizemos um planejamento, uma coisa que inclusive não surgiu de mim, mas dos professores, de trabalhar a educação ambiental. Eu perguntei para eles o que entendiam de educação ambiental, começou porque a escola está com as plantas quebradas e eu disse: isso é tudo. Para mim em primeiro lugar é o meio ambiente, tem que ser um ambiente bom se você consegue criar esse ambiente bom no local de trabalho de harmonia, de responsabilidade, de compromisso, o nosso ambiente está bom. Mas, enquanto isso não tiver acontecendo não adianta você querer que o menino conserve uma planta se você não está bem o menino também não está bem. Por exemplo, a escola está muito depredada, o ambiente dela está muito imundo, a escola está detonada, o menino vem para quê, ele vê uma escola detonada, vai o que? Detonar a escola. Então, a gente precisa, primeiro, se reestruturar enquanto pessoa enquanto ser humano respeitar aquele lugar que está. Daí, vamos partir para um outro momento que é trabalhar a natureza o bem estar para todos.

Entrevistadora: Na escola, considera que consegue dinamizar ações de Educação Ambiental?

Entrevistada 3 (Vice-diretora): É possível sim, agora é possível quando todos tiverem consciência do seu papel enquanto ser humano no meio social onde vivem. No ambiente onde estamos eu sozinha não vou conseguir, acredito que cada um seja responsável da

importância de se estar bem no ambiente onde trabalha. Enquanto ninguém tiver essa consciência não vai, se só um tiver vai continuar a depredação, a falta mesmo de vontade. É preciso que cada um tome consciência do seu papel de educador, de responsabilidade com o ambiente porque nós fazemos parte dele se a gente não começar melhoras quem vai buscar? Em primeiro lugar, o ser humano é o que mais age que tem mais relação homem/natureza e a natureza/homem quem mais influencia na natureza é o próprio homem que a natureza está lá bonita. Se ela estiver bem está lá, mas a nossa influência é que vai fazer que ela se torne mais bonita ou não. Então eu acho que é essa relação, é essa troca.

Entrevistadora: Compreendo. Mas, em relação às competências e habilidades dos diretores para organização e desenvolvimento de uma educação ambiental nas escolas, quais você considera indispensáveis?

Entrevistada 3 (Vice-diretora): - Em primeiro lugar é a pessoa saber o que é o ambiente. Ter consciência da educação ambiental. Entender que a educação ambiental não é uma disciplina. A educação ambiental é uma necessidade que se sente em todas as disciplinas. Acho que ele é um tema interdisciplinar e que em todo momento seja na matemática, em ciências, no Português é preciso estar discutindo educação ambiental não como uma disciplina, mas como uma necessidade de vida.

Entrevistadora: Muito bem. Quanto ao Projeto Político Pedagógico, para você trouxe mais valias ao processo de Educação Ambiental?

Entrevistada 3 (Vice-diretora): O atual [Projeto Político Pedagógico] que nós temos ele nem fala na educação ambiental e nenhum momento, agora no nosso planejamento [anual] a gente está renovando esse projeto, visto que hoje já temos outra concepção, uma nova concepção de educação que está possibilitando a educação ambiental como uma necessidade. No anterior que nós tínhamos dentro da escola nem se falava em educação ambiental.

Entrevistadora: E em relação às dificuldades, quais os aspectos que sente mais dificuldades ao desenvolver práticas de educação ambiental na escola?

Entrevistada 3 (Vice-diretora): - Eu acho que é à disposição de educadores muito embora se fale eles não têm muita disposição porque na verdade estão preocupados em trabalhar cada um a sua disciplina. E, a disciplina deles é aquele mundo, como se meio ambiente tivesse lá e a disciplina deles estivesse aqui. Então, uma das dificuldades é a consciência do educador. Eles precisam entender que a educação ambiental abrange

todos os aspectos do ambiente, tanto os aspectos políticos, social, econômico, cultural. A educação ambiental repercute em todos os setores da vida do ser humano é preciso que os educadores também tenham essa consciência. E não porque eu trabalho história, português, matemática, eu não vá ter essa consciência ambiental, a educação ambiental é ampla, um leque que abrange todos os aspectos, da economia, da política, da cultura, do indivíduo enquanto ser humano. Então a maior dificuldade é a consciência do educador. Eles querem trabalhar o meio ambiente, querem trabalhar a educação ambiental, mas ainda não têm a consciência do que é educação ambiental, não tem. É preciso trabalhar.

Entrevistadora: Concluindo. Para você quais os principais desafios a serem superados pela gestão escolar quanto à implementação de práticas de educação ambiental?

Entrevistada 3 (Vice-diretora): - Eu acho que é criar a sensibilidade da educação ambiental, a consciência da educação ambiental, porque até então o que a gente pensa que é educação ambiental é só um rio que está contaminado, uma mata que está sendo derrubada e não é isso, porque está sendo derrubada? Porque o homem não está consciente. Então, em primeiro lugar é conscientizar o indivíduo que ele não pode ficar destruindo o verde que ele não pode está acabando com os rios porque depois ele vai precisar disso. Para mim o grande desafio é conscientizar o indivíduo, sensibilizá-lo de que ele é o único ser capaz de reverter essa situação, se não for ele não tem mais, o homem precisa ter consciência do seu papel no meio ambiente porque ele é o meio ambiente, ele faz parte é o que mais interage.

ENTREVISTADA-4

Entrevistadora: Primeiramente gostaria de saber o que você entende por “ambiente”?

Entrevistada 4 (coordenadora pedagógica): - Para mim ambiente é todo o espaço e o que tem dentro desse espaço que está ao redor do ser humano. É o que está dentro de um ambiente sempre seja na rua, na escola. Ambiente é todo o espaço e o que contém esse espaço qualquer animal, qualquer espaço e o que está entorno.

Entrevistadora: Sei. Quanto ao seu entendimento de Educação Ambiental?

Entrevistada 4 (coordenadora pedagógica): - Educação Ambiental eu entendo como um conjunto de ações educativas que trabalham a questão da importância desse

ambiente para o ser humano, a importância da preservação, a importância de criações dentro desse ambiente para que melhore, dê conforto para quem está dentro desse ambiente. Essa educação abrange um todo e ela deve ser trabalhada também em conjunto, não só na escola, mas a família trabalhando dentro da sua concepção do que é educação ambiental. Também com ações desenvolvidas dentro de uma escola, dentro de qualquer instituição que se trabalhe educação e acredito muito que a educação ambiental é mais bem desenvolvida através de projetos não só do fundamental, mas, em toda e qualquer ação pedagógica. Acredito muito que ela acontece com êxito através de um projeto porque o projeto contém objetivo a ser alcançado, a metodologia de como fazer as ações, acredito que seja assim na educação ambiental.

Entrevistadora: - Em relação ao Desenvolvimento Sustentável qual a sua percepção?

Entrevistada 4 (coordenadora pedagógica): - De forma sustentável são, por exemplo, nós como paraenses temos uma riqueza enorme de vegetais de floresta Amazônica. Então na minha concepção viver de forma sustentável é o próprio ambiente se sustentando através de suas próprias riquezas e isso implica na questão econômica, no Estado, no País, na questão administrativa, em todos os âmbitos. O desenvolvimento sustentável implica em tudo isso para a melhoria de cada região de cada local. De acordo com as riquezas que esse local tem que não precise buscar de fora porque se torna mais dispendioso. Acredito que isso é ter desenvolvimento sustentável.

Entrevistadora: Quais foram as principais ações implementadas por você, no que se refere a educação ambiental?

Entrevistada 4 (coordenadora pedagógica): - Primeiro nós estamos desenvolvendo um trabalho. Conseguimos esse ano desenvolver um trabalho porque víamos muita situação de perda deterioramento do patrimônio público na escola. Porque a escola é patrimônio público. Acredito que faltou um trabalho com os alunos. Começamos a mostrar para o aluno como é importante um patrimônio público. E esse patrimônio é sustentado por nós mesmos. Porque muitos ainda não têm informação que através dos impostos que pagamos é que se sustentamos. Então não se está fazendo em lugar nenhum esse trabalho. Nós vamos ter agora atividade, que é a gincana em comemoração ao aniversário da escola e nessa gincana nós pensamos muito em fazer atividades dessa questão do meio ambiente aqui da escola. Como eu disse antes meio ambiente é um todo dentro da escola. Tem atividades relacionadas a isso [meio ambiente] a faixa sobre

preservação do patrimônio público mais criativo, com isso o aluno vai se conscientizando, ele vai ter que criar dentro de toda uma situação que já ocorreu. E, a partir desses tipos de atividades é que vamos tentar agora desenvolver. Também, tem a questão da horta que temos na escola e os professores trabalham a questão do meio ambiente. Tem-se também, o desenvolvimento sustentável porque um dos objetivos da horta é melhorar a qualidade da merenda coletando alimentos saudáveis. Lá nada é químico tudo é orgânico. Então, os professores estão tendo todo um trabalho, nós todos estamos tendo de conscientizar os alunos, de incentivar, de informar da importância desse ambiente para que eles tenham uma alimentação saudável. Nós estamos tendo esse trabalho esse ano, porque ano passado foi difícil os alunos corriam em cima da horta, arrancavam cheiro-verde, foi o maior agito ano passado em relação a essa horta. Mas, agora estamos conseguindo contornar a situação em cima desse trabalho.

Entrevistadora: Considera que consegue dinamizar ações de Educação Ambiental na escola?

Entrevistada 4 (coordenadora pedagógica): Estamos conseguindo iniciar o trabalho esse ano, porque ano passado nós demos o ponta pé inicial com a horta agora ela está numa segunda fase.

Entrevistadora: Compreendo. Em relação às competências e habilidades dos diretores para organização e desenvolvimento de uma educação ambiental nas escolas, o que considera como indispensável aos gestores?

Entrevistada 4 (coordenadora pedagógica): - Bem, primeiramente a direção, digo assim, diretor e vice-diretor eles são membros natos do conselho escolar, essa dinamização depende muito do conselho escolar. Acho que a função da direção da escola é primeiramente essa, estar vendo com o conselho escolar como disponibilizar, o que disponibilizar de acordo com as possibilidades na questão financeira, na questão de espaço, estar vendo de acordo com a realidade. É um trabalho em equipe e acho, eu acho não, eu tenho certeza, que toda equipe tem um líder não uma hierarquia. Então pra qualquer ação passa pela direção.

Entrevistadora: O Projeto Político Pedagógico da escola para você trouxe mais valias ao processo de Educação Ambiental?

Entrevistada 4 (coordenadora pedagógica): - O Projeto Político Pedagógico da escola ainda não está completo, falta o coração. Tem histórico, tem toda a parte de avaliação estamos ainda caminhando, esse ano na nossa jornada pedagógica nós definimos alguns

critérios de avaliação para que aconteça na escola como um todo. O que a gente percebeu que o que estava acontecendo, o professor trabalhava de uma forma o outro de outra forma não tinham uma identidade na escola, não tinha um sistema de avaliação é só somativa, é só quantitativa, e qualitativa? Cada professor trabalhava de acordo com o que para ele era avaliação de aprendizagem nós da direção com os professores decidimos em conjunto alguns critérios de avaliação para que a escola tenha essa identidade como é que a escola trabalha a avaliação? Que tipo de avaliação? Sabemos o que o regimento estadual da escola pública tem sobre a questão da avaliação só que tem professores, às vezes, não colocavam uma parte só colocavam outra. Porque temos [avaliação] contínua e somativa acabava que cada um trabalhava de uma forma. Sentimos essa necessidade até para darmos andamento na construção do nosso Projeto Político Pedagógico. O nosso Projeto político Pedagógico como não tinha ações também não tinha definidos os conteúdos e no Ensino Fundamental tinham professores que não tinham conhecimentos dos conteúdos da SEDUC [Secretaria Estadual de Educação] e acabavam se prendendo ao livro didático, mas, não seguindo uma seqüência. E quando o aluno, às vezes, ele tinha de mudar de turma sentia essa dificuldade porque o professor da manhã trabalhava determinados conteúdos outros trabalhavam outros conteúdos que não davam seqüência do que ele [aluno] já tinha visto no outro turno. A nossa jornada definiu também, apresentamos a proposta curricular do Ensino Fundamental que tem os conteúdos em equipes e cada disciplina reuniu com a sua equipe por disciplina e cada disciplina foi construindo o corpo dos conteúdos das respectivas disciplinas. E foi mais um passo que demos para que sejam inseridos também.

Entrevistadora: Ao desenvolver práticas de educação ambiental na escola quais os aspectos que sentiu mais dificuldades?

Entrevistada 4 (coordenadora pedagógica): - Primeiro vou citar o exemplo da horta como nós estávamos sentindo essa dificuldade o projeto da horta é interdisciplinar o nome do projeto é “Laboratório Agrícola na Escola”. Os professores não entendiam porque interdisciplinar. Então sentimos a necessidade também de socializarmos na nossa jornada que até então nós não tínhamos muito acesso, quem tinha era o professor que construiu o projeto. E na Jornada ele foi e socializou com o restante da escola e então os professores se envolveram.

Entrevistadora: Para você quais os principais desafios a serem superados pela gestão escolar quanto à implementação de práticas de educação ambiental?

Entrevistada 4 (coordenadora pedagógica): - Despertar de forma geral, enquanto escola, o interesse dos alunos pelo ambiente através de ações pedagógicas. A gestão, ela dá um norte, a função da gestão é dar um norte para que seja caminhado, para que se possa alcançar o êxito da educação ambiental e o início desse caminho é despertar o interesse desses alunos pela escola, pelo espaço, pela preservação do espaço. Fazer com que o aluno sinta a necessidade de preservar o seu espaço.

ENTREVISTADA-5

Entrevistadora: Inicialmente, o que você entende por “ambiente”?

Entrevistada 5 (coordenadora pedagógica): - Ambiente compreende um conjunto de realidades ambientais, considerando a diversidade do lugar e a sua complexidade, referente à vida cotidiana: casa, escola, e trabalho.

Entrevistadora: Nessa perspectiva, qual o seu entendimento de Educação Ambiental?

Entrevistada 5 (coordenadora pedagógica): - É uma formação de valores que sensibilizam o ser humano no respeito à preservação do meio ambiente, é uma vivência na sustentabilidade.

Entrevistadora: - Quanto ao Desenvolvimento Sustentável qual a sua percepção?

Entrevistada 5 (coordenadora pedagógica): - O conceito de desenvolvimento sustentável é muito amplo, e por vezes, ainda vago. Viver de forma sustentável é ter uma sociedade capaz de satisfazer as necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade e as oportunidades das gerações futuras.

Entrevistadora: Quais foram as principais ações de educação ambiental no exercício de seu cargo?

Entrevistada 5 (coordenadora pedagógica): - Organização de projetos que contemplassem a educação ambiental possibilitando a comunidade escolar uma reflexão e discussão de temas atualizados sobre a realidade, referente ao meio ambiente e a sua preservação.

Entrevistadora: Então, considera que consegue dinamizar ações de Educação Ambiental na escola?

Entrevistada 5 (coordenadora pedagógica): - Sim, a partir do momento que as pessoas se propõem a desenvolver essas ações elas podem ser implementadas. Mas, elas, precisam ser sensibilizadas. Pois, se a consciência das pessoas não for atingida não serão envolvidas nas ações. Porque muitas informações são vinculadas, mas, as pessoas não tomam para si como vivências. Por isso, que as políticas ambientais não são efetivas, porque a sociedade não tem consciência. Pois, para mim tudo começa através da sensibilização que desperta a consciência das pessoas quanto a uma atuação de boa convivência com o meio ambiente homem/natureza.

Entrevistadora: Para você quais as competências e habilidades indispensáveis aos diretores para organização e desenvolvimento de uma educação ambiental nas escolas?

Entrevistada 5 (coordenadora pedagógica): - É o reconhecimento da importância da educação ambiental para formar cidadãos conscientes do seu papel na sociedade. Ele precisa viabilizar ser um agente, gerenciar, gestar projetos que contemplem a educação ambiental na escola de forma dinâmica para que os objetivos sejam alcançados, articular ações junto com a comunidade que atenda as necessidades da comunidade em relação ao meio que vivem. Muitas vezes a comunidade não sabe como lidar com o lixo, a higiene, tudo isso são atividades de educação ambiental. O tratamento de água, de que forma a comunidade pode estar organizando estratégias para evitar prejuízo para si próprio e ao meio ambiente.

Entrevistadora: Em relação ao Projeto Político Pedagógico, para você trouxe mais valias ao processo de Educação Ambiental?

Entrevistada 5 (coordenadora pedagógica): - O Projeto Político pedagógico enquanto processo coletivo de construção de ações para contribuir com a melhoria da escola ele traz contribuições para a educação ambiental na medida em que ele continua a dimensão dessa formação ambiental. Ele é válido sim, quando é colocado em prática juntamente com as propostas de educação ambiental para que seja eficaz no ambiente escolar. Não adianta abranger propostas de educação ambiental ele precisa ser colocado em prática com a participação de toda a comunidade escolar, que eles se sintam responsáveis na implementação de melhorias na relação do ser humano com a natureza.

Entrevistadora: E, quais os aspectos que sente mais dificuldades ao desenvolver práticas de educação ambiental na escola?

Entrevistada 5 (coordenadora pedagógica): - A falta de reconhecimento das pessoas que não se visualizam enquanto parte do meio ambiente, não reconhece que o meio ambiente faz parte de sua vida que ele precisa para viver. A resistência das pessoas quanto à mudança de comportamento que possibilite melhorias na sua condição de vida e na relação com o meio ambiente. A comodidade das pessoas quanto a um modelo de vida não sustentável, incentivado pelo modo de produção capitalista, que incentiva uma sociedade de consumo.

Entrevistadora: Para finalizar, para você quais os principais desafios a serem superados pela gestão escolar no que se refere à implementação de práticas de educação ambiental?

Entrevistada 5 (coordenadora pedagógica): - Articulação com a comunidade escolar na elaboração de projetos que implementa ações voltadas para educação ambiental. Sensibilização da comunidade quanto à importância da educação ambiental na sua vida prática.

PROTOCOLO DE ENTREVISTAS- ESCOLA 2

ENTREVISTADA-1

Entrevistadora: Para começar gostaria de saber o que você entende por “ambiente”?

Entrevistado 1 (diretor): - É todo o espaço em que convivemos com as pessoas, animais, florestas. Enfim é o local onde vivemos.

Entrevistadora: E, qual é o seu entendimento de Educação Ambiental?

Entrevistado 1 (diretor): - É a preservação da natureza, da água e de tudo que está a sua volta.

Entrevistadora: No que se refere ao Desenvolvimento Sustentável para você em que consiste viver de forma sustentável?

Entrevistado 1 (diretor): Consiste em preservar o meio ambiente sem destruí-lo, tirar desse meio ambiente elementos necessários para a sua sobrevivência sem destruir, preservando e conservando esse meio ambiente porque é dali que se alimenta.

Entrevistadora: Compreendo. E quais foram as principais ações de educação ambiental implementadas, no exercício de seu cargo?

Entrevistado 1 (diretor): - A escola desenvolve a conscientização ambiental, a educação do dia da água, faz palestras com as crianças para preservar a água, para

economizar a água doce que está terminando. A gente procura fazer esse trabalho de conscientização e esclarecimentos com as crianças. Então, aqui sempre tem esses trabalhos pedagógicos em relação ao meio ambiente, à questão do lixo, a reciclagem, lixo reciclado. A escola faz esse trabalho de conscientizar as crianças porque nós acreditamos que esclarecendo e conscientizando a criança é mais fácil de em casa elas esclarecerem e conscientizarem os seus pais. Então é a futura geração e seu responsável. Tenho feito trabalho de preservação e conservação, desde passeios. Levá-los para o museu, para o parque do Utinga, para eles vivenciarem essa situação. Então de vez em quando as crianças são levadas a passeios não só aqui nas áreas internas, mas nas áreas externas.

Entrevistadora: Em seu cotidiano na escola considera que se consegue dinamizar ações de Educação Ambiental?

Entrevistado 1 (diretor): - Consegue sim. A gente vê até na hora do intervalo muitos trazem o seu saquinho de bolacha, o pai compra. E, quando um vai jogar, o outro diz não joga o lixo no chão, lugar de lixo é no lixo, então aos poucos, não são todos, mas alguns já desenvolvem essa consciência. Eles não jogam pedras nos pombos, aqui nós temos pombos, mas eles não jogam pedras nos pombos, não ficam agredindo os animais.

Entrevistadora: Nesse sentido, quais seriam as competências e habilidades indispensáveis aos diretores para organização e desenvolvimento de uma educação ambiental nas escolas?

Entrevistado 1 (diretor): - Com a equipe pedagógica procuro envolver todos os profissionais, não só os professores, mas também os funcionários, para que eles possam também dar condições de se desenvolver um trabalho qualitativo a respeito da preservação, da conservação do meio ambiente, trazendo pessoas para fazer palestras na escola, convidando pessoas, material didático a disposição dos professores, a disposição dos discentes. Então, a gente procura dessa forma, criar esses mecanismos para que os professores possam desenvolver de uma forma qualitativa as suas atividades pedagógicas.

Entrevistadora: Muito bem. Mas, em relação ao Projeto Político Pedagógico, para você trouxe mais valias ao processo de Educação Ambiental?

Entrevistado 1 (diretor): - Na educação como um todo. O nosso modelo educacional é feito, pautado, direcionado pelo que está no Projeto Político Pedagógico da escola.

Então eu acho que esse Projeto Político Pedagógico que é feito aqui com reuniões, com participações, nós trouxemos agora técnicos da SEDUC [Secretaria Estadual de Educação] para fazer palestras com os professores sobre avaliação, também sobre manejo de classe e sobre outros aspectos. Então tudo sobre o Projeto Político Pedagógico da escola foi definido, o planejamento pedagógico da escola também é pautado para seguir o que está no Projeto Político Pedagógico, como diretriz.

Entrevistadora: Quanto aos aspectos que sente mais dificuldades ao desenvolver práticas de educação ambiental na escola? Poderia exemplificar alguns?

Entrevistado 1 (diretor): - A participação da comunidade escolar. A comunidade lá fora, de fora da escola que a gente convida e não aparece ninguém e alguns pais. Tem pais que vem para as organizações escolares que tem manifestações, os esclarecimentos. Então às vezes isso dificulta, não vem e não traz nem as crianças, então essa falta de engajamento por parte de todos é que dificultam o traçar, o delimitar de alguns planejamentos pedagógicos, principalmente, os voltados para o meio ambiente.

Entrevistadora: Para findar a nossa conversa, quais os principais desafios a serem superados pela gestão escolar quanto à implementação de práticas de educação ambiental?

Entrevistado 1 (diretor): - Eu acho que o maior desafio mesmo é trazer essas pessoas porque se nós conseguirmos conscientizar, esclarecer as pessoas da importância de sua participação para preservação do meio ambiente, nós estaremos conseguindo superar esses problemas que nós estamos presenciando de lixo na rua, pessoas que jogam latinha pelo ônibus. Então eu acho que esse é o maior problema nós ainda não conseguimos esclarecer, conscientizar as pessoas trazer essas pessoas para dentro da escola pra que elas possam se engajar, juntamente conosco na preservação do meio ambiente.

ENTREVISTADA-2

Entrevistadora: Primeiramente, gostaria de saber o que você entende por “ambiente”?

Entrevistada 2 (vice-diretora): - No meu entendimento é o meio onde a gente vive, em casa, na rua, aqui, em qualquer lugar.

Entrevistadora: Dando continuidade, gostaria de saber qual o seu entendimento de Educação Ambiental?

Entrevistada 2 (vice-diretora): - Educação ambiental é respeitar primeiro o ser humano. E respeitar também as árvores porque tem pessoas que não entendem que a árvore, assim como as plantinhas, elas tem vida, respeitar, manter o ambiente limpo, é cuidar da natureza inclusive da nossa casa, também nossa família.

Entrevistadora: Em relação a sua percepção de Desenvolvimento Sustentável, para você em que consiste viver de forma sustentável?

Entrevistada 2 (vice-diretora): - Sustentável é a pessoa que trabalha e se sustenta. Viver sustentável é quando a gente trabalha e se sustenta. É quando a gente trabalha no campo pra se sustentar. Você colhe o que você planta.

Entrevistadora: Quanto ao exercício de seu cargo quais foram as principais ações de educação ambiental implementadas por você?

Entrevistada 2 (vice-diretora): - Nós já tivemos uma horta, só que essa horta não cuidaram. A antiga orientadora que cuidava dos alunos aqui da escola, ela se organizou assim, cada aluno da escola traria uma plantinha e essa plantinha eles iriam cuidar, justamente com os funcionários da escola, todos nós. Para dar fruto. Por exemplo, goiabeira, a gente plantou, mas, secou e aí não teve jeito, teve que cortar. O que aconteceu foi que naquele momento em que a técnica estava elaborando esse projeto para disponibilizar a todos os funcionários, teve o desinteresse de alguns funcionários. Quer dizer, não regavam. Poucas pessoas estavam cuidando daquela plantação, daquela horta, não teve êxito. E também, não teve da nossa parte muita divulgação em ir às salas. Por exemplo, não estou aqui vinte e quatro horas. Então, na nossa ausência não davam continuidade, o que aconteceu, morreu as plantinhas, morreu o pé de tomate, porque não cuidaram do meio ambiente. E também nós fizemos um projeto sobre a higiene nas salas, os alunos mesmos viam o papel e iam colocando no lixeiro. Depois não teve mais alguém, a orientadora foi embora nessa época, faz tempo. Há desinteresse total e funcionário só faz quando a gente pede, conclusão veio à chuva, veio o sol, eram poucos os que cuidavam. Agora mato é que tem demais e o diretor é que tem de mandar cuidar do meio ambiente e o meio que a gente vive, não é só árvore e animal eu acho que também são as pessoas.

Entrevistadora: Você considera possível dinamizar ações de Educação Ambiental em seu dia-a-dia na escola?

Entrevistada 2 (vice-diretora): - É possível sim, se todos colaborarem. Porque é uma coisa muito difícil de trabalhar, principalmente, com os funcionários, alunos até que a

gente conscientiza. Mas, tem que ter a professora ao lado. (...) É falta de conscientização e aceitação de todos da comunidade escolar. Lidamos com o público, pessoas de todas as partes a gente não sabe quem é que tem boas intenções, quem tem más intenções, quem ver cara não vê coração. (...) Os professores também têm que trabalhar isso para melhorar, para ser uma coisa mais eficaz é preciso conscientizar, responsabilizar cada um. A gente conscientiza, mas não há êxito, porque não há uma integração de todo mundo toda comunidade desde o diretor, vigia, porteiro, servente e merendeira. Para falar da direção é rápido que aparece, mas para a gente pegar essas pessoas para trabalhar é difícil. Aqui não deu certo por causa disso, porque nem todos se responsabilizaram em ajudar e quando a gente chegava aqui via lá, tudo seco porque o funcionário da manhã não fez e o da tarde também não fazia então pra falar conversar convencer. É difícil incluir todos.

Entrevistadora: Realmente. Nessa perspectiva, para você quais as competências e habilidades indispensáveis aos diretores para organização e desenvolvimento de uma educação ambiental nas escolas?

Entrevistada 2 (vice-diretora): Incluir todas as pessoas. Não tem competência, mas tem consciência. Eu acho que todos teriam que ajeitar, todos deveriam ter a conscientização de manter o ambiente da escola, mesmo em casa. Não é todo mundo que tem habilidade de cuidar de uma planta não é porque ela não tem habilidade que não vai ajeitar tirar o sujo, regar, jogar uma água não é preciso toda hora. Então articular o todo da comunidade para trabalhar as ações.

Entrevistadora: O que você poderia me dizer do Projeto Político Pedagógico, para você trouxe mais valias ao processo de Educação Ambiental?

Entrevistada 2 (vice-diretora): - O projeto político pedagógico tem filosofia da escola, regulamento da escola e a educação ambiental também está incluída, não é preciso falar, só no modo de agir e impor a prática já estamos trabalhando. E o nosso projeto aqui está presente em todos os dias em todos os momentos. O planejamento se desenvolve na escola, é geral.

Entrevistadora: E em relação às dificuldades, quais os aspectos que sente mais dificuldades ao desenvolver práticas de educação ambiental na escola?

Entrevistada 2 (vice-diretora): - A dificuldade é o envolvimento de todos. Como lhe falei, nem todos estão envolvidos quando a gente marca uma reunião para tratar de assunto da escola geral eles não vêm porque tem outras escolas, outros assuntos, então

isso é uma dificuldade, o envolvimento de todos. E o projeto não é só o professor, diretor, técnico, projeto também é funcionário e eles não participam porque não gostam de participar ou eu não sei qual é a situação. Não sei se sentem inferiorizados ou sentem que não são capazes, não sei. Não quero generalizar. Porque todas as vezes que marcamos uma reunião, eles inventam uma desculpa, diz que tem que ir embora, acho que não é isso, a gente trabalha com todas as instruções, com todos, eles acham, o pessoal de apoio, que por não terem estudo não são capazes de criar, de participar, eu acho que é isso.

Entrevistadora: Para concluir, para você quais os principais desafios a serem superados pela gestão escolar quanto à implementação de práticas de educação ambiental?

Entrevistada 2 (vice-diretora): Inclusão de todos no trabalho da escola.

ENTREVISTADA-3

Entrevistadora: Bem, para começar gostaria de saber o que você entende por “ambiente”?

Entrevistada 3 (coordenadora-pedagógica): Em relação à escola, é o espaço onde você se sinta bem, por exemplo, aqui na escola a gente tem um espaço muito bom e não é aproveitado da maneira como poderia ser, um lugar onde você possa desenvolver suas atividades da melhor forma e se sentir bem naquele lugar, penso no ambiente não só o externo como o interno, e não só o ambiente como natureza, mas um ambiente como um todo.

Entrevistadora: Ainda nessa perspectiva, qual o seu entendimento de Educação Ambiental?

Entrevistada 3 (coordenadora pedagógica): - Eu penso educação ambiental desde você ter a consciência, por exemplo, não jogar o lixo. Quando você come uma bala, a partir do momento que você guarda aquele lixo na sua bolsa, não joga no meio ambiente pra não sujar, eu penso que você já está tendo uma educação referente à natureza ao meio ambiente. Eu penso que a educação ambiental não é só pra ser feita na escola.

Entrevistadora: E em relação ao Desenvolvimento Sustentável para você em que consiste viver de forma sustentável?

Entrevistada 3 (coordenadora pedagógica): - Pra mim o principal é o cuidado com o lixo, eu acho que é o principal, porque eu moro sozinha, então eu produzo muito lixo na

minha casa e fico espantada, porque eu passei a observar o quanto de lixo que eu produzo, o quanto de lixo que eu joga no meio ambiente por dia, de quilos, porque são tantas coisas, a partir do momento que você compra, vai comprar um biscoito, uma bala no supermercado ali você já tem o papel da notinha, são várias situações, só de papel, fora as embalagens, nota de compras que são enormes, notinha de remédios que você vai comprar na farmácia, tem a bula, então a questão do lixo é uma questão muito séria, muito séria mesmo. Porque penso onde vão jogar todo esse lixo? Então cada vez eu fico observando as pessoas, porque a nossa cidade é muito suja, as pessoas não tem noção do que fazer com o lixo, a maioria, onde tu olhas tem uma quantidade de lixo que é jogada. Então eu me preocupo com isso e me incomodo muito, quando eu saio na rua e vejo a quantidade de lixo que é jogada sem preocupação nenhuma.

Entrevistadora: Em relação às ações de educação ambiental. No exercício de seu cargo quais foram as principais ações implementadas por você?

Entrevistada 3 (coordenadora pedagógica): - Eu tentei aqui na escola trabalhar com educação ambiental, mas eu fiquei tão desmotivada com os professores, com a resistência que eu fiquei parada eu nem toquei mais no assunto. Pois é, eu comecei divulgar minhas idéias com os alunos, com os professores, com os pais, a gente fez uma reunião e conseguimos até participações muito legais, alguns pais disseram “eu posso conseguir a grama pra melhorar o ambiente da escola, para o ambiente da escola ficar mais bonito, eu posso trazer, conseguir lá onde eu trabalho”. Eu fiquei muito feliz com a reunião, com o resultado, em relação aos pais que poderiam está participando do projeto. Depois, ficou naquilo inviabilizou, e eu fiquei ‘e ai?’ e os professores nem aí, não ligaram, eles faziam a HP, o horário pedagógico e conversavam, conversavam e já desviavam para outro assunto, que não tinha ligação com o que se estava pensando e acabou que com os problemas do dia a dia a gente não colocou em prática a idéia do projeto de educação ambiental que era melhorar o espaço da escola, o ambiente, deixar mais bonito. E como o mato cresce rápido, a idéia era colocar grama em tudo porque eu acho que fica mais fácil fazer a manutenção, a idéia era muito boa, mas não foi viabilizada.

Entrevistadora: Bem, nesse contexto. Considera que consegue dinamizar ações de Educação Ambiental em seu cotidiano da escola?

Entrevistada 3 (coordenadora pedagógica): Eu penso que é possível, mas, é difícil e complicado.

Entrevistadora: Entendo. Então, para você quais são as competências e habilidades indispensáveis aos diretores para organização e desenvolvimento de uma educação ambiental nas escolas?

Entrevistada 3 (coordenadora pedagógica): - Primeiro é apoiar os projetos, incentivar. E o apoio é tanto financeiro como estar ali na frente com a gente. Então da gestão eu sinto falta desse apoio. Mas, as idéias são muito boas, as reuniões são muito boas. Mas, eu penso que tem que colocar no papel mesmo e colocar em prática e concretizar.

Entrevistadora: Sei. E, em relação ao Projeto Político Pedagógico, para você trouxe mais valias ao processo de Educação Ambiental?

Entrevistada 3 (coordenadora pedagógica): - Na verdade a gente ainda não discutiu sobre isso, não teve uma reunião pra falar sobre o PPP [Projeto Político Pedagógico]. Conversamos muito sobre projetos, muitas ações. Mas, não teve nada sobre a questão do PPP [Projeto Político Pedagógico]. Infelizmente o PPP [Projeto Político Pedagógico] é algo engavetado na escola.

Entrevistadora: No que se refere, às dificuldades, quais os aspectos que sente mais dificuldades ao desenvolver práticas de educação ambiental na escola?

Entrevistada 3 (coordenadora pedagógica): - Na escola, dentro da escola, a gente tem que trabalhar a educação ambiental. Mas, é complicado, é muito complicado aqui, porque eu tenho observado que em relação aos professores, é muito complicado. Está havendo uma resistência. A gente tenta trabalhar, desde que eu entrei aqui tentamos fazer um projeto, mas há muita resistência e eu fiquei muito desmotivada. Tanto que fico mais com o trabalho direto com os alunos, eu fico ali observando tentando atender da melhor forma, sempre procurando estar trabalhando educação ambiental. Mais de orientação na prática mesmo não está havendo, mais na conversa, teoria, a gente escreve os projetos, tem vários engavetados. Mas, na prática não está acontecendo. Tem dificuldades, muitas dificuldades. Penso então que a educação ambiental para acontecer tem que ter essa disponibilidade, essa busca mesmo para colocar em prática. Porque acho que está muita na teoria a educação ambiental. Às vezes, fazem uma passeata ou fazem uma divulgação de como preservar como cuidar do lixo. Eu estava lendo uma revista que dizia que não existe lixo. E é verdade, tudo pode ser reaproveitado, tudo. Mas, acho que falta muito, ainda é pouco o trabalho de reaproveitamento. Acho que não existe um projeto grande do governo que pudesse investir mais em empresas que fossem

aproveitados nesse trabalho e que o lixo fosse realmente reaproveitado. Também o trabalho em equipe aqui, eu acho que fala muito as idéias, mas, acho que está faltando aquele trabalho de equipe, falta na escola. Está muito fragmentado. Cada um no seu mundinho muito individualizado acho que isso dificulta muito.

Entrevistadora: Compreendo. Para terminar gostaria de saber quais os principais desafios a serem superados pela gestão escolar quanto à implementação de práticas de educação ambiental?

Entrevistada 3 (coordenadora pedagógica): - Eu tento fazer a minha parte de está ali buscando, conversando. Mas, às vezes eu me sinto excluída de certos assuntos. Então, é complicado. Eu já trabalhei em outras escolas e o trabalho também é fragmentado.

ENTREVISTADA-4

Entrevistadora: Inicialmente gostaria de saber o que você entende por “ambiente”?

Entrevistada 4 (coordenadora pedagógica): - Como é que eu vou responder é um espaço, qualquer espaço de convivência é um ambiente.

Entrevistadora: E qual o seu entendimento de Educação Ambiental?

Entrevistada 4 (coordenadora pedagógica): - Eu acho que é a educação voltada para a preservação desse ambiente que a gente vive, desses vários ambientes que a gente vive.

Entrevistadora: Então, para você em que consiste viver de forma sustentável?

Entrevistada 4 (coordenadora pedagógica): - Eu acho que é o Capra que fala o seguinte e, eu concordo. É o viver e usufruir o que nós temos, mas, dentro de uma perspectiva de futuro do pensar nas novas gerações, nas outras gerações que estão por vir de forma que essa futura geração ainda possa usufruir das mesmas coisas que a gente tem. A sustentabilidade hoje, quando a gente fala na questão do meio ambiente é a questão de tirar uma planta e plantar outra no lugar. Eu acho que é mais ou menos isso é eu estar usufruindo porque preciso, se for dentro de uma empresa que precisa estar explorando. Mas se só explorar isso vai acabar, porque a gente tinha esse engano um tempo atrás. Estava até falando de uma reportagem sobre a água, que o Brasil estava saindo como um dos exemplos de como fazer a água, isso dentro dessa perspectiva que a gente não tinha antes que a água pode acabar. Então se a gente continuar nesse mesmo paradigma que tem muita água por aí e a gente não consome de forma inescrupulosa e

as futuras gerações vão usufruir? Vão ter essa água farta que a gente acha que existe? Dentro desse despertar é que as novas tecnologias, as novas invenções já estão se adaptando a essa sustentabilidade.

Entrevistadora: Quais foram as principais ações de educação ambiental desenvolvidas por você no exercício de seu cargo?

Entrevistada 4 (coordenadora pedagógica): - Aqui um projeto ambiental não tem. Agora, a gente trabalha no cotidiano a preservação do patrimônio que não deixa de ser uma questão ambiental porque se hoje chegam às carteiras na sala de aula o aluno vai e quebra são mais árvores que serão cortadas para fazer novas cadeiras, se o aluno brinca com o papel, tira o papel do caderno e joga lixo, lixo. Então tem que ter essa consciência de onde vem esse papel? Então dentro dessa perspectiva de preservação do patrimônio é que tem se trabalhado, porque projeto de Educação Ambiental não temos.

Entrevistadora: Na escola considera que consegue dinamizar ações de Educação Ambiental?

Entrevistada 4 (coordenadora pedagógica): - Consegue-se sim melhorar, mas é difícil porque a gente sempre quer resultado rápido, a angústia é querer isso que chame atenção hoje e amanhã já esteja tudo ok. Que nada! Tem que está batendo naquela tecla por longo período, porque aqui é uma questão de cultura, e está mexendo até na cultura.

Entrevistadora: Bem, mas, para você quais as competências e habilidades indispensáveis aos diretores para organização e desenvolvimento de uma educação ambiental nas escolas?

Entrevistada 4 (coordenadora pedagógica): - Isso é fundamental, sobre um dos grandes problemas que eu estou enfrentando na coordenação é que está muito 'departamentalizado'. (...) Então, o coordenador se envolve com o pedagógico, o diretor não sei com o quê se envolve. Mas, o diretor aqui ele deixa ele bem claro cuida do pedagógico que eu não entendo. Como é diretor de uma escola se não entende do pedagógico como vamos conseguir desenvolver um projeto que é um projeto ambiental. Então isso é fundamental esse envolvimento, ele tem que se envolver com a prática. Então a função dele não é gestar todo o processo de educação na escola ou ele é um mero burocrata de assinar papéis. Isso que eu vejo aqui. Por exemplo, acho que o diretor é como se fosse aquele cara na Itália, não tem aqueles gandoleiros? Que vai direcionando os barcos? Ele é assim, deve ser assim, ele que tem que está direcionando, vamos lá, incentivando, olhar o que a gente pode fazer porque ele é que sabe até onde a

escola pode ir, porque eu posso fazer como técnica, eu posso fazer um projeto. Mas, pode esbarrar na questão financeira que ele sabe até onde vai. Senão está aqui para discutir, se excluem desse processo de discussão as coisas não saem.

Entrevistadora: E o Projeto Político Pedagógico? Para você trouxe mais valias ao processo de Educação Ambiental na escola?

Entrevistada 4 (coordenadora pedagógica): - Traz, mas, aqui ainda não trouxe, o Projeto Político Pedagógico ele precisa do todo coletivo, trabalhando em prol de uma causa única na escola. Ficou apenas o projeto como um documento que a escola tem que ter para a eleição, é apenas um documento que ninguém consulta que ninguém avalia, apenas existe.

Entrevistadora: Entendo. E em relação às dificuldades, sente dificuldades ao desenvolver práticas de educação ambiental na escola?

Entrevistada 4 (coordenadora pedagógica): - A questão do projeto em si, eu que trabalho com professores de hora/aula sinto muita dificuldade é o envolvimento de todos os professores. Já tem essa questão da dificuldade da direção, ainda tem a dificuldade da equipe docente que ainda não estão apesar dessa discussão de projetos já ter a muito tempo, mas a maioria dos professores ainda não tem a prática do projeto a gente vê muito isso como agora na Jornada Pedagógica. ‘E ai, mas a gente não vai perder tempo com o projeto e o conteúdo?’

Entrevistadora: Finalizando, para você quais os principais desafios a serem superados pela gestão escolar quanto à implementação de práticas de educação ambiental?

Entrevistada 4 (coordenadora pedagógica): - Essa fragmentação, que eu sou apenas o diretor burocrático eu não sou pedagógico. Eu sou apenas o professor da área x eu não posso me envolver na questão ambiental. Ele [o diretor] ainda não viu que o conhecimento não tem essa história, então a gestão tem que parar com essa visão do eu e vê o todo que ele é o gestor de uma instituição. Ele é gestor de um projeto maior da educação, então no dia que ele perceber isso, os projetos vão sair da gaveta.

ENTREVISTADA-5

Entrevistadora: De início gostaria de saber o que você entende por “ambiente”?

Entrevistada 5 (coordenadora pedagógica): - Ambiente são todos os elementos que se encontram ao redor do ser humano e com os quais este interage para garantir sua sobrevivência. Nem esta relação ocorre de forma pacífica.

Entrevistadora: Nessa perspectiva, qual o seu entendimento de Educação Ambiental?

Entrevistada 5 (coordenadora pedagógica): - É o processo de formação que ocorre para que o homem ao se relacionar com a Natureza o faça de forma a preservar os elementos naturais.

Entrevistadora: E quanto ao Desenvolvimento Sustentável qual a sua percepção? Em que consiste viver de forma sustentável?

Entrevistada 5 (coordenadora pedagógica): - É a exploração dos recursos naturais para fins econômicos tendo a preocupação de não causar destruição e mantendo a natureza em equilíbrio.

Entrevistadora: No que se refere a educação ambiental, quais as principais ações implementadas no exercício de seu cargo?

Entrevistada 5 (coordenadora pedagógica): - Nenhuma. Acredito que esta questão virou modismo e escola realiza um trabalho na superficialidade e não incorpora práticas ambientalmente corretas no seu dia-a-dia. Um exemplo disso é a utilização de copos descartáveis.

Entrevistadora: No seu dia-a-dia na escola considera que consegue dinamizar ações de Educação Ambiental?

Entrevistada 5 (coordenadora pedagógica): - Não. Há uma resistência muito grande para que isto ocorra apesar do discurso apontar em outro sentido.

Entrevistadora: Entendo. Nesse sentido, para você quais as competências e habilidades indispensáveis aos diretores para organização e desenvolvimento de uma educação ambiental nas escolas?

Entrevistada 5 (coordenadora pedagógica): - Realizar um planejamento interdisciplinar. Ter uma forte liderança para envolver todos os segmentos da escola nessas ações.

Entrevistadora: Quanto ao Projeto Político Pedagógico, para você trouxe mais valias ao processo de Educação Ambiental?

Entrevistada 5 (coordenadora pedagógica): - Não.

Entrevistadora: E em relação às dificuldades, quais os aspectos que sente mais dificuldades ao desenvolver práticas de educação ambiental na escola?

Entrevistada 5 (coordenadora pedagógica): - Falta de Recursos; Formação dos professores inadequada; A não previsão de tempo para estas práticas; A apatia dos professores para o tema; etc.

Entrevistadora: Concluindo. Para você quais os principais desafios a serem superados pela gestão escolar quanto à implementação de práticas de educação ambiental?

Entrevistada 5 (coordenadora pedagógica): - Se faz necessária uma mudança estrutural para que a educação ambiental seja incorporada ao fazer pedagógico cotidiano da escola.

ANEXO II



QUESTIONÁRIO

Parte I: Dados Profissionais

- 1- Data: _____/_____/_____
- 2- Idade: () < 30
 () 30-34
 () 35-39
 () 40-44
 () 45 ou mais
- 3- Sexo: () Masculino () Feminino
- 4- Tempo de serviço em 31/01/2010 _____ anos
- 5- Habilitação Acadêmica _____
- 6- Situação profissional (Marque só um X)
 () Concursado () Contratado
- 7- No ano letivo (2008/2009) lecionou nesta escola? (Marque só um X)
 Sim () Não ()

Parte II: Concepções dos Professores sobre Educação Ambiental

- 8- O que você entende por “ambiente”?
- 9- Por conseguinte, qual o seu entendimento de educação ambiental?
- 10- Em relação ao Desenvolvimento Sustentável para você, em que consiste viver de forma sustentável?
- 11- A Educação Ambiental como tema transversal e interdisciplinar tem sido praticado na escola? (Marque só um X).
 Sim () Não () Não sei ()
- 12- Você trabalha o tema meio ambiente em sua sala de aula? Sumariamente justifique sua resposta:
 Sim () Não ()

Parte III- As competências e habilidade necessárias à gestão escolar para organização e desenvolvimento de uma educação ambiental.

- 13- Como você define o papel do diretor na escola para organização e desenvolvimento de uma educação ambiental?

- () Muito importante
- () Importante
- () Pouco importante
- () Sem importância

14- Quais as principais competências que o diretor precisa demonstrar em sua atuação para o desenvolvimento de uma educação ambiental na escola?

Parte IV: Contribuição do Projeto Político Pedagógico da escola na implementação de ações para a educação ambiental.

15- Para você quais as habilidades/aptidões devem ter o diretor da escola no desenvolvimento da educação ambiental?

16- Como você avalia o Projeto Político Pedagógico da escola?

- () Muito importante
- () Importante
- () Pouco importante
- () Sem importância

17- O Projeto Político Pedagógico trouxe algo de novo a cerca da Educação Ambiental? Sumariamente justifique sua resposta.

Sim () Não ()

18- Sua prática pedagógica mudou, a partir do desenvolvimento do Projeto Político Pedagógico da escola? Sumariamente justifique sua resposta.

Sim () Não ()

19- Encontra algum tipo de dificuldades em pôr em prática o Projeto Político Pedagógico da escola? Sumariamente justifique sua resposta.

Sim () Não ()

Parte V: Desafios e limitações vivenciados pelos professores no cotidiano escolar, para práticas de educação ambiental.

20- Utiliza com frequência práticas de educação ambiental com os alunos? Caso a resposta seja SIM. Dê exemplos de algumas dessas práticas.

Sim () Não ()

21- Quando necessário tem o apoio da gestão da escola nas atividades de educação ambiental? Sumariamente justifique sua resposta citando alguns exemplos.

Sim ()

Não ()

22-Quais as principais dificuldades em efetivar a educação ambiental? Exemplifique de que maneira essas dificuldades se evidenciaram na escola.

23-Quais os desafios que considera mais importantes para que se efetive a educação ambiental na escola?